



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAHIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

INAIRAN CRISTINO CUNHA

**TRABALHADORES DE SONHO E DE PÓ: GARIMPANDO HISTÓRIAS,
EXTRAINDO SUBJETIVIDADES E LAVRANDO SENSIBILIDADES NAS
BANQUETAS DE CAULIM EM JUNCO DO SERIDÓ – PARAÍBA**

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

2012

INAIRAN CRISTINO CUNHA

**TRABALHADORES DE SONHO E DE PÓ: GARIMPANDO HISTÓRIAS,
EXTRAINDO SUBJETIVIDADES E LAVRANDO SENSIBILIDADES NAS
BANQUETAS DE CAULIM EM JUNCO DO SERIDÓ – PARAÍBA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em História. Área de concentração: História, Cultura e Sociedade. Linha de Pesquisa 02: Cultura, Poder e Identidades.

Orientador: Prof. PhD. Iranilson Buriti de Oliveira.

CAMPINA GRANDE

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

C972t

Cunha, Inairan Cristino.

Trabalhadores de sonho e de pó: garimpando histórias, extraindo subjetividades e lavrando sensibilidades nas banquetas de caulim em Junco do Seridó – Paraíba / Inairan Cristino Cunha.- Campina Grande, 2012.

152f.: il. col.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Orientador: Prof. PhD. Iranilson Buriti de Oliveira.

Referências.

1. Sensibilidades. 2. Subjetividades. 3. Banquetas. 4. Garimpeiros.
5. Junco do Seridó - PB. I. Título.

CDU 930.85 (043)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Às 14:30 horas do dia 28(vinte e oito) de março de 2012 (dois mil e doze), no(a) Auditório Fábio Gutenberg (AB-100) Universidade Federal de Campina Grande, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno(a) INAIRAN CRISTINO CUNHA, intitulada “Trabalhadores de sonho e de pó: Garimpando histórias, extraíndo subjetividades e lavrando sensibilidades nas banquetas de caulim em Junco do Seridó-Paraíba”, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito “**Aprovado com distinção**”, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores; Iranilson Buriti de Oliveira (orientador(a)), Joedna Reis de Meneses e Regina Coelli Gomes Nascimento. Assinam também a presente Ata a Coordenadora do Programa a Profa. Juciene Ricarte Apolinário e o Secretário do PPGH, José Arnaldo Paulino Dantas, para os devidos efeitos legais.

Parecer: A dissertação atende aos requisitos de um texto final estabelecidos pelo PPGH. Solicita-se que o mestrando proceda em as recomendações feitas pela Banca.

Campina Grande-Pb, 28 de março de 2012.

1. Iranilson Buriti
2. Joedna Reis de Meneses
3. Regina Coelli Gomes Nascimento
- 4.
5. J. Arnaldo Paulino Dantas

A Deus,
Que em nome de Jesus e pela interseção de Nossa Senhora, iluminou
o meu corpo, a minha mente e o meu espírito com os Dons do Espírito
Santo, dando-me forças na luta diária para escrever esta dissertação.

A Ana Livia,
Meu orgulho e minha vida.

A Eleonora,
Pelo amor, pelas palavras de carinho e de alerta para o estudo.

Aos meus pais, Inácio e Iranete,
Que me deram a vida e os ensinamentos para tornar-me uma pessoa
do bem.

A minha sogra, Gorete (in memoriam).
Aos meus anjos de luz, Isabele e Iris (in memoriam), sempre presentes
na minha vida.

Aos garimpeiros e seus familiares,
Que compartilham as alegrias e tristezas, suores e lágrimas da
extração de caulim.

AGRADECIMENTOS

A

Deus, pois, se tudo tenho é porque me Destes. Obrigado, Senhor!

Iranilson Buriti de Oliveira, meu orientador, que sem me conhecer acadêmico e pessoalmente, tratou-me com respeito e carinho durante esse período de convivência. Suas palavras sensíveis e firmes me acompanharão pelos caminhos que irei trilhar na vida.

Aos entrevistados: José Fábio, Alexsandro, Josinaldo, Francisco, Lindomar, Maria das Graças e Antonio Gonçalves, pelo carinho, atenção e respeito que me recebiam nas suas casas e pelas palavras fundamentais para a elaboração da dissertação.

A Eleonoura e Ana Lívia, pelo amor, carinho e paciência comigo durante as horas árduas e alegres na preparação desta escrita.

Aos meus pais, Inácio e Iranete, orgulhosos com a minha conquista.

Aos meus irmãos, Ismael e Ives, sei o quanto se orgulham de mim e o quanto eu me orgulho de vocês.

À banca de pré-qualificação, que iniciou o balizamento desta escrita. À banca de qualificação, cujas orientações foram importantíssimas para a fabricação deste texto e à banca de defesa, por aceitar o convite para ler e arguir sobre minha dissertação.

A CAPES, pela bolsa concedida, a qual permitiu acesso aos materiais relevantes para a construção desta pesquisa.

Aos amigos e amigas do mestrado, turma de 2010, pelas edificações teóricas e pelas sensibilidades que fomentaram um alicerce intelectual para o nosso trabalho de pesquisa.

Aos professores e professoras do mestrado, pelo carinho, respeito e atenção dispensada aos mestrandos.

A Arnaldo, pelas conversas e pelo respeito comigo nesses anos de mestrado, a Juciene, coordenadora do PPGH, e a Felipe, pela atenção com a qual me recebiam.

Aos familiares e às pessoas que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a lavrar as memórias e as histórias do garimpo de caulim em Junco do Seridó.

A todos e a todas, nomeados aqui ou não, meu sincero e agradecido obrigado!

VIDA DE GARIMPEIRO!

Versos de: Lindomar Bezerra Feitoza Carlos
(filha, esposa e mãe de garimpeiros do caulim)

Meus amigos, vou falar da vida do garimpeiro.

Vive a vida de sonhar com uma vida melhor. O tempo passa e nada muda, o sofrimento si acumula cada vez mais. Muito deles o sonho se acaba sem poder voltar atrás.

Garimpeiro é um homem que passa pela vida sem perceber.

Muitos deles se divertem no sábado e domingo se viciando a beber.

Eu sou uma mulher de um garimpeiro e vou lhe falar desta vida de desespero.

Quando amanhece o dia começa a agonia. Ele sai para trabalhar, se despede da família sem saber se vai voltar.

O garimpeiro experiente não passa despercebido.

Não entra na banqueta sem verificar o perigo. Se você quiser saber tão grande profundidade. Pergunte a um garimpeiro da nossa cidade.

Meus amigos, esta vida de garimpeiro tem deixado muitos filhos sem pai.

A vida parando aí, sem poder voltar atrás. As filhas perguntam: mãe o que vamos fazer? Quando amanhecer o dia, pai não deixou nada para você, nem a aposentadoria!

Meus amigos, esta vida também nos aprontou uma tragédia dessas.

Que nos fez perder Zulmar, era um garimpeiro desde os 12 anos de idade. Não sei viveu aqui alguma felicidade. Eu sei que deixou aqui a família com eternas saudades.

Minha família ficou destruída, sem saber o que fazer com esta situação que destruiu nossos corações.

Meu pai não era mais aquele homem feliz. Conversando com ele pedi para sair.

Deixar a profissão, ele não me ouviu não. Morreu lá na banqueta, só que foi do coração.

Meus amigos, esta vida de garimpeiro é vida de sofrimento.

Vive para trabalhar sem nenhum crescimento. O seu lucro é muito pouco, só para alimentar. O lucro maior fica para quem tem decantamento.

Meus amigos eu não aguento mais esta vida. Estou pedindo a Deus para livrar os meus desta profissão e aliviar o meu coração.

Quero agradecer, dizer meu muito obrigado pela sua atenção. Espero que compreenda a vida do garimpeiro.

Que vive de apelos, esperando tudo mudar. O meu nome é Lindomar, eu tenho muita fé que eu vou está de pé e ver esta história se transformar.

Junco do Seridó-Paraíba, janeiro de 2012.

RESUMO

Esta é uma escrita que fala da vida, da arte de viver. É uma leitura sensível construída pelos sentidos: nos odores bons e ruins; nos ouvidos atentos ao rachar das barreiras; no paladar, a saborear as conversas na hora das refeições; e, na visão e no tato, observando as transformações atmosféricas e físicas do ambiente. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é dar uma nova visibilidade e dizibilidade a extração de caulim em banquetas na cidade de Junco do Seridó. Balizados nos conceitos de sensibilidades e subjetividades, procuramos no decorrer deste texto responder aos seguintes questionamentos: Quem são essas pessoas? Que sonhos elas tinham ou tem quando resolveram entrar no garimpo de caulim? O que os motivavam a enfrentar uma rotina e um cotidiano tão duro quanto este? Tendo como objeto de estudo as memórias e as histórias dos garimpeiros do caulim, buscamos fabricar uma historicidade de Junco do Seridó, da década de 1960 até 2011, e da extração caulínica em banquetas de 1971 a 2011. Ao mesmo tempo, buscamos preencher algumas lacunas provenientes dos silêncios das fontes que, de uma forma ou de outra, “marginalizavam” o *banqueteiro* como um agente destruidor do meio-ambiente e o mineral como mais um produto a ser comercializado. Costurando com as linhas da vida desses trabalhadores, procuramos, também, evidenciar a geografia do cotidiano desses sujeitos, que, com seus corpos em movimento marcaram e demarcaram espaços e percursos e com suas emoções garimparam histórias, extraíram subjetividades e lavraram sensibilidades nas banquetas de caulim.

Palavras-chave: Sensibilidades. Subjetividades. Banquetas. Garimpeiros. Junco do Seridó.

ABSTRACT

This is a paper about the life, the art of living. It is a sensitive reading elaborated by the senses: in the good and bad smells; at the attentive ears to the barriers' crack; in the taste, enjoying the talks during the meals; and, at the sighting and in the tact, observing atmosphere's physical and atmospheric transformations. In this way, the aim of this work is to present a new visibility and "dizibilidade" about the extraction of "caulim" at "banquetas" in Junco do Seridó. Based on the concepts of sensibilities and subjectivities, we search through this text to answer at the following questionings: Who are these people? Which dreams they had or they have when resolved to get in caulim's mining claim? What motivated them to face a routine and an everyday life as hard as this one? Establishing as object of our study the memories and histories of caulim's prospectors, we search to produce a historicity of Junco do Seridó, from the decade of 1960 up to 2011, and of the caulim's extraction in banquetas from 1971 to 2011. At the same time, we intend to filling in some gaps proceeding from the silences of the sources that, anyway, "pointed out as marginal" the "banqueteiro" as a destructor agent of the atmosphere and the mineral as more one product to be commercialized. Linking with the life's lines of these workers, we also search to make clear the geography of the everyday life of these subjects, that, with their bodies in movement marked and demarcated spaces and routes, and with their emotions they prospected histories, extracted subjectivities and ploughed sensibilities in banquetas de caulim;

Keywords: Sensibilities. Subjectivities. Banquetas. Prospectors. Junco do Seridó.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pedra de Caulim	12
Figura 2 – Caulim sendo extraído de <i>banquetão</i>	12
Figura 3 – Praça Cel. José Ferreira, ano de 1969	29
Figura 4 – Junco do Seridó em 1972	33
Figura 5 – Bairro Santo Antonio – Vista parcial, auto do “Cruzeiro”	41
Figura 6 – Início da Rua Severino Coelho	46
Figura 7 – Final da Rua Severino Coelho	46
Figura 8 – Banquetas	105
Figura 9 – <i>Banquetões</i>	105

SUMÁRIO

Introdução: LEITURAS DE MUNDOS, LEITURAS DE TEXTOS HUMANOS	11
Capítulo I: COSTURANDO VIDAS E TECENDO ESPAÇOS: JUNCO DO SERIDÓ E AS TRAJETÓRIAS DOS GARIMPEIROS	21
1.1. “LUGAR DE MORAR, LUGAR DE VIVER”: AS NARRATIVAS DOS GARIMPEIROS E A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS DA CIDADE	22
1.2. FRAGMENTOS DE VIAGEM DOS GARIMPEIROS: ENTRE A CASA E A BANQUETA	51
1.3. AS MUDANÇAS SUBJETIVAS E SENSÍVEIS NA ROTINA E NO COTIDIANO DO TRABALHO	63
Capítulo II - RETALHOS DE MEMÓRIAS, EXTRATOS DE HISTÓRIAS – 40 ANOS GARIMPANDO SONHOS E PESADELOS NO CAULIM: JUNCO DO SERIDÓ (1971-2011)	68
2.1. “[...] PELAS PASSAGENS LABIRÍNTICAS DOS COMEÇOS...”	69
2.2. “O CAULIM É UM MINÉRIO, MAS É UM MINÉRIO BARATO, MAS É MINÉRIO”: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA GARIMPAGEM DO CAULIM	74
2.3. O ENGATINHAR DA EXTRAÇÃO DO CAULIM EM JUNCO DO SERIDÓ OU OS PRIMEIROS ANOS DESSA ATIVIDADE	77
2.4. SONHOS, ILUSÕES E PESADELOS NAS BANQUETAS DE CAULIM	85
Capítulo III: ESPAÇOS DE FRONTEIRAS: ENTRE A “RAZÃO” E A SENSIBILIDADE – SUBJETIVIDADES E EMOÇÕES CONSUMIDAS NAS BANQUETAS	101
3.1. “É UM SERVIÇO MUITO PERIGOSO, NÉ? MAS, AQUI PRA GENTE É A SOBREVIVÊNCIA”: AS SENSIBILIDADES GARIMPEIRAS	102
3.2. “DEUS LEVE E DEUS TRAGA COM VIDA E SAÚDE...”: SENSIBILIDADES DE VIDA E DE MORTE	114
3.3. A POÉTICA DOS SENTIDOS	122
Considerações Finais: CENÁRIO DA VIDA HUMANA: AS MUDANÇAS SUBJETIVAS E SENSÍVEIS PRODUZIDAS NA E PELA LAVRA DO CAULIM	134
Referências	140

Introdução

LEITURAS DE MUNDOS, LEITURAS DE TEXTOS HUMANOS

[...] ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. [...]. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível...¹

Segundo a historiadora Sandra J. Pesavento², em seu livro *História & História Cultural*, nos tempos míticos, *Clio*, a musa da história, era a filha diletta de *Mnemosine*, a memória, e juntas, filha e mãe, tinham como tarefa lembrar o passado. Para muitos, *Clio* supera sua mãe, pois, além do exercício de fazer lembrar, ela também tinha o dom de fixar em narrativa aquilo que criava com o seu canto.

Ainda seguindo os traços de Pesavento, com o advento do tempo humano, devido a sua capacidade de registrar o passado e o poder sobre o que deve ser lembrado e celebrado, ou seja, a autoridade sobre a fala e os eventos dos homens de outro tempo, *Clio* é escolhida a rainha das ciências.

Sendo descendentes de *Clio* e, por conseguinte, de *Mnemosine*, nós, historiadores, passamos a fabricar narrativas de eventos passados, criando espaços, paisagens e histórias. Pesquisando nos arquivos (particulares e públicos), bibliotecas, prédios, em fontes orais, enfim, nos documentos-monumentos³, fomos construindo nossa matéria-prima de leitura de mundos e de textos humanos.

Como garimpeiros de acontecimentos⁴ temporais, ao escolhermos o objeto de pesquisa, o questionamos, criamos problematizações e, se a resposta for positiva, iniciamos o trabalho de garimpagem das fontes, fazendo investimentos financeiros e pessoais, esperando

¹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19.ed. São Paulo-SP: Edições Loyola, 2009, p. 5/6.

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2.ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

³ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão et. all. 5.ed.4.Reimpressão. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.

⁴ “[...] É preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta...” FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org., Trad. e revisão técnica de Roberto Machado. 28. Reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010, p. 28.

que, ao final da extração, depois de meses, obtemos lucro – financeiro, de titulação, etc. – ao produzir um trabalho científico.

Caso a resposta não seja satisfatória, ou seja, os documentos não tenham respondido as nossas inquietações intelectuais, abandonamos o objeto de estudo, arcamos com os prejuízos (tempo, dinheiro, etc.) da empreitada e buscamos um novo território de pesquisa.

À vista disso, nesta escrita, focalizaremos os *banqueteiros*⁵ do caulim⁶ (figuras 1 e 2), mineral extraído da natureza. Uma atividade que, guardada as devidas proporções, é muito parecida com o trabalho do historiador. Por que assemelhamos o historiador e o banqueteiro? Porque o garimpeiro da lavra caulínica escolhe o local para extração, mas, antes de iniciá-la, ele interroga o filão, ou seja, retira parte do material e manda para análise em laboratório. Se o caulim for qualificado como bom, ele investe o pouco dinheiro que tem na limpeza do local de trabalho, nos mantimentos, na compra e aluguel de máquinas e na contratação de outros trabalhadores, para que no final da produção, depois de descontada a despesa, possa obter lucro.



Figura 1: Pedra de Caulim.
Fonte: Iaponan Cardins, 2007.

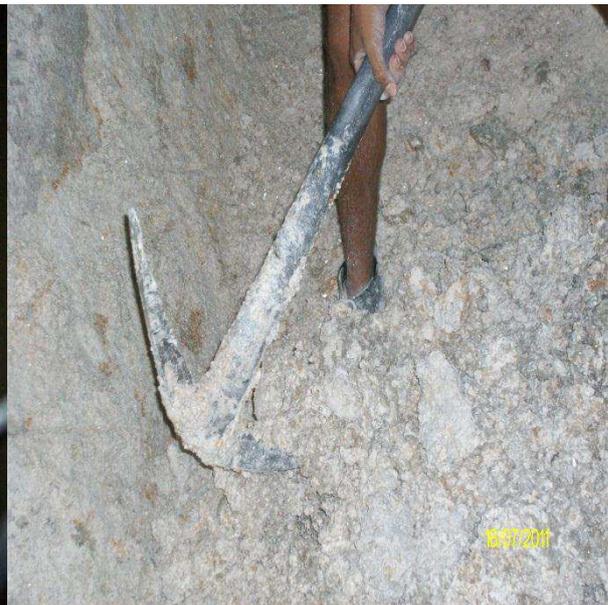


Figura 2: Caulim sendo extraído de *banquetão*.
Fonte: Inairan C. Cunha, 2011.

⁵ Banqueteiro significa: aquele que prepara banquetes ou refeições de culinária esmerada. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. 3.ed., 1ª. Imp. revista e atualizada do Aurélio Século XXI. Edição eletrônica autorizada a POSITIVO INFORMÁTICA LTDA. ©2004 by Regis Ltda. No caso em questão, essa palavra é um neologismo criado para designar os trabalhadores das banquetas e diferenciá-los dos outros garimpeiros existentes no município. Ao longo do trabalho, deixaremos mais clara essa diferenciação, especialmente, no Capítulo III, no qual discorreremos sobre esse conceito.

⁶ O caulim é uma argila, normalmente de cor branca, derivada do mineral caulinita. Existem vários tipos de caulim, classificados de acordo com sua alvura, grau de cristalização, opacidade, etc. Geralmente, é encontrado junto a outros minerais como a mica e o quartzo. *DNPM*, 2009, passim. Disponível em: <<http://www.dnpm.gov.br>>. Acesso em: 1º jul. 2009.

Entretanto, mesmo o mineral sendo bom, se o veio for ruim de extraí-lo, o garimpeiro abandona a escavação, “aceita” o prejuízo e procura outro lugar para (re)começar outra lavra caulínica. Portanto, vemos em ambas as atividades que as problematizações são levantadas, de acordo com o que se busca, e os investimentos pessoais e financeiros são feitos para, ao final ou no decorrer da pesquisa, analisar se dará certo ou não a empreitada.

Michel de Certeau, em sua operação historiográfica⁷, questionando-se sobre o *metier* do historiador, procura entender a relação enigmática dessa profissão com a morte. À semelhança dos historiadores, pode-se dizer que os *banqueteiros* mantêm, também, uma relação com a morte, porém, enquanto aqueles “se enterram” nos documentos, procurando trazer à “vida” o que estava “morto”, estes escavam a terra, “procurando” a morte.

Nesse último caso, isso acontece porque o trabalho dos garimpeiros do caulim, parecido com o das formigas e tatus, consiste em cavar a natureza o mais profundo possível para a retirada desse mineral. No entanto, muitas vezes, devido à falta, nas paredes das banquetas, de colunas artificiais para sustentá-las, eles acabam sendo soterrados pelos desmoronamentos destas, levando-os, na maioria dos casos, ao óbito.

Contudo, neste trabalho, procuraremos falar de vida, conforme será visto ao longo do mesmo. Através dos relatos de memórias, buscaremos compreender os pedaços de vida sendo feitos e refeitos pelas sensibilidades e sentidos nas banquetas de caulim de Junco do Seridó. Nesse ponto, o historiador e os *banqueteiros* encontram-se para narrar as histórias de vida e de morte, de alegrias e tristezas existentes tanto no espaço da cidade quanto nas banquetas.

Partindo da ideia de que nossa relação com os espaços é histórica e sensível, vivemos e convivemos, desde cedo, com as histórias e memórias do garimpo. Pois, meu pai, que trabalhou por pouco tempo em caulim e sentiu de perto o quão duro é essa atividade, gostava de contar histórias do garimpo, “alertando” tanto a mim quanto aos meus irmãos sobre a necessidade de estudar e buscar novas oportunidades de trabalho quando adultos. Ele sempre dizia: “se não quiserem estudar, vão trabalhar nas banquetas” e nós respondíamos prontamente: “Deus nos livre!”.

Como resultado dessa escolha, destacamos a presente pesquisa de mestrado, a qual permitiu retornar às banquetas, porém, não mais com o olhar de quem as via como um local de desgraça. Ao contrário, vendo-as como um espaço de vida, em meio aos problemas que nelas existem, uma territorialidade construída pelas sensibilidades de quem (sobre)vive desse

⁷ CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____ *A Escrita da História*. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

trabalho, subjetivadas em anos de escavações, de sobe e desce em carretel e guinchos, de entrar e sair dos túneis e das banquetas de caulim.

Portanto, esta é uma escrita e uma leitura das sensibilidades dos trabalhadores da lavra do caulim e de como esses relatos teceram a paisagem da cidade em foco e dessa atividade, demarcando os espaços permitidos e proibidos. Costurando, com as linhas de suas vidas, a história de Junco do Seridó, da década de 1960 até 2011, e da extração caulínica em banquetas de 1971 a 2011, “[...] geografias cotidianas que marcam e demarcam os sujeitos, suas emoções e os seus percursos...”⁸.

O trabalho com as sensibilidades é sutil – ler como o medo e a coragem, a tristeza e a felicidade, o prazer e o desprazer, as emoções e os sentimentos são subjetivados pelo ser humano, no caso do estudo em foco, pelos trabalhadores do caulim. Representá-los em “materialidades”, historicizá-los e socializá-los é encontrar mais dúvidas do que certezas. Isso leva a dois conceitos principais: sensibilidades e subjetividades.

As sensibilidades, que tratam das emoções e sentidos do ser humano, parte ainda sendo explorada pelos historiadores, serão objeto, nesta escrita, de uma leitura realizada a partir dos caminhos traçados por Sandra J. Pesavento⁹, já que, para essa historiadora,

[...] as sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos. [...] O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva. [...] Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído...¹⁰

A História pode (e deve?!) se encarregar do estudo das sensibilidades, das emoções, dos gestos, para narrar os acontecimentos trágicos e alegres que, muitas vezes, desviam o seu curso. À vista disso, as sensibilidades são mais sentidas do que ditas, ou seja, são mais subjetivadas. Já as subjetividades, por sua vez, são pensadas a partir de Michel Foucault.

⁸ BURITI, Iranilson. *Leituras do Sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império*. Campina Grande: EDUFCG, 2011, p. 49.

⁹ Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2.ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005; PESAVENTO, Sandra. *Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades*. *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*. Colóquios, 2004; PESAVENTO, Sandra. *Sensibilidades: escrita e leitura da alma*. In: _____; LANGUE, Frédérique (Orgs.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

¹⁰ PESAVENTO, 2005, p. 57/58.

Em uma (re)leitura feita por Hélio Rebello¹¹ sobre a subjetividade em Foucault, o autor diz que ela seria “[...] a expressão do que em nós, em nosso núcleo de subjetividade, se relaciona com as coisas, com o mundo, por isso envolve uma relação com o tempo...”, é “[...] uma expressão de nossa relação com as coisas, através da história...”¹² e da memória.

No entanto, quando esses acontecimentos encontram-se na “ordem do dia”, isto é, quando ainda estão se desenvolvendo, o quê fazer?

Esse é um dos problemas da História do tempo presente, a sua construção está em andamento, não se conhece o seu fim, nem tampouco, suas consequências – “[...] o historiador do tempo presente sabe [...] que o seu papel não é o de uma chapa fotográfica que se contenta em observar fatos, ele contribui para construí-los...”¹³, observando, ao vivo, o desenrolar de práticas de espaço, de fragmentos de narrativas que, com seus corpos e sensibilidades, constroem historicidades.

Todavia, essa contemporaneidade com os acontecimentos e os sujeitos trabalhados por essa História do tempo presente permite (re)formular os procedimentos metodológicos, assim como, o acesso às fontes orais da história leva ao “[...] encontro com seres de carne e osso que são contemporâneos daquele que lhes narra a vida...”¹⁴.

Neste trabalho, procuramos focalizar as sensibilidades dos garimpeiros do caulim de Junco do Seridó, a partir de suas histórias e memórias, de seus próprios corpos em movimento, leituras sensíveis que têm a lavra desse mineral como espaço de vida e de morte.

Dessa forma, acabamos sendo testemunhas oculares dos acontecimentos, o que poderia (e pode) levar a um envolvimento direto com o objeto pesquisado e, nesse sentido, fazer juízo de valor, limitando a visão sobre o campo de estudo e a maneira como é estudado, pois, conforme Foucault¹⁵,

[...] é incrível quanto as pessoas gostam de julgar. Julga-se em todo lugar, continuamente. Provavelmente, para a humanidade, é uma das coisas mais simples a fazer... Não posso deixar de pensar em uma crítica que não procure criticar, mas fazer existir uma obra, uma frase, uma ideia, acenderia fogos, olharia a grama crescer, escutaria o vento e imediatamente tomaria a espuma do mar para a dispensar. Reproduziria, ao invés de juízos, sinais de vida; invocá-los-ia, arrancá-los-ia do seu sono.

¹¹ CARDOSO JR., Hélio Rebello. *Para que serve uma Subjetividade?* Foucault, tempo e corpo. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2005, p. 345.

¹² Idem.

¹³ REMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução, p. 208. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos & abusos da história oral*. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

¹⁴ CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista, p. 215. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos & abusos da história oral*. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

¹⁵ FOUCAULT 1994 apud CARDOSO JR., 2005, p. 346.

Entretanto, não buscamos saber o certo e o errado, o verdadeiro e o falso nas entrevistas e outras fontes pesquisadas. O que se objetiva, neste estudo, não é a crítica pela crítica, ou, uma má-fé, mas, a vida, “sinais de vida”, como disse Foucault. Procuramos, nesse trabalho, uma nova visibilidade e dizibilidade do espaço das banquetas como um posicionamento surgido das sensibilidades produzidas e subjetivadas pelos garimpeiros do caulim.

Com isso, historicizaremos a construção da cidade de Junco do Seridó, a partir das narrativas do sensível que pretendemos fabricar e, principalmente, a vida dos trabalhadores da lavra caulínica, suas vivências na cidade e nas banquetas.

Espaços, paisagens, histórias, memórias, sensibilidades, posicionamentos, subjetividades, oralidades... Escrita que fala da vida, da arte de viver em um ambiente insalubre e “aterrorizante”, onde qualquer descuido pode causar uma fatalidade, mas, mesmo assim, é um lugar que desperta afetividade em quem (sobre)vive há muito tempo deste trabalho.

Então, as leituras do sensível são uma possibilidade para se entender/problematizar os motivos que levam/levaram os *banqueteiros* a irem trabalhar sem saber se voltam vivos para casa. Uma máxima sem ter uma premissa, ou seja, parece um fim sem ter *começos*, sem ter uma arte de (sobre)vivência nesse ambiente, visto e dito pelos próprios trabalhadores como aniquilador e desumano.

Buscando essa arte de (sobre)viver em um espaço, praticamente, inóspito, é que se procura fazer uma leitura das subjetividades desses trabalhadores a partir de suas histórias e memórias vividas e sentidas em Junco do Seridó e nas banquetas de caulim.

Vale destacar que um dos objetos mais estudados nas últimas décadas pelos historiadores foi a memória, tanto individual quanto coletiva, cujos mecanismos são fundantes para a construção das subjetividades desses garimpeiros a qual buscamos representar nesta escrita.

Concernente à memória individual desses sujeitos, Fernando Catroga¹⁶ afirma que ela

[...] é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e às consequentes alterações ocorridas no campo das *re-presentações* do pretérito...

¹⁶ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 16.

A memória individual é construída, assim, a partir de um procedimento relacional com as memórias alheias, dito de outra forma, a memória, enquanto subjetividade, é construída na relação com o outro, com as coisas e com o mundo. Nesse sentido, não pode ser tomada como a representação da coletividade, mas, como uma perspectiva desse coletivo.

Para representar essa subjetivação fabricada pelos garimpeiros do caulim, foram utilizadas as fontes orais da história¹⁷ como procedimento metodológico, buscando, por meio de narrativas de vida e de questionamentos diretos, a partir de uma linguagem “ordinária”, ler as experiências vividas pelos entrevistados e as adquiridas por meio de outros, nesse espaço das banquetas. No entanto, sem nenhuma hierarquização das fontes, embora tenhamos dado mais relevância às orais, utilizaremos dados estatísticos fornecidos pelo Cartório local, Secretaria Municipal de Saúde e Educação de Junco do Seridó e fotografias.

Aliás, Junco do Seridó é o espaço desta pesquisa, posto que as banquetas encontram-se dentro de seu território. Nesse sentido, entendemos a noção de espaço, e de lugar, como escreveu Certeau¹⁸, um “lugar praticado” pelo caminhar e pelo falar dos homens ordinários, recheado de lembranças, estas entendidas como um produto da rememoração feita no presente, e de recordação¹⁹, na qual se organizam essas rememorações que ficam soltas no passado.

São espaços e memórias posicionais, marcados pelas aproximações e distanciamentos entre as sensibilidades aqui operacionalizadas (garimpeiros, familiares e comunidade), paisagens construídas histórica e culturalmente, cravadas pela mão do homem e que, ao mesmo tempo, deixam marcas nos corpos. Por isso, “[...] antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de lembranças quanto de estratos de rochas...”²⁰.

Banquetas... Extração do caulim... Junco do Seridó... Subjetivados e projetados nas lembranças e recordações dos entrevistados, os quais serão tratados nos capítulos seguintes. Espaços vistos não apenas como um cenário estático, mas como “[...] um conjunto de cenas

¹⁷ Expressão cunhada por REMOND, René. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). Op. cit., 2005, p. 208.

¹⁸ Segundo CERTEAU, o espaço “[...] é produzido pelos movimentos que nele se desdobram. É um lugar praticado...”. Já o lugar “[...] é a ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência, não podendo duas coisas ou corpos ocuparem o mesmo lugar. É um posicionamento e uma estabilidade”. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

¹⁹ Sobre as lembranças e as recordações ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Violar memórias e gerar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: _____ *História: a arte de inventar o passado – Ensaio de Teoria da História*. Bauru-SP: EdUSC, 2007, p. 202.

²⁰ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 17.

que ocorrem numa dada temporalidade, forjando dadas tramas, dadas redes, dadas relações, constituindo panoramas, montando paisagens móveis, prontas a se desmanchar ao final...”²¹ de cada dia, de cada banquetta explorada, de cada volta para casa e (re)construídas quando evocada à cena, emergida pelas práticas discursivas ou não²².

Dessa forma, lemos o espaço de Junco do Seridó – misturas de dimensões concretas (as banquettas, a igreja, as ruas, a residência de cada um) e dimensões sensíveis –, germinado pelas artes e astúcias dos homens, que definem fronteiras, estabelecem proximidades e separações, dotam-nos de certa ordem, lançando mão tanto de explicações ditas racionais quanto de fantasias, de mitos, crenças, etc.²³.

À vista disso, “Trabalhadores de sonho e de pó: garimpendo histórias, extraindo subjetividades e lavrando sensibilidades nas banquettas de caulim em Junco do Seridó – Paraíba”, é um esforço de levar ao leitor uma historicidade sensível da lavra do caulim em banquettas e do município destacado.

Posto que, nas últimas décadas, esse mineral está sendo muito valorizado no mercado financeiro, favorecendo o enriquecimento de muitos empresários que seguem para esse ramo. Entretanto, as cidades “produtoras” do mesmo, as quais ficam, em sua grande maioria, na Província Pegmatítica Borborema-Seridó²⁴, com algumas exceções, veem essa “riqueza” ser levada, restando, as mesmas²⁵, o ônus na paisagem e na vida das pessoas.

Nesse sentido, acreditamos que o trabalho em questão, possibilita um novo olhar para Junco do Seridó e, por conseguinte, para a microrregião na qual está inserido. Além disso, possibilita outras maneiras de ver a extração do caulim no município em foco, preenchendo, assim, alguns silêncios acadêmicos e políticos que enxergavam, e ainda enxergam, essa atividade como sinônimo de devastação ambiental e maneiras de “fazer” dinheiro.

Destarte, no primeiro capítulo intitulado: “Costurando vidas e tecendo espaços: Junco do Seridó e as trajetórias dos garimpeiros”, realizamos uma leitura do sensível na construção de Junco do Seridó pelas histórias e memórias de vida dos garimpeiros do caulim. Neste

²¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O Teatro da História: os espaços entre cenas e cenários, p. 82. In: _____ *Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

²² Idem. *Ibidem*.

²³ Idem. *Ibidem*.

²⁴ Segundo FORTE, 1994, p. 7, essa denominação foi sugerida por Rodrigues da Silva e Dantas (1984) e “[...] abrange uma faixa na fronteira dos Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte...” In: FORTE, José Filgueira. *Cooperativas de pequenos mineradores: a experiência nos garimpos de pegmatitos do nordeste*, 1994, 150f. Dissertação (Mestrado em Geociências). Área de Administração e Política de Recursos Minerais– Instituto de Geociências, Campinas-SP, 1994.

²⁵ Os municípios dessa área são: Junco do Seridó, Salgadinho, Taperoá, Juazeirinho, Cubati, São Vicente do Seridó, Pedra Lavrada, Nova Palmeira, Picuí e Frei Martinho, no estado da Paraíba. No estado do Rio Grande do Norte: Equador, Santana, Jardim do Seridó, Parelhas, Acará e Carnaúba dos Dantas... FORTE, 1994, p. 7.

capítulo, buscamos observar as mudanças e permanências ocorridas nesse espaço de meados da década de 1960 ao ano de 2011.

Procuramos também destacar as transformações na paisagem, na tecnologia empregada para a extração do mineral e nas subjetividades e sensibilidades dos próprios garimpeiros e da cidade em relação à lavra desse mineral.

Ainda no primeiro capítulo, sobressai-se o cotidiano dos garimpeiros do acordar e se dirigir para as banquetas ao retorno deles para casa. Observando as sociabilidades produzidas nesses espaços e as sensibilidades construídas em relação aos mesmos, numa visão em que “[...] o presente não nos ajuda a retrodizer o passado, tal como ele foi, nos permite, apenas, construir uma visão dele que melhor se adéque às questões que este presente coloca...”²⁶.

Considerando esse contexto, nesse capítulo referido procuramos responder ao seguinte questionamento: o que motivou os *banqueteiros* a enfrentar uma rotina e um cotidiano tão duro quanto este?

Em “Retalho de memórias, extratos de histórias – 40 anos garimpando sonhos e pesadelos no caulim: Junco do Seridó (1971-2011)”, segundo capítulo, abordaremos as mudanças provocadas pela extração desse mineral, nesses últimos quarenta anos, nas sensibilidades e subjetividades dos seus garimpeiros. Partimos de alguns questionamentos: Quem são essas pessoas? Que sonhos elas tinham ou têm quando resolveram entrar no garimpo de caulim? Buscaremos ler a lavra caulínica, no período destacado, como uma construção histórica e não um dado natural, focalizando as vitórias e as derrotas, as alegrias e tristezas promovidas por essa extração mineral.

No Capítulo III “Espaços de fronteiras: entre a “razão” e a sensibilidade – subjetividades e emoções consumidas nas banquetas”, dedicamo-nos ao espaço das banquetas e às sensibilidades dos garimpeiros que nelas trabalham. Procuramos representar como as narrativas desses sujeitos históricos transfiguraram o lugar da extração do caulim em espaços sensíveis, em uma paisagem portadora de lembranças, de gostos e desgostos, prazer e desprazer, subjetivadas como um ator a desempenhar o seu papel na urdidura da memória.

Um espaço construído pelas sensibilidades dos *banqueteiros*, no qual a banqueta é comparada à casa, a sua residência, mas também, é vista como um espaço de perigo constante e uma vigilância sempre alerta.

Um lugar praticado pelos sentidos, onde sonhos e pesadelos contracenam em uma arte de (sobre)viver nas banquetas, fabricada pela poética dos sentidos, subjetivados nos odores

²⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Bicho solto: natureza, espaços e história na transição da modernidade para a pós-modernidade*. In: _____ Op. cit. 2008, p. 50.

bons e ruins que permitem e proíbem certas práticas higienistas no interior da mesma; nos ouvidos atentos ao rachar das barreiras; no paladar a saborear o papear descontraído dos companheiros na hora das refeições; na visão e no tato unidos e atentos às alterações da temperatura e a perceber as fraturas nas barreiras.

À vista do que foi escrito, objetivamos, neste trabalho, fabricar “[...] uma história que não se dirige apenas a razão, a consciência, mas que dá lugar aos sentimentos, aos sentidos, as paixões, aos desejos, aos delírios...”²⁷.

Então, igualmente às palavras de Foucault na abertura desta introdução, gostaríamos de não ter de começar a escrever, mas de poder dar seguimento a outras palavras anteriores as nossas, ao mesmo tempo, ainda seguindo esse autor, do que adiantaria o saber se este não conduzir a novos caminhos?

Portanto, com o sonho de que esta escrita convoque e provoque novas escritas, com a “certeza” de não almejar a “verdade” única e inquestionável sobre o trabalho nas banquetas em Junco do Seridó, convidamo-lo, nesse momento, a lavrar conosco o caulim das sensibilidades desses trabalhadores de sonho e de pó...

²⁷ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades*. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2011.

Capítulo I

COSTURANDO VIDAS E TECENDO ESPAÇOS: JUNCO DO SERIDÓ E AS TRAJETÓRIAS DOS GARIMPEIROS

Inutilmente, magnânimo Kublai, tentarei descrever a cidade de Zaíra dos altos bastiões. Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado²⁸ ...

A epígrafe acima foi retirada do conto “*As cidades e a memória 3*”, do livro *As cidades invisíveis* de Ítalo Calvino. Nesse livro, o autor apresenta os encontros entre Marco Polo e o imperador mongol Kublai Khan, focalizando as várias cidades pertencentes ao seu império.

Em *As cidades invisíveis*, *Marco Polo* descreve as cidades procurando fugir de uma perspectiva racional, econômica e estática, na qual transmitiria um relato frio, distante, sem vida e sem emoção, como um olhar matemático que, a partir dos dados coletados e dos cálculos feitos, se entenderia a cidade no presente, no passado, faria uma projeção de futuro e “[...] seria o mesmo que não dizer nada...”²⁹.

Suas narrativas das cidades, ao imperador Mongol, eram (res)significadas pelo olhar sensível, vivo e cheio de movimento, pelas sensações e cheiros. Eram cidades inaladas, degustadas, tocadas e ouvidas pelos sentidos de *Marco Polo*. Eram cidades vividas e vívidas. Histórias carregadas de gestos, gritos, pulos, paixões e desejos, uma maneira peculiar de narrar que levava o Grande Khan a percorrer e a construir as cidades pelo pensamento, pela imaginação, pelas sensibilidades e emoções.

Nesse sentido, o Marco Pólo de *As cidades invisíveis* criava novos espaços e inventava novos mundos, “[...] uma história que encara a aventura da invenção narrativa de mundos, de realidades, de versões possíveis e mutáveis para os acontecimentos e para os tempos...”³⁰.

Essas descrições evidenciam que a cidade não é feita, apenas, de prédios e fachadas, de linhas e curvas arquitetônicas, geométricas e geográficas, mas, principalmente, de vida, de

²⁸ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. 2.ed. 9. Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

²⁹ Idem, 2008, p. 14.

³⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado – Ensaio de Teoria da História*. Bauru-SP: EdUSC, 2007, p. 91.

desejos ocultos e abertos, de paixões escondidas e declaradas, das relações entre as pessoas, seu espaço e seu passado.

Assim, o livro *As cidades invisíveis* de Ítalo Calvino sensibiliza-nos para o fato de que não se pode ler a cidade, somente, por um único viés cartesiano, racional. Portanto, essa literatura ficcional é representativa para as narrativas do sensível que pretendemos fabricar, neste capítulo, sobre o Junco do Seridó e, principalmente, sobre os garimpeiros do caulim e suas vivências nas banquetas.

1.1. “[...] LUGAR DE MORAR, LUGAR DE VIVER...”³¹: AS NARRATIVAS DOS GARIMPEIROS E A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS DA CIDADE

*Junco do Seridó
Chama viva da nação³²
Planalto da Borborema
És rico em mineração
Tuas rochas cristalinas
Teu povo ordeiro e de bom coração
Berço da tranquilidade
Que felicidade morar neste chão...
(Refrão do Hino Oficial de Junco do Seridó-PB³³).*

Morros cristalinos, as serras a circundar a cidade – dando um aspecto de vale a uns e de um buraco a outros –, o tom esverdeado das árvores e dos arbustos que fazem parte do Planalto da Borborema no período chuvoso, e uma coloração acinzentada, na seca, são imagens representativas do domínio da Caatinga³⁴. Vendedores de castanha de caju e de pedras ornamentais às margens da rodovia, assim, é, resumidamente, a visão de Junco do Seridó para quem a observa de passagem pela BR 230.

Ao olhar para o Sul, o viajante verá, no “Alto do Chorão”³⁵, uma “ferida” branca no meio da serra, que, mesmo na estação seca, é perceptível ao longe. Uma “ferida” branca de tanto sangrar, de tanto expurgar caulim. Essa “tatuagem”, exposta na natureza, foi feita pela

³¹ BURITI, Iranilson. *Leituras do sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império*, 2011, p. 49.

³² O termo nação referido na letra do Hino Oficial de Junco do Seridó está relacionado ao país Brasil.

³³ Hino Oficial de Junco do Seridó-PB. Letra e música de Francisco Jacinto da Silva.

³⁴ No idioma Tupi, significa “Mata Branca”, justamente pela perda estratégica das folhas da vegetação nos períodos de seca, pois, sem folhas, as plantas e os arbustos reduzem a superfície de evaporação quando falta água, gerando, assim, esse tom cinza na paisagem.

³⁵ “[...] Em seus primórdios, o município se chamava Chorão, em função do rio homônimo, que presenciou a expansão da zona urbana, nele há afloramentos rochosos de quartzitos em seu percurso e na época chuvosa parecem chorar...” In: ALMEIDA; RAMOS; DINIZ, 2010, p. 3-4.

extração do caulim e, hoje, está mais nítida devido ao maquinário de alta potência empregado para retirar esse mineral.

Nesse sentido, a mineração é uma das primeiras características que identificam a cidade em foco, as outras que estão representadas no refrão acima – neste caso, obviamente, as positivas – são: tranquilidade e povo ordeiro. Traços subjetivados por quem mora nesse espaço há anos, que tem

[...] conhecimento dos lugares, trajetos cotidianos, relações de vizinhança [política], relações com os comerciantes [economia], sentimentos difusos de estar no próprio território [etologia], tudo isso como indícios cuja acumulação e combinação produzem, e mais tarde organizam o dispositivo social e cultural segundo o qual o espaço urbano se torna não somente o objeto de um conhecimento, mas *o lugar de um reconhecimento*³⁶.

Essa citação refere-se a um bairro da grande Paris, mas, pode ser utilizada, perfeitamente, para caracterizar uma pequena cidade, como Junco do Seridó. Afinal, quantos bairros das grandes cidades não são maiores do que ela? O Bairro Malvinas, em Campina Grande, e o de Mangabeira, em João Pessoa, são dois exemplos de lugares na Paraíba cuja movimentação de pessoas, infra-estrutura, bens e serviços, apesar dos problemas, são bem mais equipados do que a cidade em foco.

Nas palavras de Mayol sobre o bairro, já referidas neste trabalho, podemos observar que ele denomina esse espaço como “[...] o lugar do reconhecimento”. E, voltando ao refrão do Hino de Junco do Seridó, na epígrafe de abertura deste capítulo, a tranquilidade e o pacifismo dos seus cidadãos, em sua grande maioria, são alguns desses lugares de reconhecimento entre os juncoenses³⁷, visto que boa parte de sua população, ao ser questionada sobre os pontos positivos da cidade, coloca essas duas assertivas entre as respostas dadas.

Por conseguinte, nas entrevistas com os garimpeiros do caulim cada um, à sua maneira, chamou a atenção para esses aspectos, ao dizerem que Junco do Seridó é “[...] calmo, tranquilo, eu acho que nem o Junco num tem não, [...], você deixa as portas abertas aí pra entrar vento e só entra mais conhecido, gente da família...”³⁸, pois, há, “[...] ainda, aquela

³⁶ MAYOL, Pierre. O Bairro. In: CERTEAU et. all. *A Invenção do cotidiano*: 2. Morar, cozinhar. 2003, p. 45. *Grifos do autor.*

³⁷ Gentílico do cidadão e cidadã de Junco do Seridó.

³⁸ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

tranquilidade, o *caba* dorme com a porta aberta aí...”³⁹, e, assim, a cidade “[...] é um lugar que você dorme até com as portas abertas e num tem perigo nenhum...”⁴⁰.

Nesses trechos, retirados das narrativas dos colaboradores, observamos o aspecto de cidade calma e de povo ordeiro ressaltado por eles. Dessa forma, os relatos individuais articulam-se em uma memória coletiva sobre o espaço em que estes cresceram, foram adolescentes, tornaram-se adultos e buscaram fincar raízes ao constituírem família.

Sendo assim, dormir com a porta aberta – a frase mais repetida entre os entrevistados –, procura demonstrar que, juntamente com o aspecto de calma e segurança, o povo da cidade, que (con)vive nesse espaço há muito tempo, construiu para si a “coletividade do bairro”⁴¹, a irmandade comum entre os habitantes de um mesmo espaço,

[...] o fato bruto, materialmente imprevisível, do encontro de pessoas que, sem serem absolutamente anônimas pelo fato da proximidade, não estão tampouco absolutamente integradas na rede das relações humanas preferenciais (do círculo de amizade, de laços familiares)...

Portanto, povo visto e dito como ordeiro e pacífico, lugar onde todos se (re)conhecem, por isso, as portas das suas casas estão abertas e só entram familiares e amigos, são traços identitários de Junco do Seridó, conforme os relatos anteriores.

Contudo, muitas cidades pequenas possuem esse aspecto de tranquilidade e mansidão do seu povo, onde as pessoas se (re)conhecem e, essa identificação, leva sua população a construir uma intimidade, sendo quebrada, na maioria das vezes, pela presença do “estrangeiro”, das “pessoas que vêm de fora”.

Esses “forasteiros”, por não conhecerem as convenções da cidade, em alguns casos, excluem e são excluídos pela mesma e, com isso, permanecem em casa, saindo à rua raramente, pois, “[...] sair à rua significa correr o risco de ser *reconhecido*, e portanto *apontado com o dedo*...”⁴².

Com uma população em torno dos sete mil habitantes⁴³ atualmente, Junco do Seridó é uma cidade localizada no “centro” de um estado pobre e, para quem a viu faz certo tempo, essa cidade transparece um ar sem mudanças, continuando do mesmo jeito e do mesmo

³⁹ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁴⁰ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁴¹ MAYOL, 2003, p. 47. In: CERTEAU et. all. Op. cit., 2003.

⁴² Idem, 2003, p. 47. *Grifos do autor*.

⁴³ IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 12 mar. 2011.

tamanho, um espaço onde as pessoas continuam conversando nas “soleiras das portas” e cochichando quando o “estrangeiro” passa.

Para aquele que não a conhece, está vendo-a pela primeira vez, sua arquitetura não tem nada de especial. As casas não guardam estilos coloniais, modernistas, barroco, enfim, a cidade não tem um patrimônio histórico admirável, a não ser que esse “forasteiro” goste de observar as formações rochosas, a vegetação ou a mineração.

Caso queira fazer pesquisas sobre meio ambiente, neste ponto, ao estudar a topografia da cidade, esse “pesquisador-estrangeiro” pode observar a cadeia montanhosa circundando-a, a qual faz parte do Planalto da Borborema.

Entretanto, para aquele morador que vive na cidade há mais de vinte anos, algumas mudanças significativas ocorreram nesse espaço durante esse tempo, como, por exemplo, o crescimento do comércio, levando a população do município a procurar um centro maior, Campina Grande ou Patos, quando precisa de uma assistência mais especializada, seja ela educacional, de saúde ou lazer.

É obvio que não podemos comparar Junco do Seridó – e nem temos a intenção – com as cidades já citadas, mas, destacamos essa questão econômica que se desdobra em qualidade de vida, porque boa parte desse “desenvolvimento” se deu a partir do crescimento do comércio mineral, principalmente, do caulim, nos últimos anos.

Todavia, devemos ressaltar os muitos problemas ainda existentes e, para os quais, não existe uma solução a curto e médio prazo, como exemplos, o sistema de água e esgoto urbano, uma melhor assistência médica e locais de lazer, especialmente, para as crianças.

Portanto, neste capítulo, seguiremos pelos traçados matemáticos e sensíveis de Junco do Seridó. Linhas objetivas e subjetivas usadas na tessitura de um texto que almeja pela escrita das sensibilidades.

Dessa forma, na trama entre a frieza dos números e o calor das emoções, semelhante à sensação atmosférica do semiárido nordestino, buscaremos realçar, a seguir, a construção de Junco do Seridó pelas histórias de vida dos garimpeiros, procurando observar as transformações sofridas nesse espaço nos últimos cinquenta anos, aproximadamente, tendo como norte as sensibilidades contidas nas narrativas dos entrevistados.

1.1.1. “[...] O que é que eu vou fazer aqui no Junco...”⁴⁴

⁴⁴ OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

Existem vários motivos para procurarmos uma cidade pequena como Junco do Seridó: visitar parentes e amigos, participar de festas (religiosas e profanas), descansar a mente e o corpo “intoxicado” pela rotina estressante de um grande centro, fazer pesquisas educacionais, extração de caulim, etc.

Com relação a esse último exemplo, como pudemos ler anteriormente, a compra e a venda do caulim ajudou no crescimento comercial da cidade – não só ele –, pois, é uma constante observarmos durante todo o dia, principalmente no período da tarde, o vai e vem de caminhões caçambas e *caçambões*⁴⁵, de veículos pequenos e utilitários, todos embranquecidos da poeira desse mineral, além das várias casas construídas e alugadas para os motoristas desses caminhões, posto que, muitos são oriundos de lugares distantes do estado da Paraíba e de outros estados do Brasil.

Diante do exposto, lembramos as palavras de Regina Beatriz Guimarães Neto⁴⁶, retiradas do seu livro *Cidades da mineração: memórias e práticas culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX* sobre o “nascimento” das cidades da mineração no Estado indicado, a autora diz que

[...] as cidades da mineração surgem associadas ao lucro e ao comércio, em sua especificidade histórica, desdobrando-se em um sistema comercial e político articulado pelo poder do diamante; seus habitantes identificam e rememoram os acontecimentos passados que aparecem envolvidos nas tramas comerciais e disputas pelos garimpos. São tempos representados também com as imagens dos conflitos nas áreas de mineração...

Segundo as palavras da historiadora, as cidades da mineração, por ela pesquisadas, surgem unidas ao lucro auferido pelo comércio do diamante, desdobrando-se em tramas e disputas de poder: comercial, política, etc. No entanto, o mesmo não acontece com Junco do Seridó – nem com algumas cidades semelhantes a ela –, porque, embora o caulim seja um minério – o que lhe daria um *status* financeiro –, seu valor econômico é baixo, barato, e as pessoas que procuravam essa atividade, na década de 1970⁴⁷, buscavam-na como meio de sobrevivência, mesmo tendo a ilusão de enriquecer de uma hora para outra, esses garimpeiros

⁴⁵ São caminhões caçambas de três eixos na traseira.

⁴⁶ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da mineração: memórias e práticas culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá-MT: Carlini&Caniato: EdUFMT, 2006, p. 150.

⁴⁷ Sobre esse marco temporal, confira o Capítulo II. : Retalhos de memórias, extratos de histórias – 40 anos garimpando sonhos e pesadelos no caulim: Junco do Seridó (1971-2011) detalharemos melhor essa problematização.

acabaram percebendo que o ganho era muito pouco⁴⁸, embora fosse melhor do que na agricultura.

Atualmente, os que procuram o trabalho no caulim em banquetas também o fazem por necessidade, como um meio de sobrevivência, pois, essas pessoas já subjetivaram que não vão encontrar aquela pedra preciosa e que o caulim de veeiro está, praticamente, extinto. Além do mais, os “grandes” empresários estão conseguindo registrar em seus nomes o subsolo caulínico e expulsar o *banqueteiro* desses espaços, sem contar o aumento no número de acidentes, que é outra forma de afastamento de trabalhadores dessa atividade.

Junco do Seridó, por sua vez, fica com o ônus dessa produção, pois, a cidade não usufruiu – e nem usufrui – o potencial de riqueza gerado pela extração mineral, posto que a carga tributária para o município é, praticamente, zero. Segundo conversas informais com os garimpeiros, muito do que é produzido ou extraído na cidade acaba sendo faturado, tirada a nota fiscal, em empresas localizadas no município vizinho de Juazeirinho. Dessa forma, os impostos colhidos são enviados para essa cidade, restando ao município “dono” do caulim, apenas, os buracos nas serras e nas ruas da cidade, as mortes, doenças, saudades e tristezas dos seus cidadãos e cidadãs.

É claro que a geração de emprego e renda promovida pela mineração é um dos sustentáculos econômicos de Junco do Seridó. Mesmo porque, agregados à extração do caulim vêm, também, o corte da lenha, o transporte desta e daquele mineral, o comércio de bens e serviços, enfim, outras formas de movimentação da economia local.

Contudo, se compararmos o que é extraído e beneficiado em Junco do Seridó com o que “realmente” fica para o município, a diferença é exorbitante. Portanto, nesse caso, há uma grande distinção entre o surgimento e o crescimento das cidades diamantíferas do Mato Grosso e a “cidade do caulim” em foco, pois, as primeiras cresceram e se desenvolveram a custa do seu mineral, enquanto a segunda enrica os que estão bem longe dela.

A extração do caulim, em Junco do Seridó, é uma construção histórica que passou por períodos distintos: no início, era uma lavra incipiente, cíclica; a partir da década de 1970, tornou-se sistemática; nas décadas seguintes, teve avanços e recuos na sua produção; e, atualmente, essa extração está “a todo vapor”.

Historicamente, o “nascimento” e o “desenvolvimento” da cidade em foco deu-se a partir de uma pousada para viajantes no final do século XIX e até, aproximadamente, a década de 1970, ela era uma cidade predominantemente agrícola, com poucas alternativas de

⁴⁸ Cf. O Capítulo II.

empregos além da empresa pública, a qual, também, dava os seus primeiros passos⁴⁹ (lembrando que sua emancipação política é de 1961), porém, sem muitos atrativos.

Quando Antonio Gonçalves, no ano de 1964, resolveu deixar o Rio de Janeiro e vir para a cidade focalizada, enfrentou de três a cinco dias de viagem, em um ônibus de três lugares, que, de acordo com suas memórias, mais lembrava os antigos paus-de-arara.

Passando por cidades desoladas e isoladas, rodovias asfaltadas e sem asfalto, até chegar a Campina Grande, deslocando-se dessa cidade para o Junco do Seridó, em ônibus da empresa Palma – transporte semelhante ao utilizado para vir do Rio de Janeiro –, fustigando seu corpo em estradas de terra batida, ele não tinha muita ideia do que iria encontrar.

Feliz por voltar aos braços do pai, ao se deparar com um local semideserto, no meio da caatinga do sertão nordestino, ele exclamou, provavelmente, com um misto de tristeza e arrependimento no olhar: “[...] o que é que eu vou fazer aqui no Junco...”.

Junco do Seridó, na primeira década após a sua emancipação, período em que Antonio “aportou”, era uma cidade com aspecto rural, um espaço, conforme ele⁵⁰ mesmo descreveu, com

[...] poucas casas, essa rua que eu moro (atual Severino Coelho), ali só tinha a casa de Zé Messias, pra lá tudo era, tinha umas casinhas de taipa muito ruim e o resto todinho era mato, pronto, esse setor aqui já tinha (o centro hoje), é como se diz, o Junco velho, antigo, é esse aqui. Só tinha casa aonde é a Prefeitura hoje, pronto, era a derradeira casa, pra lá não tinha nada, a casa era do finado Aristeu, casado com uma irmã de Mané Balduino. [...] pra lá não tinha nada, tinha um campinho de futebol, ali onde é a quadra (esportiva) hoje, pronto, ali era um campinho de futebol, uma carreira de aveloz de um lado e de outro e a estrada que ia pro cemitério. [...] tinha um posto fiscal onde é hoje a delegacia, naquela rua (atual Av. Balduino Guedes), [...], o posto fiscal com uma cancela velha de cavalete. [...]. Já tinha esse mercado, num tinha essa praça, essa praça era uma ruma de pedra de lajedo que tinha aí, essa praça (central) foi feita no tempo de Antonio Bernardino⁵¹, tinha o coretozinho velho ali encostado na Igreja (Católica) e não tinha nada. Pronto, ali tinha um decantamento que o finado Luiz (seu irmão) trabalhou muito nele, os primeiros serviços, lavava o caulim na base da enxada, a gente lavava uma carrada de caulim por mês, era do velho João Cruz, que morava no Recife. A Rua Nova ali, encostada na Igreja, era de Dr. Ageu de Castro, todinho, aquelas casas, eram aquele mesmo tanto de casas, daquele jeito, agora umas ampliaram, outros compraram duas e fizeram uma, mas era do mesmo jeito. Tinha essas casas aqui (encostada na escola Estadual), essas casas aqui são muito velhas, [...], e já tinha o Cartório⁵²... (sic)

⁴⁹ Cf. Capítulo II.

⁵⁰ OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa. Infelizmente, alguns desses locais não temos fotografias da época.

⁵¹ Antonio Bernardo da Nóbrega foi prefeito em dois mandatos: 1967-1970 e 1973-1977. PRODER, 1997, p. 10. É lembrado, por muitos na cidade, por ter derrubado o coreto que ficava defronte a Igreja Matriz de Santo Onofre. Embora, tenha cedido um lote de terra a empresa CAULISA para construção de seu prédio, como uma forma de incentivo para ela permanecer na cidade.

⁵² O Cartório foi implantado em 1949, pelo Artigo nº 47 do Decreto-Lei nº 39 de 10 de abril de 1949. CUNHA, 2006, p. 31.

Baseando-se nessa narrativa, vislumbramos que o cenário visto por Antonio, quando chegou do Rio de Janeiro, não era muito animador, para não dizer, extremamente desanimador. Se Junco do Seridó, atualmente, tem o seu núcleo urbano muito pequeno, imaginemos na década de 1960, onde até a iluminação pública era feita por um gerador⁵³ movido a óleo diesel.

Com relação ao decantamento por ele focalizado, na fala exposta anteriormente, não temos certeza se na década de 1960 já funcionava, porém, suas ruínas permaneceram até meados do ano 2000, quando foram demolidas e soterradas para doação de terrenos pela prefeitura.

Da narrativa de Antonio, divisamos o espaço de Junco do Seridó na década de 1960: um lugar pequeno, com poucas casas e prédios públicos, sem calçamentos e entrecortada pela vegetação e pelos lajedos de pedras. Ao longo dessa década e nas seguintes, esse lugar praticado foi tecendo-se pela mão do homem, como exemplo, e para corroborar com a fala supracitada, observemos a imagem 03⁵⁴ abaixo:

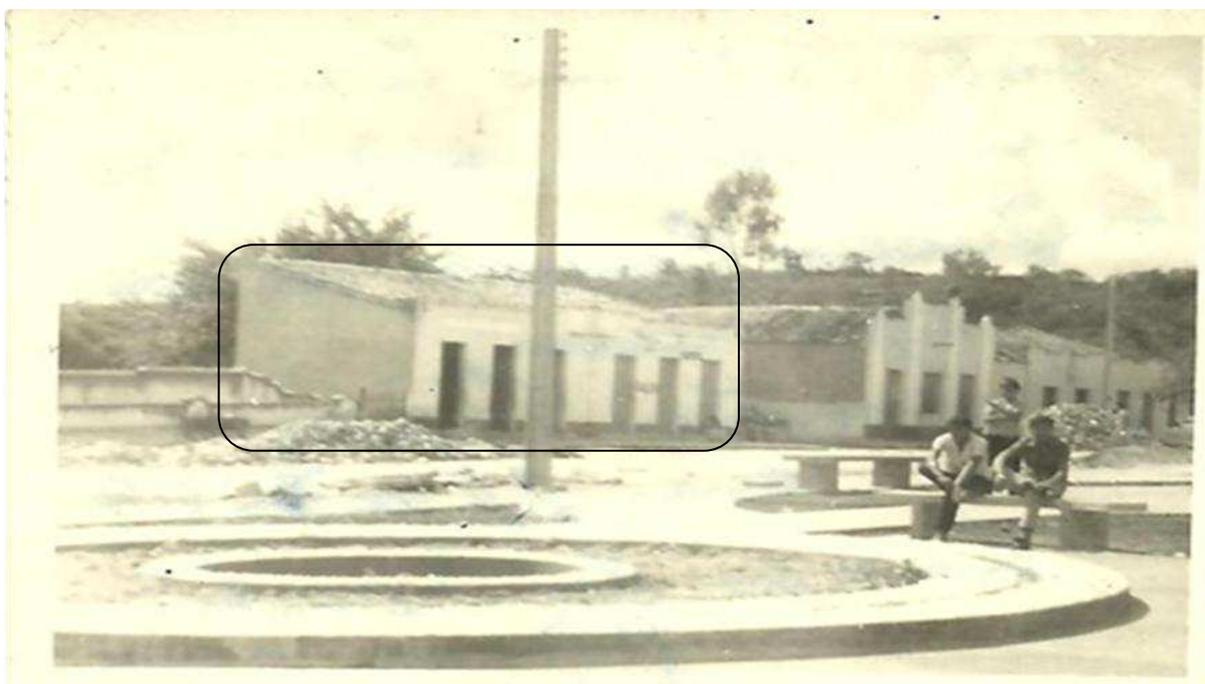


Figura 3: Praça Cel. José Ferreira, ano de 1969.
Fonte: Arquivo de Amândio Cunha, 1969.

Ressaltamos não ser o nosso intuito fazer uma discussão sobre imagens, contudo, utilizá-las como um documento complementar às narrativas apresentadas, mesmo porque, a

⁵³ A energia elétrica só vai chegar à cidade em 1965. Esse relato é sobre o ano de sua chegada, 1964.

⁵⁴ Fotografia cedida por Amândio Cunha de Araújo.

representação da imagem não tem o fim nela mesma. Portanto, a fotografia exposta na figura 03 é lida como um testemunho de um determinado período histórico.

Sandra J. Pesavento, no seu livro *História & História Cultural*⁵⁵, destaca três funções para a imagem: epistêmica, simbólica e estética. A primeira é utilizada para conhecermos algo; a segunda e a terceira seriam, respectivamente, para “[...] dar acesso a um significado, e [...], produzir sensações e emoções no espectador...”⁵⁶.

No caso em questão, trilharemos pela função epistêmica, ou seja, buscaremos conhecer algo, mais precisamente, veremos pela imagem alguns pontos relatados por Antonio através da sua fala, anteriormente transcrita, na qual ele dá a ler a cidade de Junco do Seridó a partir de suas lembranças, do que viu, ouviu e sentiu quando chegou nessa cidade.

Nessa fotografia, tirada de um ângulo onde a luz solar interfere diretamente na fisionomia das pessoas nela presentes, mas clareia o espaço da cidade, notamos, no plano secundário, alguns entulhos de pedras e os meio-fios das calçadas, como se estivessem prontos para calçá-la – o que ocorrerá só no final da década de 1970.

Ao fundo da fotografia, temos a vegetação e a topografia da cidade, com as serras circundando-a, imagem que corrobora para a existência dos lajedos no centro da cidade nesse período.

Onde se encontram a praça e os homens sentados – primeiro plano –, na descrição de Antonio já referida, tinham-se lajedos de pedras e chão de terra batida; os postes de eletricidade, que compõem a mesma fotografia, não existiam da forma como se apresentam – de concreto –, pois a energia do centro da cidade era gerada por um motor através de postes de madeira.

As casas, em destaque (losango preto), são as únicas que sofreram poucas modificações até hoje. Ao lado delas, no sentido Oeste, observamos a murada, em construção, da Escola Estadual. O banco onde estão sentados os “personagens” da imagem já não existe, restando, apenas, o círculo em frente a estes.

Sendo assim, da leitura das “imagens de memórias”⁵⁷ e da imagem 03⁵⁸, observamos que a cidade, objeto deste estudo, não apresentava muitas possibilidades de sobrevivência. Dessa forma, como ocorre com muitas pessoas quando chegam a lugares menores depois de uma estadia num grande centro, Antonio procura emprego, ou, melhor dizendo, serviço, pois,

⁵⁵ PESAVENTO, 2005.

⁵⁶ Idem, p. 87.

⁵⁷ “[...] (são) aquelas que trazemos conosco, em nosso cotidiano, muitas vezes sem percebermos e que nem sempre têm uma representação plástica e invariável...”. PAIVA, 2004, p. 14.

⁵⁸ Foto tirada em 22/07/1969. Arquivo de Amândio Cunha de Araújo.

para o cidadão juncoense, emprego remete a um salário certo, já o último, refere-se ao chamado “bico”, atividades esporádicas e de pouca remuneração.

Desta feita, ele vai trabalhar de servente de pedreiro,

[...] foi o primeiro serviço quando vim do Rio (de Janeiro), [...], trabalhemos no muro da casa paroquial, na casa paroquial também, nesse tempo era o comando do velho Cabral [...]. Eu trabalhava mais o finado “Zé” Simões, a gente foi trabalhar em Bom Jesus⁵⁹, em (19)64 pra 65, nós fomos fazer o mercado, a Igreja, o Cemitério e o grupo escolar, de 65 pra 66, no tempo do prefeito Antonio Bernardino⁶⁰...⁶¹ (sic)

Foi trabalhando no serviço de pedreiro que Antonio ouviu falar sobre as vagas abertas para extrair caulim nas serras, com carteira assinada e um salário certo todo final de mês. Então, ele resolveu seguir rumo a essa atividade.

Observamos que, no período indicado pelo entrevistado, a profissão de pedreiro não era muito valorizada pelos juncoenses, mesmo a cidade estando no alvorecer de sua “vida” política, tendo de construir muitos prédios públicos, como ele mesmo indicou.

Por isso, ele trocou a trolha de pedreiro e o trabalho em cima da terra pela pá e picareta, cavando para o subsolo, demonstrando como a questão econômica nomeia quais produtos, serviços e mercadorias são importantes. Essa realidade pode ser exemplificada pelo momento atual do Brasil, onde se registra a falta de trabalhadores habilitados para a construção civil, especialmente, os pedreiros e, em Junco do Seridó, essa “verdade”, também, não é diferente.

No município em questão, o bom profissional da construção civil é valorizado, tendo uma diária entre cinquenta e setenta Reais, em média, para o pedreiro e entre vinte e cinco e trinta Reais, para o servente. Pode não parecer muito se comparado a um grande centro urbano, que paga até o dobro ou triplo disto, porém, para os padrões locais, é uma quantia considerada boa.

Dessa forma, enquanto nas décadas de 1970 e 1980, as pessoas deixavam outras atividades, inclusive a construção civil e se dirigiam para o caulim, atualmente, o caminho percorrido é o inverso, são os *banqueteiros* que estão deixando a lavra desse mineral e procurando outros trabalhos, seja no corte de lenha, seja nas pedreiras de quartzo, seja no exercício de pedreiro.

⁵⁹ De acordo com CUNHA, 2006, p. 32, o Distrito de Bom Jesus foi criado pela Lei nº 4.156, de 20 de junho de 1980. Ele fica cerca de dezoito quilômetros da sede do município.

⁶⁰ No período indicado pelo colaborador, o prefeito de Junco do Seridó era Jônatas Ferreira Tavares, o qual teve duas legislaturas: essa primeira, de 1962 a 1967, e a segunda que foi de 1970 a 1973. PRODER, 1997, p. 10.

⁶¹ OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

Portanto, podemos inferir das palavras de Antonio, expostas anteriormente, que Junco do Seridó, nos seus primeiros anos de cidade, era um local sem grandes perspectivas de crescimento, com uma população pobre, uma malha urbana reduzida a pouquíssimas casas, com pedras altas, os lajedos, onde é a praça central, um decantamento de caulim no centro da cidade, sem água encanada, tendo a população que buscá-la a pé ou em lombos de jumento, no “mela bico”⁶², no “cacimbão”, chafariz e na “matinha”⁶³.

Mas, também, possuía um posto fiscal no meio da passagem da antiga estrada que cortava a cidade do oriente para o ocidente – o mesmo trajeto da atual Avenida Balduino Guedes. Tal posto, hoje, fica na divisa entre os estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Então, foi nesse cenário de drama, aventura, esperança de um futuro melhor e “realidade” sombria, que Antonio Gonçalves encenou o seu ato nessa difícil novela chamada vida.

1.1.2. “[...] eu ando por todo canto, mas a minha parada é o Junco...”⁶⁴

Na década de 1970, vamos encontrar Francisco Carlos, com doze anos de idade, trabalhando em roçado com o seu pai, “[...] porque foi na hora de abandonar o estudo, porque estudo nesse tempo era difícil, não era pra todo mundo, aí, pai dizia – ‘meu filho, está na hora de trabalhar...’ –, aí, eu – ‘*bora*, vamos trabalhar...’”⁶⁵ (sic).

Vivendo em uma cidade que não mudara, praticamente nada, depois de mais de uma década de sua emancipação, essa era a constatação do colaborador⁶⁶, cuja fala é apresentada a seguir, quando ele a descreve, partindo de suas memórias, dizendo que

[...] o pouco que eu me lembro era [...] pegando de “Zé de Homero” (margens da BR 230) pra trás, não tinha casa, só a casa de “Zé de Homero”. Ali onde tem a Prefeitura, a derradeira casa na Rua central (Av. Balduino Guedes) da Igreja, era a casa dos Tavares, a última casa era aquela e não tinha mais casa, tinha uma ponte velha quebrada e pra lá era só roça, até encostar o cemitério. [...]. O calçamento, nesse tempo, não tinha calçamento, era chão, eles faziam um meio-fio, mas só pras

⁶² Fica a uma distância de um quilômetro da cidade. Nesse local, a população retirava água a partir das fendas dos lajedos que, na época chuvosa, pareciam chorar, por isso o nome “Chorão”.

⁶³ Localizada na serra ao norte do Junco do Seridó-PB. Esse local guardava água da chuva em cacimbas naturais.

⁶⁴ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

calçadas (das casas), o resto era só pedra, essa rua (Av. Balduino Guedes) veio ver uma calçamento quando Teodoro⁶⁷ ganhou, foi o primeiro calçamento... (sic)

A cidade, descrita acima, não se transformara muito em relação à cidade de Antonio, narrada anteriormente. Contudo, ao final da década de 1970, Junco do Seridó vai ter uma melhoria com a construção do calçamento público na atual Avenida Balduino Guedes. Então, para corroborar com a fala de Francisco, acima, e com a visão de um lugar semidesértico, observemos a figura 04 adiante.

Destacamos, na imagem, o espaço do mercado público e a praça central (círculo preto); o templo da Igreja Matriz de Santo Onofre (losango vermelho) – essa arquitetura foi destruída em 2007 e construída uma maior –; a localização de um decantamento de caulim (círculo amarelo), que já não existe mais; e, nos losangos pontilhados: na horizontal, caminhões; na vertical, barracas de jogos, lanches, tiro ao alvo, etc.

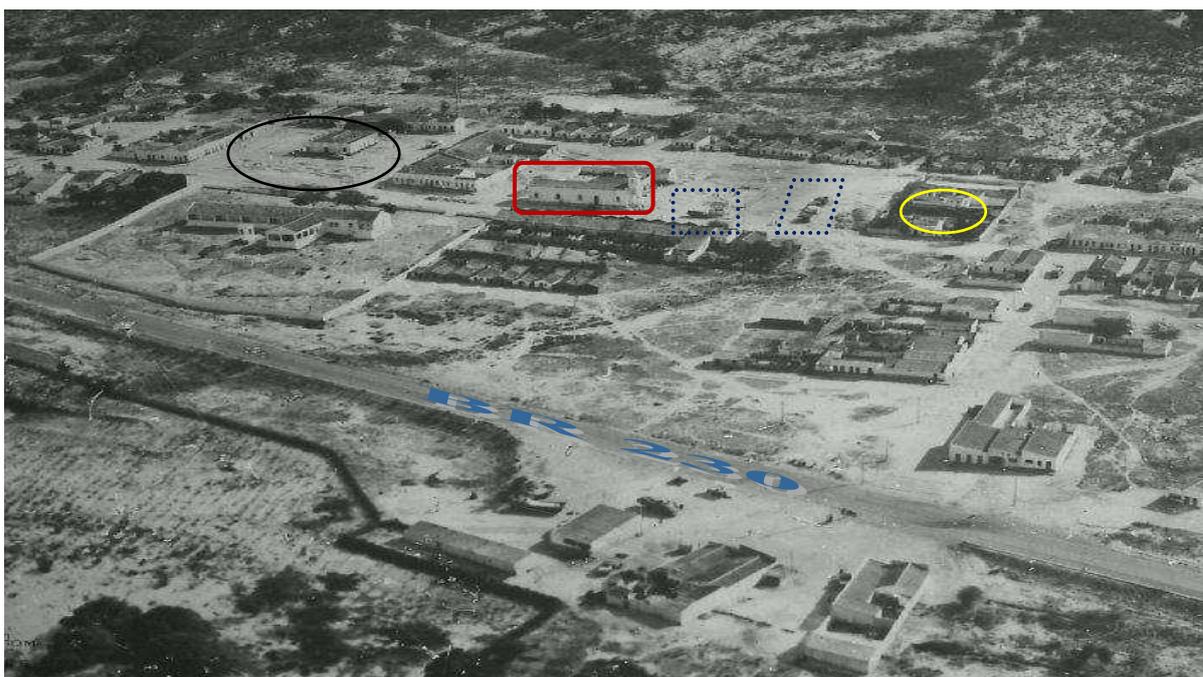


Figura 4: Junco do Seridó em 1972.

Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Junco do Seridó-PB.

Uma imagem, seja ela qual tipo for – pintura, escultura, fotografia –, não pode ser tida e vista como o retrato da “realidade” que se deseja ver ou estudar. Dessa forma, vendo a fotografia 04, apresentada anteriormente, como uma representação de Junco do Seridó em meados da década de 1970, lemos que essa imagem traz aspectos da cidade nesse período, e,

⁶⁷ Teodoro Napoleão Bezerra, prefeito nomeado em 1962 e constitucional de 1977 a 1983. PRODER, 1997, p. 10.

também, associando-a às informações extraídas da narrativa de Francisco, podemos entender, superficialmente, esse espaço até aqui estudado.

A imagem referida deve ter sido tirada de um helicóptero ou algo semelhante, posto que, na topografia da cidade em foco, mesmo tendo serras altas, não existe um local que possa dar uma visão panorâmica semelhante à fotografia 04. Por causa disso, alguns pontos do pequeno núcleo urbano não são registrados, a exemplo, a última casa da rua principal (atual Avenida Balduino Guedes) que passa ao lado da antiga Igreja Católica (já derrubada) – prédio em destaque de vermelho –, referida na fala de Francisco como sendo a residência dos Tavares e onde se localiza, hoje, o prédio da Prefeitura Municipal, bem como, o cemitério público, o qual seguia pela mesma “Rua da Igreja”.

Lemos, também, como as ruas da cidade eram afastadas umas das outras, o que corrobora, na atualidade, para a falta de unicidade do núcleo urbano e traz, com os olhos voltados para o período da fotografia, uma imagem representativa de um lugar desolado, e, devido à distância em que ela foi tirada, de um espaço sem vida, como se estivesse no meio do nada, cercado pela natureza inóspita da caatinga.

Sobre o tempo cronológico da fotografia, alguns moradores da localidade relataram que ela foi registrada durante o mês de janeiro, quando Junco do Seridó celebrava a festa em homenagem ao seu padroeiro, uma das três grandes comemorações da cidade atualmente – juntamente com o São Pedro e a emancipação política, sendo essa última mais festejada na contemporaneidade do que na década de 1970.

Os indícios apontados pelos habitantes da cidade, que vivenciaram esse momento, para afirmarem o período com certa exatidão, estão destacados com losangos pontilhados de preto na imagem 04, anteriormente demonstrada, pois, os mesmos destacam caminhões – o mais próximo à igreja – e de barracas – paralelo àquele.

Os caminhões traziam pessoas para um casamento e foi o casal que estava realizando o seu enlace matrimonial a comentar esse acontecimento, lembrando, inclusive, das barracas de tiro, jogos e comes e bebes.

Essa visão de um lugar isolado e desolado representa o estereótipo dos lugares do sertão como paisagens de fome, seca e morte. À vista disso, segundo Martins⁶⁸, a palavra sertão é originária da

⁶⁸ ROLAND apud MARTINS, José C. de Oliveira; BURITI, Iranilson; CHAGAS, Liliana Leite. *Homens arando novas formas de ser e viver: bordando um outro sertão*. Revista de História Regional, verão, 2007, p. 27/28.

[...] língua portuguesa, presente no Brasil desde o século XV, que significa lugares apartados, desertos, estranhos e incultos. [...]. Portanto, muitas vezes pensar em sertão é pensar em fome, seca e morte. Atualmente, [...], considerando o sertão um espaço possível de plena produtividade, de novas artes de fazer, um lugar praticado e reinventado cotidianamente...

Nesse sentido, lendo Junco do Seridó como um lugar praticado e possível de produtividade, conforme referido acima, destacamos, em amarelo, o local no qual existia um decantamento de caulim, segundo a narrativa de Francisco exposta anteriormente, sendo uma dessas artes de fazer existentes no sertão, apontada na citação anterior, principalmente, na década de 1970, quando os incentivos governamentais dificilmente chegavam até a população mais pobre.

A topografia da cidade, trazendo lajedos para o centro urbano, também, fomentou a exploração do caulim no mesmo ponto, pois, além desse espaço destacado, seguindo pela “Rua da Igreja” no sentido do sertão, encontrar-se-ia outro beneficiamento de caulim, o qual não aparece na fotografia 04.

Os motivos para a cidade ter sido fotografada dessa forma não sabemos, isso porque essa imagem é um artefato fotográfico exposto na parede da Prefeitura Municipal hoje. E considerá-la como um artefato, significa dizer que a vemos como “[...] um objeto que é produzido e circula entre grupos sociais, sendo reapropriado, resignificado, modificado materialmente...”⁶⁹.

Da leitura dessas fotografias 03 e 04, distantes uma da outra por alguns anos, compreendemos, mesmo sem procurarmos nos aprofundar no assunto, os motivos que levaram tanto Antonio quanto Francisco a buscarem sua sobrevivência no caulim. Além disso, ao considerarmos Junco do Seridó como representação de algumas cidades localizadas no semiárido nordestino, entendemos, de certa forma, o porquê dos deslocamentos populacionais para o centro-sul do país nesse período.

A partir de uma leitura intrínseca da imagem 04, as sensibilidades desse determinado momento histórico nos mostram a vida de Francisco, praticamente, no mesmo ritmo, ou seja, sem grandes agitações, posto que, entre os doze e quatorze anos, ele trabalhou na agricultura, uma atividade predominante no sertão desde a colonização desse espaço.

⁶⁹ LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias – Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 60.

Para realizar essa atividade, o entrevistado acordava de manhã bem cedo, respirando o ar puro e frio da matina. Ele se dirigia, juntamente com o seu pai, ao roçado⁷⁰ para o plantio, cultivo e colheita da mandioca destinada à fabricação da farinha, provavelmente, o cheiro mais comum que Francisco sentia todas as manhãs.

Além desses personagens, os filhos do patrão também vão nesse cortejo, permanecendo até o meio-dia, quando paravam de trabalhar para se aprontarem e irem estudar em Santa Luzia – cidade próxima – enquanto que o entrevistado continuava sua lida diária na roça, durante o restante do dia.

Pobre, devido às dificuldades encontradas no Brasil da época para a população de baixa renda ter acesso à educação, ele viu a empresa de caulim chegar ao Junco do Seridó, registrar as pessoas para o trabalho e estas, “[...] no final da quinzena tinha um dinheirinho, na agricultura, nesse tempo, não tinha, na agricultura, só o feijão, a farinha, a rapadura pro *caba* comer...”⁷¹. Portanto, para ele, que tinha pouco estudo, essa seria uma alternativa melhor de sobrevivência do que o trabalho agrícola.

Residindo em uma cidade sem muitas alternativas de emprego e estudo, trabalhando muito e ganhando pouco no cultivo dos campos, com o sonho de melhorar de vida e a extração do caulim crescendo – porque “[...] era muito caulim de veeiro nesse tempo...”⁷² –, Francisco não teve dúvidas, seguiu a estrada de “tijolos brancos” deixadas por esse mineral, na paisagem e na vida dos garimpeiros, nos primeiros anos de atividade sistemática.

Passados dez anos, aproximadamente, da chegada de Antonio a Junco do Seridó, lá se foi Francisco subir a “Serra do Brennand”⁷³, com quatorze anos de idade, aproximados, motivado, segundo suas palavras, porque seu pai estava tirando caulim de veeiro em uma banqueta, na referida serra. Desconhecendo quase por completo a extração do caulim, assim como a maioria dos garimpeiros naquela época, sonhando com tempos copiosos, subjetivados por visões míticas que acompanham os garimpos “[...] como lugares privilegiados, nos quais a fartura e a abundância permitiriam a qualquer um enriquecer da noite para o dia”⁷⁴.

Francisco permaneceu na lavra caulínica até o ano de 1977, quando ocorreram as primeiras mortes nas banquetas, algo que não se conhecia, ainda, na cidade. Depois disso, ele

⁷⁰ Segundo o dicionário Aurélio, roçado significa: Terreno onde se roçou ou queimou o mato, e que está pronto para a cultura; roça. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Op. cit.

⁷¹ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁷² Idem.

⁷³ Nesse período, chamava-se “Várzea de Vassoura”, conforme consta da escritura pública de compra e venda dessa propriedade arquivada e exibida no Cartório local. Pesquisa feita no Cartório local em outubro de 2011.

⁷⁴ JESUS, Zeneide Rios de. *Eldorado sertanejo: garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)*. Dissertação de Mestrado em História, 2005, p. 35.

deixou a extração do caulim e, corroborando com a citação acima, procurou a mineração de ouro em busca de enriquecimento rápido, tendo-se demorado no trabalho com esse tipo de minério, uns vinte anos.

Durante esse período, andou por Salgueiro e Princesa Izabel, no estado de Pernambuco, seguindo até “[...] o Pará, não fui na serra (Serra Pelada) mesmo, cheguei num lugar chamado ‘Mamão’, mas lá não era banquetta, era em caixinha, era o *melechete*, dentro de um rio...”⁷⁵. (sic)

Na década de 1980, as notícias de riqueza fácil no “formigueiro humano”, Serra Pelada, percorrem o Brasil, dando início a uma “corrida do ouro”, atraindo pessoas de todas as regiões em busca dos garimpos do meio-norte do país.

Aliado a essa “corrida”, o governo Federal implantou, na região, projetos de infraestrutura com o intuito de desenvolvê-la, exemplificando-se,

[...] a implantação do Projeto Grande Carajá – PGC – no final de 1980, atraiu trabalhadores para suas obras: hidrelétrica de Tucuruí, ferrovia São Luis-Carajás, rodovia PA-275 e as obras de infra-estrutura na mina da Serra dos Carajás, somando mais de noventa mil trabalhadores, configurando uma nova realidade para o sul e sudeste do Pará...⁷⁶.

Dessas noventa mil pessoas que foram atraídas para o Pará, especialmente, para o garimpo, é bem provável que uma delas tenha sido Francisco, pois, “[...] nesse período todo, eu tive umas paradas de uns 15 a 20 anos e fui pra outros locais que era banquetta também. [...], aí comecei a andar atrás de garimpo de ouro...”⁷⁷ (sic). Posto que, “[...] o início da década de (19)80 é marcado pela forte atração das áreas de garimpos de ouro na Amazônia de maneira geral e no estado do Pará especificamente...”⁷⁸.

Buscando melhorar de vida, procurando encontrar ouro e com medo dos acidentes que ocorreram no garimpo do caulim em Junco do Seridó, o colaborador se deslocou por vários locais dentro da região Nordeste até o Norte do Brasil, como já exposto.

Dessa forma, podemos inferir que sua narrativa sobre o garimpo coaduna histórias vividas na prospecção do caulim e na lavra do ouro, maneiras de narrar próximas ao

⁷⁵ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁷⁶ MOURA, Salvador Tavares de. *Serra Pelada: experiência, memórias e disputas*. Dissertação de Mestrado em História, 2008, p. 40.

⁷⁷ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁷⁸ MOURA, op. cit., 2008, p. 41.

“camponês sedentário” e ao “marinheiro comerciante” de Walter Benjamin⁷⁹, os quais, de acordo com este autor, já são um desdobramento do “mestre sedentário” e dos “aprendizes migrantes”, que, “[...] no sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário...”⁸⁰.

Então, mesclando os conhecimentos e as experiências de vida trazidos de outros garimpos, onde os sonhos de riqueza com o ouro e as ilusões promovidas por este são uma constante; vendo a fortuna ser conquistada e desperdiçada em instantes, bem como, observando as relações sociais se aglutinarem e se apartarem da mesma forma, Francisco subjetivou e declarou que “[...] eu ando por todo canto, mas, a minha parada é o Junco...”⁸¹.

1.1.3. “[...] os filhos sempre se inspiram nos pais...”⁸²

Quando Josinaldo veio morar em Junco do Seridó, ele estava com oito anos de vida. Com base na sua idade – em 2011 ele completou 35 anos –, o ano era 1984. Fazia vinte anos da emancipação política da cidade e da chegada de Antonio, e, dez anos, da entrada de Francisco no caulim.

Vindo do sítio Catolé, município de Assunção⁸³, desde criança Josinaldo “trabalhou no pesado”. Sem muito estudo, pois, de acordo com sua narrativa, o pai sempre pedia para ele ir ao colégio, mas “[...] não (sic) tinha interesse...”⁸⁴, começando a estudar com treze anos de idade. Dessa forma, só restavam o trabalho e as brincadeiras com os irmãos para preencher o tempo.

Então, de um lado, o do trabalho, a vida de Josinaldo assemelha-se, um pouco, a de Francisco, posto que, ambos começaram desde cedo a laborar. Por outro lado, devido a sua idade, Josinaldo recorda melhores passagens e paisagens que fizeram parte do seu imaginário infantil.

⁷⁹ BENJAMIN, 1994, p. 199.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁸² HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁸³ Nesse período, esse espaço pertencia a Juazeirinho.

⁸⁴ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

Nesse sentido, as suas lembranças são mais focalizadas no Bairro Santo Antonio, a “Coréia”⁸⁵, como é apelidado esse bairro, onde, em meados da década de 1980, era um espaço bem pequeno e com poucas casas.

O povoamento desse bairro inicia-se no final da década de 1970, com a doação de terrenos feita pela prefeitura para as pessoas construírem suas residências e povoarem os lugares vazios da cidade. Na segunda metade de 1980, o Bairro Santo Antonio já contava com algumas ruas sem calçamentos e sem sistema de água e esgoto. Por causa disso, o prefeito⁸⁶ da época mandou construir reservatórios de água para abastecer a população do lugar.

Devido às constantes brigas existentes entre seus moradores no início de seu povoamento, o Bairro Santo Antonio recebeu a alcunha, depreciativa, de “Coréia”. Essa etimologia deriva da Guerra da Coréia (1950-1953), contudo, desconhecemos os motivos para essa “nomeação” informal do Bairro em detrimento de outros conflitos mais próximos ao seu povoamento e tão conhecidos quanto esse como, por exemplo, a Guerra do Vietnã (1963-1973).

As residências existentes nesse bairro, na década de 1980, em sua grande maioria eram construções de paus-a-pique, embora Josinaldo tenha dito que a dele era de alvenaria, com fogão de lenha, visto que sua mãe “[...] não cozinhava em bujão e, aí, queimava lenha com força e todo dia ele (sic) ia atrás de lenha...”⁸⁷.

No período das chuvas no sertão, seu pai saía para plantar no roçado, juntamente com ele e seus irmãos, deixando a responsabilidade da colheita, também, para eles. Caso fosse a seca, o genitor partia para o garimpo e os filhos para a agricultura, dado que, embora a mineração, na década de 1980, fosse intermitente, ela não havia superado a agricultura como principal meio de sobrevivência da população pobre de Junco do Seridó – o que ocorre só a partir de 1990. Desse modo, é comum no município os garimpeiros se declararem, também, agricultores, mesmo porque, eles exercem essa dupla atividade em horários diferentes.

E, assim, ao raiar do dia, Josinaldo, acordando com o cheiro da fumaça que emanava do fogão à lenha, após ter tomado o seu café, preparado nesse mesmo fogão, com um pãozinho dormido – pois, “[...] naquele tempo, as coisas eram difíceis...”⁸⁸ –, seguia para a labuta na agricultura e na retirada da lenha, retornando na hora do almoço, momento em que

⁸⁵ Procuramos pessoas da comunidade visando encontrar fotografias desse bairro na década de 1980, contudo, infelizmente, nessa época, elas não tinham o costume de tirar fotografias da família ou dos espaços.

⁸⁶ Essas cisternas públicas foram construídas na primeira gestão do prefeito Edilson Azevedo G. da Nóbrega (1983-1988). PRODER, 1997, p.10.

⁸⁷ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁸⁸ Idem.

ia levar a comida para seu pai e Luiz, um de seus irmãos, que estavam na extração mineral, na “Serra do Brennand”.

Caminhada de aventureiro, seguia ele, rumo ao garimpo de seu pai, com a marmita na mão, passando por entre os paredões rochosos e a caatinga fechada até chegar à banqueta. No seu olhar de criança, achava tudo simples e fácil, sem os medos e a preocupação que um adulto e pai de família pode ter – para não deixá-la desamparada –.

Ele gostava de ficar um pouco observando o trabalho deles, talvez, com admiração que um filho e irmão mais novo possui – em algumas famílias. Além disso, ajudava seu irmão a contar os tambores de caulim retirados pelo carretel.

Curioso, como boa parte das crianças, ele adentrou o ventre da terra para conhecer a banqueta lá embaixo. Isso só foi possível porque, segundo suas palavras, “[...] naquela época num tinha buraco fundo não...”⁸⁹. Em casa, junto com os outros irmãos, reproduzia o vai e vem do carretel e a extração do caulim nas suas brincadeiras infantis, pois, “[...] os filhos sempre se inspiram nos pais...”⁹⁰.

O Bairro Santo Antonio, na sua infância – década de 1980 –, tinha poucas ruas e residências, sem encanação pública de água e nem de esgoto – a parte destacada de amarelo na fotografia 05⁹¹ abaixo –; seus moradores recorriam às cisternas construídas pela prefeitura na entrada desse espaço as quais ficavam às margens da BR 230.

Atualmente, ele é um dos maiores espaços existentes no perímetro urbano de Junco do Seridó. Na sua “entrada”, ao lado direito da BR – sentido da fotografia 05, litoral-sertão –, observamos os vendedores de castanha de caju, de pedras decorativas, artesanato, oficina mecânica, bares, loja de material de construção, enfim, uma variedade de produtos, em detrimento dos reservatórios de água que existiam e foram destruídos, como podemos ler na imagem 05 adiante:

⁸⁹ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ Escolhemos esta imagem, porque ela dá uma visão panorâmica do Bairro Santo Antonio como ele se apresenta hoje e menos como uma forma de esconder os problemas existentes nesse lugar. Ao mesmo tempo, a falta de uma fotografia da década de 1980, primeiros anos do povoamento desse Bairro, nos levou a trazer uma representação atualizada de tal espaço.



**Figura 05: Bairro Santo Antonio – Vista parcial, auto do “Cruzeiro”.
Fonte: Inairan C. Cunha, 2011.**

Fotografia, imagem produzida pelo ser humano, podendo circular em pequenos núcleos, como a família, ou em campos maiores. Devido ao seu caráter ambíguo, a fotografia serve tanto para transmitir uma mensagem quanto para recepção-la, sendo, portanto, uma representação da “realidade” que está inserida, um *analogon*⁹².

No destaque de cor preta, temos a representação do Bairro em foco nos primeiros anos de sua ocupação, década de 1980, com poucas ruas e sem calçamentos, conforme exposto anteriormente. Realçado em amarelo, temos o espaço com calçamento, atualmente, o qual é denominado por muitos moradores da cidade e do próprio Bairro de “Coréia Velha”. Nesse sentido, vemos a imagem 05, acima, como um *analogon* desse Bairro, chamando a atenção para o aspecto de desenvolvimento urbano do mesmo e, conseqüentemente, do espaço de Junco do Seridó, nessas últimas três décadas.

A expansão urbana de Junco do Seridó, na década de 1980, nos é desconhecida, provavelmente, a centralidade da cidade tenha favorecido-a, mas, atualmente, a economia mineral – trazendo pessoas de outros espaços e moradores da zona rural do próprio município– está determinando o crescimento da cidade, especialmente, no Bairro Santo Antonio.

⁹² CARDOSO; MAUAD. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*, 1997, p. 409.

À vista disso, as casas do referido Bairro estão se expandindo aos “pés” da “Serra do Brennand” – a montanha ao fundo – e sua população, de 1980 a 2011, praticamente, triplicou – embora não tenhamos dados estatísticos que confirmem isso –, proporcionando o aumento de mercadinhos, padaria, fruteiras, bares e residências em alvenaria, deixando de existirem as casas de paus-a-pique.

Na narrativa de Josinaldo sobre a cidade de Junco do Seridó, sua infância foi marcada pelo espaço do bairro que ele residia, trazendo-lhe um sentimento de pertença, permitindo-lhe apropriar-se desse lugar praticado e nele reproduzir o mundo dos adultos.

No entanto, nessa representação dos adultos, talvez estivesse, também, a vontade de conseguir dinheiro para o pão, a bolacha, ou, comprar os carrinhos de brinquedo, imaginando ser um desses motoristas que ele via passar na BR 230, pois, “[...] gostava de sentar na beira da pista (rodovia) e ficar contando os carros...”⁹³.

Então, a criança Josinaldo tinha o seu mundo resumido no bairro Santo Antonio, tanto que ele não cita as suas vindas para o centro da cidade. Isso ocorre porque, muitas vezes, lembramos daquilo que nos marca pelos sentidos: cheiros, gostos, toques, olhares, enfim...

O olfato é a “sentinela vigilante”⁹⁴ do nosso corpo, orientando-nos para o que é permitido e proibido, mas também, marcando nossas memórias. Na paisagem olfativa da criança Josinaldo, encontram-se a fumaça da lenha queimando no fogão de sua casa e o cheiro de café preparado por sua mãe, delimitando as lembranças da manhã do nosso entrevistado.

Já o observar e descer nas banquetas e as brincadeiras imitando estas demarcaram o seu final de tarde, pois “[...] a **visão** e o **tato** prevalecem como aparelhos de experimentação e significação dos espaços...”⁹⁵, e porque, também, é nesta hora que muitas crianças trabalhadoras têm tempo de brincar.

À noite, as diversões ficavam por conta de correr – das disputas mais acirradas, como o “cuscuz”⁹⁶ –, e ficar olhando os veículos que passavam na rodovia, fazendo das suas atividades infantis sensibilidades fabricadas pelos toques nas brincadeiras, pela visão e o barulho dos automóveis e, quando ia dormir, “[...] escutava de noite mesmo, era somente o

⁹³ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁹⁴ BURITI, op. cit., 2011, p. 36.

⁹⁵ Idem, 2011, p. 39. *Grifos do autor*.

⁹⁶ Consistia em fazer um pequeno monte de terra, em forma de cuscuz, com um palito colocado no meio. As crianças vão retirando a terra ao lado sem deixar que o palito caia, caso isso aconteça, ele tem que correr para um local, geralmente um poste de luz, onde estaria salvo. Se não chegasse até ele ou não desse tempo, apanharia dos outros amigos.

grilo cantar, depois de onze horas pra doze...” e “[...] na época do inverno, era o sapo...”⁹⁷, com o seu coaxar, embalando os seus sonos e sonhos de criança.

A cidade de Junco do Seridó narrada por Antonio e Francisco possui algumas semelhanças na questão do território, mesmo uma estando distante da outra dez anos, o número de casas, bairros e o calçamento das ruas não mudara muito nesse intervalo de tempo.

Já em relação à cidade descrita por Josinaldo, ocorreram algumas modificações, a começar pelo próprio bairro de domicílio desse último personagem, posto que, na década de 1980, contava com algumas ruas, mais precisamente, duas.

Não é uma mudança muito significativa aos olhos de alguém acostumado a uma cidade de médio e grande porte, porém, como demonstrado anteriormente, para Josinaldo, que saiu da zona rural e viveu nesse cenário por alguns anos, o seu “universo” social – ainda que ele diga a partir de observações atuais que não passa de poucas casas – era um “mundo” a ser desvendado.

Por conseguinte, mesmo gostando de trabalhar – como ele afirma –, ir tirar lenha no mato, em meio à caatinga fechada, todo dia, cremos que ele fazia isso mais por necessidade do que prazer. Entretanto, a criança, em muitos casos, tem a capacidade de transfigurar dificuldades em divertimento.

Dessa forma, “[...] a criança quer puxar alguma coisa e se transforma em cavalo, quer brincar com areia e se transforma em pedreiro, quer se esconder e se transforma em bandido ou policial...”⁹⁸, quer adentrar a caatinga em busca de lenha, porque não se transformar em um desbravador das selvas e, assim, flui o mundo infantil, (res)significando suas dificuldades em seu parque de diversões.

Mesmo tendo a extração mineral como constructo de sua vida, foi na adolescência, com quinze anos, que Josinaldo resolveu trilhar o caminho do pai e dos irmãos mais velhos. Nessa fase, a maioria dos jovens quer se mostrar para o mundo e, por isso, precisa de suporte financeiro, contudo, quem trabalhava o mês para conseguir a feira, como ocorria com o seu pai, ficava difícil prover as despesas de muitos filhos, principalmente, dos adolescentes.

Portanto, dificuldades de dinheiro para suprir a alimentação básica e a vontade de *bodetar*⁹⁹, como ele mesmo disse, o levaram ao garimpo e, como todo moço sonhador, àquele desejo de encontrar uma pedra preciosa – já que Josinaldo vai, primeiramente, para o garimpo

⁹⁷ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁹⁸ BENJAMIN, Walter. História cultural do brinquedo. In: _____ *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas, vol. 1, op. cit., p. 246.

⁹⁹ Expressão utilizada por pessoas mais velhas da cidade em relação ao pré-adolescente quando começa a procurar namoro.

de minério e, depois, para o filão de veeiro que modificaria sua vida e, provavelmente, a de sua família.

Entretanto, sua vida não seguiu os trilhos como desejado, os obstáculos foram muitos, tanto que ele deixou o caulim por um tempo e foi buscar outras formas de sobrevivência no Recife, ao lado da esposa e dos irmãos que lá estavam. Nessa cidade, como na música, o dinheiro mal dava para ele se alimentar, tendo que pagar aluguel e as outras obrigações com a casa, como energia e gás. Quando tinha que vir visitar a mãe, ele e sua esposa passavam o mês economizando no que pudessem e, assim, a ilusão de uma vida melhor em uma cidade grande desaparece perante as decepções da “realidade” vivida.

Diante desse quadro precário, onde ele “[...] sofria mais que aqui...”¹⁰⁰, Josinaldo retorna ao Junco do Seridó e ao garimpo de caulim, haja vista que, para o entrevistado, o qual tinha pouquíssimo estudo e qualificação de trabalho, era melhor está na “sua” cidade, próximo aos seus familiares e conhecidos.

Na “sua” cidade, ele tanto era (re)conhecido quanto (re)conhecia as pessoas. Isso abria as portas do comércio para a feira mensal, mesmo que não tivesse dinheiro na hora; diminuía os gastos, porque, não tendo condição financeira para comprar o gás, podia recorrer ao meio ambiente e retirar a lenha para consumo.

Portanto, “[...] o adquirido trazido pelo costume não é senão a melhoria da ‘maneira de fazer’, de passear, de fazer compras, pela qual o usuário pode verificar sem cessar a intensidade da sua inserção no ambiente social...”¹⁰¹.

1.1.4. “[...] graças a Deus, o pai da gente levou pro lado do trabalho...”¹⁰²

Essa frase dita por José Fábio bem que poderia resumir sua vida desde a infância. Por quê? Perguntaríamos. Porque esse adulto jovem, hoje com vinte e nove anos de idade e, recentemente, casado, já conseguiu construir, para si e para a esposa, um padrão de vida bom, em termos locais, melhor do que muitas pessoas com trabalhos formais e efetivos, mesmo estando dentro das banquetas. Entretanto, essas conquistas não foram da noite para o dia, elas

¹⁰⁰ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

¹⁰¹ MAYOL, Pierre. O Bairro. In: CERTEAU et. all. *A Invenção do cotidiano*: 2. Morar, cozinhar. 2003, p. 45. *Grifos do autor*.

¹⁰² MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

demoraram décadas para acontecer e à custa de muito sacrifício, suor, sangue e lágrimas na extração caulínica.

O entrevistado, ainda cedo, teve que tornar-se adulto, visto que, desde criança, foi obrigado a assumir responsabilidades com o trabalho, principalmente, a partir dos doze anos de idade, quando o seu pai foi diagnosticado com a temível silicose¹⁰³.

Esse acontecimento deixou rastros na sua formação pessoal, pois, ao ser questionado sobre sua infância, Fábio disse, com um misto de alegria e tristeza no olhar e na fala, que ela “[...] foi curta, mas foi boa, num tem do que reclamar também não, se vivesse na rua ia virar trombadinha, vagabundo, como a maioria virou, muitos amigos da gente, hoje, como se encontra? Com cachaça ou droga, graças a Deus o pai da gente levou pro lado do trabalho...”¹⁰⁴.

Infância curta, porque aos oito anos de idade começou a vender castanha de caju nos quebra-molas existentes na BR 230 que corta o município e, assim, teve que assumir obrigações de ganhar, em certa medida, o sustento, ou, pelo menos, o dinheiro para comprar as guloseimas que quase toda criança gosta.

Dessa forma, sua meninice foi marcada pelo cheiro da castanha a impregnar o seu corpo como um perfume; o leite que ela espirra a manchar sua pele igual a uma tatuagem; a sua visão sendo subjetivada aos cálculos da matemática financeira para não ser enganado na venda desse produto; seus ouvidos atentos ao desrespeito dos mais velhos no local de trabalho; e o paladar a saborear a decepção de não ter dado certo a empreitada.

Como vendedor de castanhas, o entrevistado passou entre quatro e cinco anos na rotina diária de assar, quebrar e ir negociá-las por uma renda de dois Reais ao dia. Algo que, segundo ele, foi proveitoso, visto que evitou sua entrada na marginalidade, como afirma acima.

Mas será que ele se tornaria um vagabundo, alcoólatra ou drogado da mesma forma que os seus amigos de infância? É uma pergunta para a qual não existe resposta, a não ser que o ser humano criasse uma máquina do tempo com a qual poderíamos voltar a infância dele e tirá-lo do trabalho. Como isso, até agora, é impossível, seguiremos adiante observando a vida desse juncoense.

Cabe ressaltarmos que, atualmente, diante da facilidade de se encontrar bebida alcoólica e de se comprar drogas, não é preciso ser vagabundo para isso acontecer, ao

¹⁰³ No Capítulo II, discorreremos melhor sobre essa entrada cedo no trabalho devido à doença de seu pai.

¹⁰⁴ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

contrário, muitas famílias bem estruturadas financeira e emocionalmente estão sendo desestruturadas por causa das drogas, seja qual tipo for. Além do mais, os dependentes químicos, em sua grande maioria, são, e foram, pessoas que puderam pagar, inicialmente, pelo seu vício.

Mas, voltando ao nosso entrevistado. Proveniente de família pobre, morava em uma casa pequena com mais sete pessoas – o pai, a mãe e mais quatro irmãos e uma irmã –. Sua residência, antiga¹⁰⁵ e atual, fica localizada na Rua Severino Coelho, centro da cidade, conforme as figuras 06 e 07 abaixo.

A constituição familiar e social de Fábio não pode ser ignorada, uma vez que, devido ao número de filhos, seu pai procurou, durante muito tempo, encontrar uma pedra preciosa que pudesse melhorar sua vida e a dos seus protegidos. Por causa disso, o entrevistado viveu durante dois anos na casa de um tio, na mesma rua dos seus pais, que, aliás, é onde estão localizadas a casa de Antonio, acima referido e, também, a sua residência atual. Na sua infância, a moradia dele era construída de taipa e a rua não tinha calçamentos, prevalecendo, na sua topografia, os lajedos à mostra¹⁰⁶.

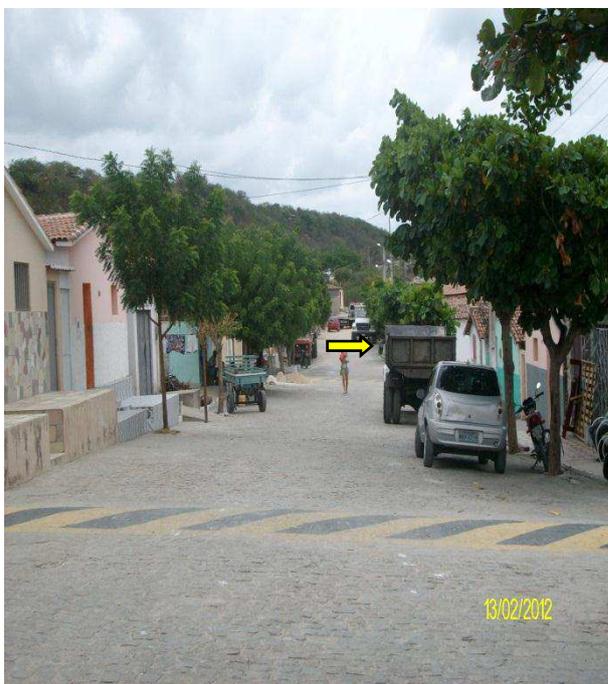


Figura 6 – Início da Rua Severino Coelho
Fonte: Inairan C. Cunha, 13 fev. 2012.



Figura 7 – Final da Rua Severino Coelho (amarelo)
Fonte: Inairan C. Cunha, 06 abr. 2011.

¹⁰⁵ Seus pais moram nela ainda hoje, embora, como ressaltou o entrevistado, ela tenha mudado totalmente da sua infância para cá.

¹⁰⁶ Procuramos fotografias dessa rua sem calçamentos, no período indicado pelo entrevistado, mas, nenhum morador tinha o hábito de retratar, por isso, as imagens dessa rua são atuais.

As ruas de uma cidade são “[...] espaços que comunicam, que educam [e deseducam!], que ensinam posturas, que possuem historicidade...”¹⁰⁷. Ao falar da rua onde mora desde criança, Fábio se lembra dos espaços permitidos e proibidos, das casas dos parentes e amigos e como elas eram construídas, corroborando para a historicidade da mesma:

[...] aqui (onde está sua moradia) era o roçado, a gente entrasse aqui dentro o “cacete comia”. [...] A rua mudou muito, antigamente tinha a cerca de Pedro Batista ali na frente da casa de Tio Corró, aí, passava pra outra rua só um bequinho, a casa de Vovô, tio Deassis tinha uma de taipa, vizinho a dele, de seu Nino, de Neném, tudinho era casa de taipa, as únicas casas de tijolos eram de Célia, a de Margarida, a de seu Luiz, a de Carminha e a de Marquinhos...¹⁰⁸

A fotografia, enquanto traço cultural de um período, é de suma importância para o estudo histórico, pois, através dela, podemos ler o passado que emerge e ao qual somos remetidos. Entretanto, no trabalho em questão, não encontramos fotografias da Rua Severino Coelho no final da década de 1980 e início da de 1990, período da infância de Fábio.

Desta feita, como a imagem fotográfica é produzida a partir de escolhas que fazemos, procuramos, nas fotografias 06 e 07, representar a Rua em foco destacando onde ela começou, no passado, e seu crescimento além das fronteiras indicadas pelo entrevistado na citação anterior, buscando unir o discurso oral ao olhar imagético.

Nesse caso, lendo a imagem 06, sobressai-se a fronteira do proibido e permitido, na infância de José Fábio, pelas suas sensibilidades. Entre os caminhões vermelho e branco ao fundo – distinguido por uma seta – está delimitado o final do calçamento atual da Rua, coincidentemente ou não, também era o marco divisório entre esta e o roçado, o qual abrangia todo o espaço demarcado em preto na fotografia 07.

A residência atual do colaborador é a última que aparece no losango amarelo da imagem 07. Quando criança, esse lugar era preenchido por fruteiras de caju e manga. Então, seu paladar levava-o a burlar com a norma disciplinadora dos pais e a buscar os alimentos desejados naquele instante.

Onde o concreto e os paralelepípedos imperam e as astúcias, no dizer de Certeau, das crianças, hoje, (re)inventam novas brincadeiras, José Fábio, na sua infância, vagava de um lugar a outro no chão de terra e lajedos, entre os esgotos a céu aberto e os quintais sem muro

¹⁰⁷ OLIVEIRA, Iranilson Buriti. *Temp(l)os de consumo: memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX)*, 2007, p. 59. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum16_dos05_oliveira.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2011.

¹⁰⁸ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

das casas, vendo a natureza surgindo à sua frente, sendo barrado pela cerca do roçado, demarcando fronteiras do espaço.

As residências sem muro separando-as, com as janelas e portas, quase sempre abertas, favoreciam as sociabilidades e o intercâmbio entre as pessoas da rua. Por outro lado, o cercado de arame farpado delimitando o espaço do “sítio” em meio ao núcleo urbano, não permitindo a entrada de “estranhos” para pegar os frutos na árvore, demonstrava o poder balizando, insinuando e definindo o que podia e não podia ser feito. E, por causa disso, Fábio encontrava nesse espaço a disciplina e a norma do Estado nas palavras do pai e da mãe em não invadir a propriedade privada de outrem.

Quando o senhor Antonio falou de Junco do Seridó na sua chegada e depois que entrou no caulim e construiu sua casa, ele, Antonio, atentou para a questão da rua em que morava, a qual, ainda na década de 1960, só tinha uma casa de alvenaria, o resto era mato e algumas residências de taipa. Depois, foram construídas as residências dele e de seu irmão – na referência acima, feita por Fábio, está o nome da esposa de Antonio, Carminha, e o do sobrinho deste, Marquinhos.

Dessa forma, inferimos da fala de Fábio que o espaço de “sua” rua foi modificado, ao mesmo tempo, observamos a construção histórica desse território por ele – ao dizer que “[...] a rua mudou muito...”, o entrevistado considera o crescimento desta além dos limites tolerados na sua infância.

Passar para o roçado alheio era motivo para apanhar dos pais na certa e, hoje, suas lembranças partem, justamente, por sua casa se encontrar após os limites inadequados para ele enquanto criança – como demonstrado anteriormente.

Isso porque, a evocação de ser surrado pela mãe ou pai, caso desobedecesse, implicaria numa série de movimentos do sentido: as lágrimas jorrando; o grito de dor, ou, para chamar a atenção de alguém que o defendesse; o corpo doendo, ardendo das tapas sofridas e os ouvidos recebendo toda a carga retrospectiva dos conselhos já dados para não entrar naquele lugar.

Portanto, para corroborar com nossas colocações sobre a rua como uma territorialidade construída historicamente, recorremos a Iranilson B. de Oliveira¹⁰⁹. Segundo esse historiador:

As ruas são, assim, temp(l)os de consumo, território de práticas culturais. Por trás das frágeis tabuletas que as nomeiam, é possível se pesquisar história, memória e trocas econômicas. É possível lembrar os tempos e as estações, as ruas calçadas, arborizadas, pavimentadas, enlameadas, varridas, pintadas, ajardinadas, poeirentas,

¹⁰⁹ OLIVEIRA, op. cit., 2007, p. 68.

esburacadas, pobres ou ricas de recursos materiais. É viajar no tempo da história e no território da memória, perscrutando as ruas adultas, idosas, senis... fazendo o passado explicar e justificar o presente... Ruas jovens, adolescentes, recém-nascidas... obrigando o hoje a apontar para um amanhã certamente diverso: passarão as pessoas, ficarão as lembranças; outros sentimentos povoarão a cidade e novas ruas redesenharão seu jeito único de ser. É assim que as ruas, entre sonhos coloridos e realidades em preto e branco, vão contando as histórias das cidades...

Nesse sentido, como preconiza Certeau¹¹⁰, pelo ato de caminhar, o passante apropria-se da topografia da cidade, o caminhante constrói o seu lugar. Então, uma rua, aparentemente simples, pode ter sido um espaço de brincadeiras na infância dessa pessoa, sendo, portanto, “[...] espaços de memória traduzidos nos muitos signos que nela circulam...”¹¹¹.

As brincadeiras infantis, por sua vez, são um desses signos de tradução da rua, posto que, nessa entrevista, Fábio, a partir do seu divertimento, recorda o seu espaço de criança, onde recordar, “[...] palavra latina (*re*: de retornar; *cor*: de coração), exprime a imagem do retorno pelo coração, e só se retorna pelo coração a tudo aquilo que nos toca profundamente, em busca do seu sentido...”¹¹².

Depois que o entrevistado deixou a venda da castanha de caju, entre 1996 e 1997, rumou para o caulim, inicialmente, por curiosidade, procurando saber onde o pai trabalhava, já que ele saía de segunda a sexta-feira, de manhã bem cedo, para a serra do “Alto do Chorão”. Destarte, da curiosidade de outrora, passou-se à “profissão”¹¹³ de garimpeiro do caulim, ou, como chamamos hoje em dia, *banqueteiro*.

Foi nessa atividade que a infância de Fábio foi mais encurtada, como já referido, pois, desde cedo teve que ajudar o pai e, após a doença deste, ficou por sua conta e risco o “destino” da família. Servindo, ao próprio entrevistado, como um rito de passagem da criança para o mundo adulto, assim como as relações pessoais dentro da banqueta.

Ao entrarem franzinos – ele e seu irmão –, pequenos, o capacete mal cabendo na cabeça, a anatomia dos seus corpos levaram-nos a ser alvo de zombarias por parte dos garimpeiros mais velhos, os quais diziam, de acordo com José Fábio¹¹⁴, “[...] danado Expedito (nome do seu pai) bota esses grilos pra trabalhar, isso lá faz nada...” (sic).

¹¹⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. op. cit., 2004, p. 177.

¹¹¹ OLIVEIRA, op. cit., 2007, p. 67.

¹¹² GUIMARÃES NETO, op. cit., 2006, p. 49. *Grifos da autora*.

¹¹³ A utilização dessa palavra está entre aspas porque, em Junco do Seridó, essa atividade está intercalada com a agricultura, como já foi dito, e, com algumas exceções – o próprio Fábio é uma delas –, boa parte desses *banqueteiros* preferem autodenominar-se de agricultores, devido às dificuldades de receberem seguridade social.

¹¹⁴ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

Por outro lado, parafraseando Benjamin, a criança faz de objetos simples e de locais inóspitos seu parque de diversões. Com o nosso colaborador e seu irmão não foi diferente. Diante das dificuldades encontradas por um corpo magricela e convivendo em um ambiente só com os adultos, José Fábio familiarizou-se, construiu para si aquele território, apropriou-se das conversas e subjetivou as brincadeiras que esses adultos faziam e, assim, “[...] quando davam vacilo a gente puxava a *zorba* e saía correndo. Desde moleque, o *caba* criado no meio dos *cabas* (adultos) fazendo fofoca, aí vira sem-vergonha também...”¹¹⁵.

Fábio fabricou para si uma sociabilidade semelhante a de Carlinhos, do livro *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, quando aprendera as lições “[...] mais fáceis de aprender que a tabuada e as letras...”¹¹⁶ com “[...] Zé Guedes, meu professor de muita coisa ruim...”¹¹⁷.

Nesse espaço, as sensibilidades e subjetividades da criança são transformadas pelo trato constante com os adultos, os professores de “coisa ruim”. Compartilhando os mesmos diálogos e as intimidades destes, numa atmosfera promíscua que os deixavam seminus, para poder suportar o calor quase insuportável daquela sauna natural.

Assim como os três entrevistados anteriores, a busca pela sobrevivência foi a engrenagem que impulsionou Fábio e seus irmãos à lavra do caulim em banquetas. Percebemos uma conjuntura semelhante a dos garimpeiros que procuravam, na década de 1980, os garimpos do Pará em busca de ouro, “[...] homens que, pressionados pelo desemprego e outras formas de exploração no campo, escolhem ir para a Serra Pelada movidos pelo interesse e expectativas de melhorar suas condições de vida...”¹¹⁸.

Semelhantes, também, àqueles homens e àquelas mulheres que deixaram o sertão para trás e foram em busca do diamante nas terras do Mato Grosso¹¹⁹, em meados do século XX, ou ainda, nas minas de ouro de Jacobina¹²⁰, nas décadas de 1930 e 1940 desse mesmo século.

Enfim, sujeitos que, em seu íntimo, carregavam o medo da miséria e da fome, e, como o homem medieval estudado por Duby¹²¹, esse medo de não ter o alimento “[...] origina uma espécie de sacralização do pão, o dom essencial que Deus dá aos homens. ‘O pão nosso de cada dia nos dá hoje’...”.

Porque não dizer, sacraliza, também, o trabalho como meio de se conseguir esse “pão nosso de cada dia” e, ao mesmo tempo, uma forma de fazê-lo sentir-se reconhecido na

¹¹⁵ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

¹¹⁶ REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*, 1993, p. 34.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ MOURA, op. cit., 2008, p. 43.

¹¹⁹ Cf. GUIMARÃES NETO, op. cit., 2006.

¹²⁰ Cf. JESUS, op. cit., 2005.

¹²¹ DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista dos nossos medos*, 1998, p. 30.

sociedade, pois, a pobreza, atualmente, isola o sujeito, condenando-o à solidão numa calçada, numa parada de ônibus ou metrô.

Todavia, diferente desses garimpeiros do diamante e do ouro, que poderiam enriquecer de uma hora para outra e perder tudo da mesma forma, o extrativista do caulim não goza desse “privilegio” pelo simples motivo desse mineral não ser tão caro quanto os primeiros. Com isso, precisa de tempo nessa lida para conseguir bens materiais, porém, ele não enriquece rapidamente, mas, como Fábio narrou, ter necessidade material e alimentar não passa, a não ser que gaste todo o dinheiro recebido na produção em jogatinas, prostituição e bebedeira.

1.2. FRAGMENTOS DE VIAGEM DOS GARIMPEIROS: ENTRE A CASA E A BANQUETA

*[...] banqueta, pra mim, é tipo a casa da gente de dia, porque de noite eu estou em casa e de dia eu estou lá...*¹²² (sic)

Quando Josinaldo se referiu à banqueta como a sua casa, ele falava no sentido de se ter cuidado com as barreiras, observar se não havia rachaduras, tomar de conta com carinho e desvelo, da mesma forma que se dedicava ao seu espaço residencial, pois, ali nas banquetas, os *banqueteiros* passavam a metade do dia. Ele chamava a atenção, também, para as conversas e brincadeiras com os companheiros de trabalho durante as paradas para a alimentação.

No entanto, não vamos trilhar nessa discussão se a banqueta é igual ao seu lar ou não¹²³. O que objetivamos, neste tópico, é narrar a trajetória desses trabalhadores do acordar e ir para as banquetas, a estadia nesse espaço e o seu retorno ao lar, buscando problematizar as transformações ocorridas, ou não, nesse percurso, durante esses quarenta anos. Cabe ressaltarmos não ser nosso interesse fazer uma descrição pormenorizada desse cotidiano, mas, apresentar fragmentos de sua rotina.

¹²² HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

¹²³ No Capítulo III, discorreremos melhor sobre essa questão da banqueta como a casa para os garimpeiros do caulim.

1.2.1. Rotina e cotidiano¹²⁴ do trabalho 1: A década de 1970

Junco do Seridó, semiárido nordestino, cidade com quinhentos e noventa metros de altitude¹²⁵ em relação ao nível do mar, trazendo uma característica interessante a esse espaço: o frio. Na madrugada, ele se torna mais intenso, pois, conta com o apoio da ventania a ressoar na copa das árvores como um uivo de lobo.

Na década de 1970, a sensação térmica de frieza era bem maior, isso porque, devido à quantidade ínfima de casas – como pudemos observar na fotografia 04 exposta anteriormente –, o ar podia circular livre, sem ter um paredão de concreto e argamassa ou de rochas para barrá-lo.

Nessa cidade aberta aos ventos alísios, às quatro horas da madrugada, o garimpeiro acordava com o estridor dos galhos das árvores em atrito uns com os outros, como um despertador natural a tirar-lhe da cama.

A distância de uma casa a outra fazia da sua residência uma ilha no meio do mato, com isso, a frialdade era bem maior. Tendo que se aprontar para mais um dia de trabalho nas banquetas de caulim, ele se levantava e fazia suas orações dizendo: “[...] Senhor! O Senhor sabe pra onde eu vou, eu só peço que o Senhor me dê saúde e paz lá dentro (e) que nós subamos com vida...”¹²⁶. (sic)

Uma “oração” para aplacar o medo metafísico provocado por um ambiente ameaçador, que podia levar a morte, embora os *banqueteiros* não tivessem essa visão no período indicado, “[...] um medo invisível sempre presente, bem implantado no âmago do homem de hoje, que vacila perante o sentimento de impotência em face de seu destino...”¹²⁷. Então, para esses homens, só a figura Divina podia (e pode) diminuir sua intensidade.

Vestindo-se com suas roupas simples, faziam o café, tomavam um “pequeno” puro, sem comida, pois, precisavam economizá-la para o café da manhã no serviço, e iam para o labor, a pé, andando uns dez quilômetros caatinga adentro, “[...] quem tinha bicicleta, tinha,

¹²⁴ Entendemos o conceito de cotidiano a partir de Michel de Certeau referido em MARTINS; BURITI; CHAGAS, 2007, p. 25: “[...] o cotidiano é compreendido pelo autor como um conceito dialético, pois que, ao mesmo tempo em que traz uma noção de rotina, de repetição, também representa a criatividade, a criação...”.

¹²⁵ PRODER, op. cit., 1997, p. 11.

¹²⁶ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

¹²⁷ DUBY, op. cit., 1998, p. 123.

quem não tinha...”¹²⁸. Com o aumento da produção, alguns, iam de carona nos caminhões que carregavam o caulim.

Ao sair de casa, o sol já estava raiando, então, eles escutavam e olhavam o galo de campina nas árvores, a brisa fria acariciava-os com o seu toque gélido. Ao longe, um jumento soltava o seu relincho e, andando, sentiam o cheiro do vento matinal impregnado com o orvalho das plantas, lembrando do aroma do café em casa e da cama quente.

Não vendo nada à sua frente, além das casas “adormecidas”, o garimpeiro do caulim encontrava os outros companheiros de “batalha” e seguia sua caminhada rumo ao Sul, subindo e descendo serrote, observando, de um lado e do outro da estrada, as casinhas de taipa da zona rural “acordando”, com um ponto de luz de candeeiro ao fundo saindo pela fresta da janela.

Chegando ao local do trabalho, eles começavam a rotina diária: cavar com a picareta e depois retirar com a pá, a máquina humana vai escavando um buraco de 1,20m por 0,80m, descendo dez metros na vertical, até atingir a laje embaixo.

Sem terem se alimentado, já iniciavam o dia no trabalho pesado até as oito horas, momento em que tocavam o sinal para o café e eles dirigiam-se ao “refeitório” improvisado, um barracão montado para esse fim.

A empresa só fornecia o cozinheiro, o alimento era por conta deles,

[...] a gente levava a bóia, o café, o pão, o bolo, chegava lá e fazia o café... Levava feijão, levava carne, levava batata, o que a gente cozinhava, rapadura. Na época, pão era muito difícil, na minha época eu num me lembro de padaria aqui não, a única padaria que começou, logo que eu cheguei no Junco, era do finado Antonio Malaquias, mas só tinha bolacha, só fabricava bolacha¹²⁹ ... (sic)

Isso explica o porquê de não comerem em casa, pois, morando numa cidade com poucas mercearias, com apenas uma padaria – a qual não fabricava pão –, recebendo um salário e uma porcentagem por fora devido à produção feita, tendo que levar a sua alimentação diária – porque a firma não proporcionava o básico –, é de se imaginar as dificuldades por eles passadas.

Porém, durante aqueles vinte minutos contados para o café, os garimpeiros conversavam, fofocavam, brincavam uns com os outros. Nesse caso, pela paisagem degustativa, pela evocação dos alimentos existentes e a lembrança, de certa forma cômica, da

¹²⁸ OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

¹²⁹ Idem.

padaria que não vendia pão, Antonio procura “[...] tornar presente a temporalidade escoada...”¹³⁰.

Terminado esse tempo, voltavam, novamente, para o serviço até a hora do almoço, quando davam uma nova parada, agora de uma hora, entre a alimentação e o descanso, ou seja, praticamente, não havia tempo para esse último, levando-se em consideração a insalubridade da atividade que realizavam. E, assim, o paladar convoca memórias alegres e tristes, paisagens marcadas pelas sensibilidades.

Outras vezes, devido à distância do trabalho para a sua casa, os garimpeiros preferiam dormir no “alojamento” montado pela empresa, pois, assim, eles poderiam produzir mais e, com isso, ver sua renda aumentada no final do mês. Dormiam sossegados? Talvez repousassem o corpo. Mas conseguiam descansá-lo?

As lembranças da família, a preocupação em produzir mais para receber mais, o vento frio, o dormir pouco – sensações e sentimentos que tornavam o curto espaço de tempo do sono, no seu momento de relaxamento físico, mas não mental, haja vista que as inquietudes da vida os desassossegavam. Com relação à dormida no local de trabalho, vejamos o relato de Antonio¹³¹:

[...] tinha uma época que a gente dormia lá, porque era longe pra vir pra casa a pé, aí, a gente achava melhor dormir. Às vezes, vinha na quarta-feira em casa, que era o meio da semana. Todo mundo vinha dormir em casa, mas nos outros dias a gente dormia lá. Nesse tempo tinha a lâmpada de bujão, aquele bujãozinho pequeno, o barraco feito de tábuas, lá na galeria do finado Estácio Santana (Serra de Santana). Quando começou, foi a primeira coisa que a firma fez lá, foi o barraco feito de tábuas coberto com *brasilite* (telhas de amianto), com banheiro, com caixa d’água, era tudo instalado, como um acampamento, tinha escritório da firma que o engenheiro passava o dia lá... (sic)

Da paisagem do sono, o colaborador descreve o espaço do alojamento construído para o abrigo dos funcionários da empresa, trazendo aspectos interessantes do passado vivido pelo entrevistado. Primeiro aspecto, a noite não era muito boa, porque o sujeito dormia em redes, no meio do mato, da caatinga, tendo apenas a luz do candeeiro para clarear, em um barraco coberto de telhas de “brasilite”. Essas telhas têm como característica refletir a atmosfera em que estão, ou seja, se está quente, transferem o calor, se está frio, fazem o mesmo processo.

Segundo aspecto, o local só tinha um banheiro, pelo menos é o que afirma o colaborador, com uma caixa d’água exposta às transformações atmosféricas. No espaço em

¹³⁰ PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*. Colóquios, 2004, p. 2.

¹³¹ OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa..

que eles estavam, Serra de Santana¹³², a temperatura, em média, gira em torno dos quinze graus, podendo chegar a uns dez, onze graus, dependendo da estação climática.

Assim, a água deveria ser muito fria, dificultando a higiene pessoal. Como bem observou Buriti¹³³ – no final do século XIX, a relação entre corpo e água fabrica uma nova paisagem corpórea, com isso, “[...] a água ganha novos contornos discursivos, desempenhando o papel de limpeza da pele...”.

Dessa forma, a concepção de corpo higienizado pela água é uma construção histórica, vista como uma maneira de diminuir as doenças provocadas pelos micróbios, sendo, portanto, subjetivada ao longo dos anos, “[...] mediante muitas instituições e práticas, a concepção de corpo limpo pela água é aprendida e interiorizada, torna-se quase natural...”¹³⁴, embora esses trabalhadores não vejam essa ideia de corpo higienizado, como nós percebemos nessa escrita.

Além dessa dificuldade encontrada na hora do banho, por estarem instalados em meio à caatinga do semiárido nordestino, acrescentamos, também, os animais peçonhentos, os pernilongos e as mutucas¹³⁵.

Na ordem do sensível, destacamos a dificuldade relativa à saudade da família – imaginamos que eles tivessem –, marcada pela ausência e distância dos entes queridos, assim como, pela expectativa de vê-los no meio da semana e nos finais destas, de rever os amigos e “recuperar” os instantes de felicidade perdidos pelo trabalho, por eles realizado, longínquo dessas pessoas tão próximas.

Malgrado esses aspectos, perguntamos: o que os motivavam a enfrentar uma rotina e um cotidiano tão duro quanto esse?

Na década de 1970, a sede do município de Junco do Seridó tinha menos da metade do seu tamanho territorial hoje, conforme a figura 04 apresentada anteriormente. Seu comércio era reduzido à igual proporção do seu território e o trabalho, como já demonstrado, era mais na agricultura, que, por sua vez, não representava melhorias na qualidade de vida.

Dessa forma, Antonio e Francisco, no período referido, buscaram o trabalho no caulim como uma forma de melhorar de vida, “[...] outras possibilidades de significação de um masculino sertanejo, capaz de ‘bordar’ o seu próprio caminho...”¹³⁶.

¹³² Zona rural de Junco do Seridó. Fica, aproximadamente, 10 quilômetros do núcleo urbano dessa cidade.

¹³³ BURITI, Iranilson. *Leituras do sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império*, 2011, p. 40.

¹³⁴ BURITI, op. cit., 2011, p. 40.

¹³⁵ Nome comum as moscas hematófagas. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Op. cit.

¹³⁶ MARTINS; BURITI; CHAGAS, op. cit., 2007, p. 32.

Antonio relatou que era uma oportunidade de conseguir a feira, depois, devido à convivência com os outros, passou a gostar dessa atividade, como podemos ler na sua fala abaixo:

[...] achava bom o salário, quem que não acha bom, mas a convivência com o pessoal era tudo conhecido, bem dizer, tudo irmão... Quando a gente passou a trabalhar com produção nas pesquisas, eu cansei de entrar pra dentro do buraco 02 horas da madrugada, a gente acordava, a gente dormia lá, quando eram 02 horas, a gente dizia “vamos?” – “bora” – a gente metia o picarete, quando amanhecia o dia cada um tinha cavado 2m de material, quando a gente recebia o pagamento, recebia 18, 20, 30 contos de réis a mais de que o salário, Ave Maria!...¹³⁷ (sic)

Lavrando mais caulim, o garimpeiro de Junco do Seridó aumentava o seu ganho, possibilitando, assim, o incremento econômico e populacional da cidade. Todavia, com o passar dos anos nessa atividade, ele foi afeiçoando-se, subjetivando como algo seu, mesmo diante das dificuldades que essa atividade possui.

Nesse ponto, é importante destacarmos o papel da memória nessas narrativas, porquanto, a memória individual não representa a coletividade como um todo, é apenas um olhar particular da memória coletiva, posto que, “[...] cada depoente fornece informações e versões sobre si próprio e sobre o mundo no qual vive ou viveu...”¹³⁸. Essa memória individual também “[...] atualiza e presentifica o passado, uma vez que é retenção, mesmo que inconscientemente ou encoberta da experiência vivida e dos sentimentos preservados...”¹³⁹.

Francisco, ao seu turno, também entrou por questões financeiras, pois, menor de idade, viu nessa atividade uma saída para as dificuldades que enfrentava com o trabalho na agricultura. Entretanto, chamamos a atenção para sua narrativa está permeada com os conhecimentos subjetivados nesses quase quarenta anos de atividade caulínica que ele exerce, ou seja, o seu passado está “presentificado” nas suas lembranças.

Dessa maneira, quando ele afirma que foi para o garimpo como uma forma de ganhar dinheiro, algo que no roçado não acontecia, mostra uma versão sobre o passado por ele vivido. Por outro lado, em outro trecho da entrevista, Francisco¹⁴⁰ afirma que é

¹³⁷ OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

¹³⁸ NEVES, Lucília de Almeida. *Memória, história e sujeito: substratos da identidade*. História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral. Nº 03, junho/2000, p. 4.

¹³⁹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. História Oral, 6, 2003, p. 16/17.

¹⁴⁰ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

[...] apaixonado por essa profissão, [...], o garimpo, caulim, minério, o que for eu amo demais esse trabalho, devido (sic) a liberdade, ali é liberto, você sai daqui de manhã, se eu quiser sair de 5 horas eu saio, se quiser sair de quatro (horas) eu saio, 'hoje eu só saio de 8 horas', hoje eu num vou lá, num me importo, vou amanhã, é a liberdade...

Para o colaborador, a liberdade no garimpo é o mais fascinante, até mais que o dinheiro, “[...] porque, às vezes, você trabalha o mês todinho e num consegue a feira...”¹⁴¹. À vista disso, Antonio, chamando a atenção para o período em que trabalhava nas pesquisas, também ressalta esse aspecto de ser livre, dado que “[...] tinha aquela liberdade, que num tinha o encarregado no olho do *caba* o dia todo, ele chegava marcava o canto, a gente cavava, pronto...”¹⁴².

Sendo assim, esse ponto de vista construído sobre o trabalho na mineração parte da experiência de vida durante todos os anos passados nesse espaço, trazido na sua carga subjetiva, no seu relacionamento com o garimpo, fazendo-o construir uma racionalidade em que ser livre torna-se mais importante do que o dinheiro recebido, em que a liberdade era uma prática de criação e de enfrentamento à disciplina imposta pela empresa.

1.2.2. Rotina e cotidiano do trabalho 2: Os últimos vinte anos

Observamos, na seção anterior, que, devido à lavra do caulim está em estágio de germinação, muitos obstáculos eram apresentados aos garimpeiros. Apesar de o trabalho não ser fácil, como uma semente que plantamos hoje para colhermos no futuro, é inegável a importância desses atores no processo de desenvolvimento da extração caulínica em Junco do Seridó. Tal importância se justifica pelo motivo de que, devido ao aprendizado por eles adquirido e repassado as outras gerações, a cidade, atualmente, tem, na extração, beneficiamento e comércio desse mineral um dos sustentáculos econômicos do município.

Todavia, apesar da evolução tecnológica atualmente, nesse período, a máquina utilizada era o corpo humano a movimentar toda a engrenagem da banquetta de carretel, mas de produção limitada a uma, duas e, raramente, três *carradas*¹⁴³ de caulim ao dia.

¹⁴¹ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

¹⁴² OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

¹⁴³ Equivale a um caminhão caçamba carregado, são, aproximadamente, dez mil toneladas cada caminhão.

Na década de 1990, foram introduzidos na extração desse mineral o guincho – desconhecido pelos trabalhadores – e os explosivos, os quais deixavam o veio de caulim mole, frouxo e, assim, os garimpeiros lavravam entre oito e dez caminhões de caçamba diariamente, tendo sido reduzido para quatro ou cinco devido à proibição do uso de explosivos.

No limiar da segunda década do ano dois mil, uma nova e bem mais potente tecnologia de escavação está começando a proliferar no município, são as máquinas PC e semelhantes. Estas, se pegarem um material virgem e fácil de ser escavado, podem produzir até cem carradas em um único dia.

Então, podemos notar algumas modificações ocorridas na extração do caulim nessas quatro décadas: a racionalidade dos garimpeiros, que subjetivaram os ensinamentos e passaram a construir o seu próprio saber; as transformações tecnológicas – carretel, guincho e máquina –; o aumento no número de mortes e as transformações na paisagem e nas sensibilidades dos juncoenses¹⁴⁴.

Neste pequeno comentário, vamos narrar a vida dos *banqueteiros* de Junco do Seridó nos dias atuais, procurando observar as sensibilidades deles, do acordar e ir às banquetas ao retorno no final da tarde, para que possamos traçar um panorama representativo desses trabalhadores.

Uma característica marcante de Junco do Seridó, conforme relatado anteriormente, é o frio. Algumas especulações informais apontam para a altitude da cidade; outras, para a presença do caulim, pois, este é um mineral que, mesmo exposto ao sol do meio dia, ainda assim, é frio, mas, pode ser, também, pela junção da topografia alta em relação ao nível do mar que a cidade fica e a presença do caulim. Contudo, não é nosso intuito promover essa discussão, ela foi mencionada para chamarmos a atenção para a temperatura da madrugada e a do amanhecer, independente, da estação do ano.

Amanhecer em Junco do Seridó. Na “Serra do Brennand”, observamos o seu cume embranquecido pela névoa matinal e sobre as residências uma neblina fina, quase transparente, contribuindo para que a cidade tenha um aspecto de frio bem maior do que é sentido pelo corpo ao sair da cama.

Devido à presença das serras a circundá-la, presenciamos uma sensação olfativa de ar puro, tornando-se difícil distinguir a paisagem urbana da rural, o ar puro da fumaça, mesmo

¹⁴⁴ No capítulo II discorreremos sobre esse aprendizado.

porque, a quantidade de carros é insuficiente para poluir a atmosfera com o gás carbônico expelido por eles.

Diante dessa sensação, José Fábio se levanta para o trabalho. Lá fora, o vento, soprando nas telhas o seu “hálito” gelado, o convida a voltar para cama e dormir mais um pouco. Entretanto, o aroma do café sendo preparado pelo seu pai o faz lembrar que está na hora do trabalho – “[...] a gente sente o cheiro do café e vai logo se levantando...”¹⁴⁵.

A paisagem olfativa age como um despertador para esse garimpeiro, enquanto que a gustativa o estimula a se levantar da cama, higienizar o corpo, vestir-se para uma nova vida na banqueta, conversar com os irmãos – que também são *banqueteiros* e estão de saída –, colocar a moto na rua e seguir rumo ao seu *banquetão*¹⁴⁶, no “Alto do Chorão”.

Aproximando-se do seu espaço de trabalho, a “sentinela vigilante”¹⁴⁷, o olfato indica-lhe a presença de alguém no “escritório” improvisado, pois, ao respirar a fumaça dos gravetos sendo queimados para fazer o café deles, ele pensa – “[...] já tem gente na barraca fazendo o fogo...”¹⁴⁸.

Então, o contraste entre o ar puro, a fumaça e o cheiro do café em casa lhe traz à memória sua vivência no trabalho, os companheiros e as conversas com os mesmos. Nesse sentido, “[...] a familiaridade ou a estranheza de dados odores são poderosos marcadores de pertencimento espacial, como de pertencimento cultural e social...”¹⁴⁹, sendo o aroma do café um desses marcadores.

O paladar, também, age na construção de sua subjetividade sobre o garimpo e vem nas suas lembranças, quando afirma, por exemplo, ser o café da banqueta melhor do que o de sua casa, porque, para ele, “[...] a gente num côa, é puro, bota água com café e açúcar e tudo misturado e bota pra ferver, quando derrama, que o pó cai, tira aquela espuma de cima e está pronto...”¹⁵⁰ (sic).

Dessa forma, por ser feito nessa arte mais rudimentar, o café torna-se mais forte e, por isso, o entrevistado considera mais saboroso em comparação ao que é feito em casa pelo seu

¹⁴⁵ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

¹⁴⁶ Cf. Capítulo III.

¹⁴⁷ BURITI, op. cit., 2011.

¹⁴⁸ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

¹⁴⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O espaço em cinco sentidos: sobre cultura poder e representações espaciais. In: _____ *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*, 2008, p. 120.

¹⁵⁰ Idem.

pai, permitindo, a José Fábio, que a ingestão desse líquido faça-o (re)pensar no seu trabalho e em sua família.

À vista disso, talvez Fábio não perceba agora, mas, quando o seu pai, um dia, falecer, é bem provável que aquele cheiro e sabor do café preparado por ele, de manhã bem cedo, despertando-o para o trabalho, venha à memória como uma lança a transpassar o seu peito, pois – “[...] é o cheiro pelo qual uma criança se apega a seu cobertor, uma peça de roupa, um ursinho de pelúcia, seja lá o que for...”¹⁵¹.

Isso porque, como afirma Pollak¹⁵², “[...] nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões são, [...], de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores...”.

Portanto, o gosto do café pode até ser melhor de saborear, porém, não terá a companhia agradável do seu pai – pelo menos foi o que deduzimos de sua narrativa –, de pedir a sua bênção ao acordar, de conversar um pouco com ele e com os irmãos, debatendo acerca das conquistas e das derrotas sofridas durante anos na mineração – “[...] pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois...”¹⁵³.

Josinaldo, por sua vez, também acorda no mesmo horário de seu companheiro e sócio de trabalho José Fábio. Entretanto, ele mora no Bairro Santo Antonio, enquanto este reside no centro da cidade.

Ao sair de casa, Josinaldo abençoa os filhos e beija a esposa, deixando o seu lar, o refúgio no qual subjetiva a ideia de estar seguro. Sem tomar café, sentindo o cheiro de terra molhada e o vento frio, respirando o ar puro matinal, dado que sua residência se encontra aos “pés” da “Serra do Brennan” e, neste local, a serração matinal é mais densa, transparecendo a sensação de ter caído chuviscos durante a madrugada. Com a “mistura” da comida no “bisaco”, ele se dirige, a pé, até o posto de combustível para esperar o caminhão caçamba que irá levá-lo ao seu “banquetão”, no “Alto do Chorão”.

Às vezes, segue sua caminhada até o ponto onde passa o transporte conversando com um vizinho, outras vezes, segue em silêncio, pois, devido ao horário, praticamente, não encontra ninguém nas ruas.

¹⁵¹ STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: Roupas, memória, dor*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

¹⁵² POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Tradução: Dora Rocha Floksman. Vol.2.n.3. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1989, p. 11.

¹⁵³ BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: _____ *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas, op. cit., 1994, p. 37.

Apesar de saírem de locais distantes um do outro, os garimpeiros se encontram no “banquetão”. Qual(is) era(m) o(s) motivo(s) que os faziam e fazem acordar todos os dias e partirem em direção a um trabalho tão difícil quanto este? – Questionamos nossos entrevistados: Antonio, Francisco, Fábio e Josinaldo.

Fábio revelou gostar do garimpo porque, além do lado financeiro, foi criado, desde pequeno, fazendo esse serviço, então, ele não se vê longe do caulim. Construiu para si o espaço do caulim como uma identidade sua, o seu lugar de pertencimento, dando um sentido confessional¹⁵⁴ à sua narrativa e enunciando o sentimento de prazer em relação ao seu trabalho nas banquetas.

O colaborador acrescentou, ainda, que a rotina diária da banqueteta é boa porque “[...] todo dia, mesmo, é uma coisa diferente que a pessoa vai aprendendo, a convivência com os colegas de trabalho também, aí, vai já pela fofoca também, gosta mesmo...”¹⁵⁵ (sic).

Destacou, também, a liberdade que eles têm de não cumprir horário, de não trabalhar para ninguém, serem donos pelo menos da sua força física. Com isso, Fábio¹⁵⁶ subjetivou que garimpeiro

[...] é aquele que num trabalha pra ninguém, trabalha pra si próprio, não quer saber de carteira assinada, de nada, é trabalhar pra ele. Porque faz o que quer, vem pra casa na hora que quer, é a liberdade que, raramente, alguém tem, nem quem é dono de uma empresa num tem, que você tem que cumprir hora junto dos trabalhadores e a gente não, a gente faz o que quer, [...], tanto fazia está no caulim, como no minério preto, feldspato, pedreira, o negócio é ser livre, garimpeiro é isso, pra mim é isso... (sic)

Trabalhar por conta própria, ser livre, senhor do seu tempo e de sua força de trabalho, para Fábio, isso é ser garimpeiro. Nessa perspectiva, observamos que Antonio, por trabalhar com carteira assinada para a firma, não era garimpeiro, segundo a visão desse entrevistado, mas, sim, um funcionário da empresa. Essa concepção de Fábio, talvez, não esteja tão longe do pensamento do próprio Antonio, pois este afirmou ser o momento das pesquisas, quando não tinha olhos disciplinadores e corregedores apontados para ele, o período do trabalho que mais gostava.

¹⁵⁴ Segundo SOLER, “[...] A confissão é o momento de o sujeito exercitar um discurso com relação a si mesmo, oportunizando uma revelação da verdade. Em outras palavras, essa tecnologia confessional enuncia o que o sujeito é por meio do conhecimento de si.” SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar Y. *Uma história política da subjetividade em Michel Foucault*, 2008, p. 576/577. Disponível em: <www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/fractal/article/view/104/165>. Acesso em: 28 dez. 2011.

¹⁵⁵ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

¹⁵⁶ Idem.

Essa mesma liberdade de “fazer o que quer”, de “trabalhar pra si”, de vir para casa “na hora que quer”, como disse Fábio anteriormente, corroborando com as palavras de Francisco, a pouco referido, também foi ressaltada por Josinaldo. Para este, não obstante o poder de compra promovido pelo caulim, não ter “[...] aquela obrigação de só largar naquele horário...”¹⁵⁷, depois de feita a produção, o faz se sentir bem no garimpo.

Com relação à concepção de liberdade dos entrevistados, observamos seguirem a ideia de construção das “práticas de liberdade”, pensada por Michel Foucault como “[...] à possibilidade de criação por parte do sujeito e de enfrentamento aos modos de sujeição pelos quais se é interpelado...”¹⁵⁸.

Quanto à extração de caulim, a subjetividade de Josinaldo mudou da juventude para a fase adulta, isso porque, quando jovem, “[...] devido não ter outro serviço, a pessoa acostumada naquele serviço, eu achava bom me acordar de manhã, Ave Maria! Acordava logo cedo, já era pensando em trabalhar...”¹⁵⁹ (sic). Todavia, hoje em dia, “[...] não é tanto gostar, é mais responsabilidade, a pessoa tem família, tem filho, tem que encarar a vida...”¹⁶⁰.

Essa mudança na sensibilidade em relação à banquetta, saindo do prazer que sentia em estar ali para uma “obrigação” devido às responsabilidades familiares, uma transformação consigo mesmo em diferentes momentos históricos – juventude e adulto –, denota o aspecto fluído intrínseco à própria subjetividade, posto que, “[...] nenhuma subjetividade é fixável essencialmente, nenhuma hierarquia é imutável, toda posicionalidade está aberta a mudanças no processo de desconstrução e dever social...”¹⁶¹.

Dessa forma, observamos uma nova feição, por parte de Josinaldo, na forma de enxergar o trabalho em banquettas: no início, adolescente, encarava-o como uma aventura que lhe rendia dinheiro para gastar; atualmente, adulto, o analisa a partir das obrigações de gestor da família, o responsável pela alimentação e criação dos filhos.

Características masculinas cristalizadas e internalizadas – embora esteja mudando aos poucos – através de um contexto histórico, social e cultural do qual ser homem, no Brasil, “[...] significava (significa?) ser honesto, trabalhador e provedor...”¹⁶²; e, assim, a aventura de outrora virou trabalho sério.

¹⁵⁷ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

¹⁵⁸ SOLER, op. cit., 2008, p. 580.

¹⁵⁹ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

¹⁶⁰ Idem.

¹⁶¹ MATOS, M. I. S. *Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade*, 2001, p. 49.

¹⁶² Ibidem, 2001, p. 51.

No entanto, sabemos que em todo processo histórico existem tanto mudanças visíveis e rápidas, quanto mudanças mais sensíveis e demoradas. Nesse sentido, procuramos, a seguir, entender em que medida a rotina e o cotidiano de trabalho dos garimpeiros do caulim hoje assemelham-se e se diferenciam aos encontrados, e deixados pelos seus pares na década de 1970.

1.3. AS MUDANÇAS SUBJETIVAS E SENSÍVEIS NA ROTINA E NO COTIDIANO DO TRABALHO

Podemos delinear, no exposto, que os primeiros anos de atividade sistemática do caulim, em Junco do Seridó, ocorridos na década de 1970, foram trilhados pelas dificuldades do período, em que o meio de transporte era escasso, assim como era o mercado de trabalho e o comércio local.

No entanto, foram, também, anos em que a atividade do caulim veio suprir as dificuldades inerentes à agricultura praticada no semiárido nordestino, principalmente, no momento das secas prolongadas, trazendo, para as famílias juncoenses, a feira no final do mês, e para os garimpeiros, ficou subjetivado o gosto pelo trabalho livre e o ensinamento de exercerem essa atividade por conta própria. Portanto,

[...] o sertão possui outros caminhos a serem descobertos e não se encontra estático, mas em constante movimento, dinâmica esta em que o sujeito se transforma com a escolha de um tipo de trabalho que o personalize e o identifique em sua singularidade...¹⁶³

Dessa forma, nas narrativas já referidas, buscando compreender as mudanças e as permanências dos eventos, as semelhanças foram evidenciadas¹⁶⁴ no acordar ao romper da aurora e no trabalho como meio de sobrevivência. As transformações ocorreram na maneira de deslocamento para as banquetas: enquanto os primeiros garimpeiros iam a pé ou de bicicleta e, raramente, de carro; os atuais *banqueteiros* deslocam-se em suas motos e em caminhões caçambas que, frequentemente, seguem rumo à extração do caulim.

¹⁶³ MARTINS; BURITI; CHAGAS, op. cit., 2007, p. 36.

¹⁶⁴ Sobre o conceito de evidência, seguimos os passos de Durval Muniz. Para ele, “[...] A evidência é produto de uma certa vidência, é construção de uma forma de ver, de uma visibilidade e de uma dizibilidade social e historicamente localizada...”. ALBUQUERQUE JÚNIOR. Da terceira margem eu so(u)rrio: sobre história e invenção. In: _____ *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história.* op. cit., 2007, p. 25.

O prazer pela liberdade no trabalho, já referido por eles, é um ponto de concórdia, embora o garimpeiro fichado pela firma só a sentisse quando estava longe dos olhos disciplinadores e normatizadores do gestor da produção, diferente dos outros que trabalhavam por conta própria e deixaram essa sensação bem nítida.

Nesse ponto, evidencia-se uma similitude entre o garimpeiro do caulim de Junco do Seridó e o de ouro e diamante do Mato Grosso, pois, podemos associar, a partir dos seus relatos, uma “[...] imagem dos garimpeiros ao retrato de pessoas que não se prendem a coisa alguma; uma *vida aventureira*, hoje aqui, amanhã ali, sempre atrás de novas descobertas de ouro e diamante...”¹⁶⁵.

Contudo, essa similitude dita acima fica restrita à questão de não se prender, ser livre, como informado anteriormente, já que a ideia de está aqui hoje e ali amanhã não coaduna com a visão dos entrevistados. Podemos dizer isso porque eles foram categóricos ao afirmarem que não deixam o Junco do Seridó, e, por conseguinte, sua casa, por nada, ou, se deixarem, é por pouco tempo, voltando, em seguida, para a sua parada, o seu porto seguro. Nesse caso, “[...] a casa aparece como o centro do mundo, a partir do qual a cidade cresce e se constrói em várias direções...”¹⁶⁶.

A alimentação é outro diferencial entre essas duas gerações de trabalhadores do caulim. Observemos, por exemplo, Antonio. Ele relatou que cada garimpeiro levava a sua comida e o cozinheiro da firma preparava tudo separadamente – “[...] cada um tirava sua carne, deixava num canto pra ele assar na hora, todo mundo tirava aquele tanto de feijão e deixava no canto, ele escolhia e preparava...”¹⁶⁷.

Verificamos da citação do entrevistado que, no período do seu trabalho, mesmo existindo uma sociabilidade entre os garimpeiros na hora das refeições, não havia uma solidariedade alimentar, na qual o que é de um poderia ser compartilhado com os demais, assim como ocorre, atualmente, com os *banqueteiros* na lavra do caulim. Estes últimos fazem a feira mensal para o trabalho e cada um leva a “mistura” do café da manhã e do lanche da tarde, repartindo-a, quem quiser se servir fica à vontade para pegar a comida.

Concernente ao Junco do Seridó, inferimos dos relatos que essa cidade, também, passou por transformações. Na década de 1970, o Bairro Santo Antonio era, praticamente, desabitado, aliás, não existia enquanto Bairro, era mais um lugar com poucas casas. No

¹⁶⁵ GUIMARÃES NETO, 2006, p. 139. *Grifos da autora*.

¹⁶⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*, 2002, p. 45.

¹⁶⁷ OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

entanto, atualmente, esse espaço destaca-se como um dos maiores bairros da cidade, como referido anteriormente.

Partindo para o centro da cidade, nesse mesmo período – década de 1970 – tanto Francisco quanto Antonio chamaram a atenção para a falta de calçamento nas ruas, lajedos onde é a praça central hoje e, no caso desse último, para a existência de quatro casas fabricadas de alvenaria e algumas de taipa na rua em que ele mora. Essa rua é o local de residência, também, de Fábio, o qual já a descreveu, na sua infância, com um pouco mais de moradias, mesmo mantendo-se as casas de taipas e, quando adulto, o crescimento para além das fronteiras demarcadas pelo roçado que, quando criança, o proibia de transpô-la.

O olhar da sua “profissão” também se transformou, pois, Francisco, por exemplo, entrou para o garimpo com o sonho de encontrar uma pedra preciosa em meio ao caulim, todavia, com o passar dos anos, ele percebeu que esse minério era barato e, por isso, ficava inviável realizar o desejo de quase todo sujeito que procura esse meio de vida – achar um *bamburro*¹⁶⁸.

Já Josinaldo, mais recente, adentra para o caulim com a perspectiva de conseguir comprar uma bicicleta e, com o passar dos anos, ao se interessar por essa atividade, foi adquirindo os bens materiais, tanto que, hoje, tem a sua casa própria.

De acordo com Regina Beatriz Guimarães Neto¹⁶⁹, a imagem do garimpeiro está associada a um sujeito supersticioso, esbanjador, violento e mulherengo e as cidades mineradoras tinham que conviver com a prostituição e a violência como símbolo do garimpo. Essa “realidade”, de certo modo, não ocorreu, e não ocorre, com a extração do caulim. Mas, por que não?

Como foi dito acima, o caulim, quando comparado ao diamante, ao ouro, ou até mesmo à turmalina Paraíba encontrada próxima ao município de Junco do Seridó, tem pouco valor financeiro¹⁷⁰, em virtude disso não atrai muitas pessoas para a sua lavra, a não ser aquelas que já possuam certos bens materiais, ou, sujeitos da própria comunidade em que se encontra a banqueta.

Desta feita, a imagem do garimpeiro das minas de ouro e diamante, relatada acima por Regina Beatriz Guimarães Neto, não serve, por completo, para a do caulim, apesar de existirem aqueles que assumem o estereótipo criado para esse trabalhador. Embora, atualmente, sejam poucos que, ainda, pensam dessa forma, ficando para os mais jovens essa

¹⁶⁸ *Bamburro* ou *bambúrrio*, significa: fortuna inesperada, acaso, sorte. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Eletrônico Aurélio*, op. cit.

¹⁶⁹ GUIMARÃES NETO, op. cit., 2006, p. 140.

¹⁷⁰ No segundo capítulo fazemos referência ao caulim como um minério barato.

função, pois, devido à idade, procuram gastar o “soldo” recebido na lavra, comprando futilidades, sem apego a nada nem preocupação com o futuro.

Não queremos, com isso, dar um atestado de pureza e moralidade a esses trabalhadores juncoenses, todavia, o motivo para essa diminuição na busca de jogatinas e bebedeiras por parte dos *banqueteiros* consiste na questão da maioria deles serem pais de família e procurarem subjetivar as responsabilidades que estes têm perante aos demais membros sob sua tutela.

Dessa forma, procuramos, neste capítulo, delinear a construção histórica de Junco do Seridó a partir das tramas de vida dos entrevistados e de suas vivências na cidade e no garimpo de caulim, buscando, com isso, perceber as mudanças e permanências ocorridas nesse espaço a partir de meados da década de 1960.

Nesse sentido, de uma cidade sem calçamentos nas ruas principais, tendo o território reduzido ao que é o centro hoje, um comércio incipiente, assim como os meios de transporte para ir e vir das banquetas, encontramos, atualmente, uma Junco do Seridó com um comércio mais dinâmico e um tráfego maior de veículos grandes indo para a extração mineral.

Através dos relatos de memórias, pudemos perceber os pedaços de vida sendo feitos e refeitos pelas sensibilidades e sentidos, os quais permitiam e proibiam os lugares frequentados – “[...] Geografias cotidianas que marcam e demarcam os sujeitos, suas emoções e os seus percursos...”¹⁷¹.

Nas linhas objetivas e subjetivas, novas formas de viver foram construídas nesse espaço nos últimos cinquenta anos, demonstrando como a extração mineral e, principalmente, o caulim, alterou a cartografia e a “realidade” de Junco do Seridó e dos seus garimpeiros. Estes, que seguiram para o caulim sem muito conhecimento, com o sonho do enriquecimento fácil e rápido, encontraram, uns mais e outros menos, as decepções dos acidentes, das doenças e a frustração de não terem alcançado o tão almejado desejo de riqueza.

Paisagem urbana que foi sendo tecida historicamente, com a emergência de novos bairros, como o Santo Antonio acima referido, a construção de casas e pavimentação de ruas e a destruição de outros prédios, locais de lazer e infância dos garimpeiros que adentraram cedo nessa atividade.

Paisagem urbana constituída pelo cheiro da lenha sendo queimada, da farinha de mandioca sendo preparada, do café e da brisa matinal; pelo sabor do pão, da castanha, da manga e do caju; pelo som do sapo a embalar os sons, dos galhos nas telhas e do galo de

¹⁷¹ BURITI, op. cit., 2011, p. 49.

campina a despertar; pela visão dos lajedos no meio da rua, dos carros passando pela rodovia, do irmão morto e do pai doente; e, pelo corpo rígido, forte e cansado do trabalho na lavra do caulim.

Portanto, considerando essa paisagem urbana de transformações de Junco do Seridó e dos garimpeiros provocadas pela extração do caulim, abordaremos, no próximo capítulo, como a lavra desse mineral deixou de ser cíclica e esporádica, para tornar-se sistemática e ininterrupta, nas últimas quatro décadas (1971-2011). Buscamos focalizar a construção histórica do caulim e da cidade, as vitórias e derrotas dos garimpeiros e as mudanças subjetivas e sensíveis dos mesmos, a partir dos seus retalhos de memórias e extratos de histórias.

Capítulo II

RETALHOS DE MEMÓRIAS, EXTRATOS DE HISTÓRIAS – 40 ANOS GARIMPANDO SONHOS E PESADELÓS NO CAULIM: JUNCO DO SERIDÓ (1971-2011)

[...] o garimpo é bom, porque, de uma hora pra outra você pode está, assim, enganado e Deus ajuda e você ganha três, quatro feiras ligeirinho¹⁷²...(sic)

Neste capítulo, faremos uma leitura da extração do caulim em banquetas, no município de Junco do Seridó, objetivando saber as mudanças provocadas pela extração desse mineral, nesses últimos quarenta anos (1971-2011), nas sensibilidades e subjetividades dos seus garimpeiros.

Para tanto, procuraremos historicizar a lavra caulínica no período destacado, buscando focalizar as perdas e os ganhos promovidos por essa extração mineral às pessoas e, por conseguinte, à cidade. Uma temporalidade marcada pela atividade perene desse mineral, período em que sonhos e pesadelos, alegrias e tristezas, vitórias e derrotas transformaram o espaço das banquetas em uma territorialidade¹⁷³ construída historicamente...

Concernente ao garimpo de caulim, em Junco do Seridó, alguns questionamentos se fazem pontuais, por exemplo: Quem são essas pessoas? Que sonhos elas tinham ou têm quando resolveram entrar no garimpo de caulim?

Procurando responder a essas problematizações, mas não necessariamente na ordem em que elas aparecem, utilizaremos, como fios condutores de nossas análises, as entrevistas feitas com garimpeiros que se iniciaram nessa atividade na década de 1970 e com *banqueteiros*¹⁷⁴ atuais.

¹⁷² CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

¹⁷³ “[...] Identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias...” In: MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru-SP: EDUSC, 2002, p. 35.

¹⁷⁴ Utilizamos a expressão “garimpeiros” para os primeiros e “*banqueteiros*” para os últimos, porque essa alcunha de “*banqueteiro*” tornou-se mais usual da década de 1990 em diante, a partir do momento que outras formas de garimpo passaram a ser exploradas no município, a saber, os das pedras ornamentais e os de pedras preciosas, como a turmalina Paraíba.

2.1. “[...] PELAS PASSAGENS LABIRÍNTICAS DOS COMEÇOS...”¹⁷⁵

*[...] a pesquisa (da origem), [...], se esforça para recolher nela a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo...*¹⁷⁶

Andar pelos dédalos dos começos, da “origem”, é adentrar em um historicismo produtor e articulador de “mitos fundadores”, os quais, seguindo uma narrativa linear, passam a ser vistos como “verdades inquestionáveis” e, muitas vezes, intocáveis, redundando em identidades fixas e imóveis, ponto irradiador de desenvolvimento do lugar ou das coisas, inviabilizando, desse modo, o olhar do objeto como uma construção histórica e banalizando a História numa relação de causa e efeito¹⁷⁷.

Nesse sentido, a história de Junco do Seridó, cidade do interior da Paraíba, não foge a essa ideia de “mito fundador”. Desde que foi elaborada e publicada pelo PRODER (Programa de Emprego e Renda), subordinado ao SEBRAE-PB (Serviço de Apoio à Micro e Pequenas Empresas da Paraíba), a “Série: Diagnósticos Sócio-econômicos”¹⁷⁸ dos municípios desse Estado, um história factual, linear, etapista e “evolutiva” da cidade.

Nessa cartilha, logo no primeiro capítulo denominado de “Evolução Histórica”, encontram-se esboçadas, bem resumidamente, por meio de uma história “positivista” e sem preocupação com análises historiográficas, a gênese do município na fazenda “Unha de Gato” e a emancipação política da cidade, com direito à relação dos nomes dos prefeitos de 1962 a 1992.

Não podemos negar que, apesar da objetividade e linearidade desse trabalho, ele serviu como base para que outros textos¹⁷⁹ fossem produzidos e novos dados fossem acrescentados

¹⁷⁵ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da mineração: memórias e práticas culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá-MT: Carlini&Caniato: EdUFMT, 2006, p. 21.

¹⁷⁶ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*. Org., Trad. e revisão técnica de Roberto Machado. 28. Reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010, p. 17.

¹⁷⁷ GUIMARÃES NETO, 2006, p. 18.

¹⁷⁸ Cf.: PRODER (Programa de desenvolvimento de emprego e renda). *Diagnóstico Sócio-Econômico de Junco do Seridó-PB*. João Pessoa: SEBRAE-PB, 1997.

¹⁷⁹ Como exemplos, confira as seguintes monografias de conclusão de curso: CUNHA, Inairan C. *Representações sobre o Regime Militar Brasileiro (1964-1985): Um estudo no município de Junco do Seridó-PB*. 2006, 49f. Monografia de conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2006; FERREIRA, Maria do Socorro Nóbrega. *O Ensino de História e a História Local: A experiência do Ensino Fundamental na Escola Pequeno Príncipe no Junco do Seridó-PB*. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura em História da UEPB, Campina Grande, 2003; NÓBREGA, Flávio de Medeiros. *Diagnóstico da Exploração do Quartzito de Junco do Seridó-PB*. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, Campina Grande, 2005; NÓBREGA, Jorge Douglas. *Viabilidade sócio-econômica do processo de exploração do Caulim no*

sobre o povoamento de Junco do Seridó. Contudo, esses novos dados possuem mais informação com relação ao “nascimento” do município e aos primeiros relatos de atividade mineradora do que uma análise historiográfica, seguindo, assim, a linha estabelecida pelo PRODER sobre a “origem” da cidade.

Todavia, devemos deixar claro que não é objetivo desta escrita analisar o povoamento inicial do município nem, tampouco, da sede deste. Essas premissas servem como uma crítica àqueles que procuram estudar a “origem das coisas”, “o início”, pois, “[...] procurar uma tal origem é tentar reencontrar ‘o que era imediatamente’, o ‘aquilo mesmo’ de uma imagem exatamente adequada a si...”¹⁸⁰.

No entanto, não podemos negligenciar tais informações, haja vista que dão subsídios, embora de forma superficial, aos dados iniciais de Junco do Seridó. Todavia, neste trabalho, a “origem” será utilizada como um preâmbulo das discussões ou como uma comunicação do que ocorrera anteriormente ao objeto de estudo em questão, principalmente, devido à escassez das fontes, dialogando, assim, com

[...] práticas historiográficas contemporâneas (que) procuram atuar de forma localizada, dimensionando a especificidade das experiências sociais, analisando-as como resultados das práticas culturais, ou recusando construções históricas que mais se encontram no terreno das mitologias...¹⁸¹

Dessa maneira, como informativo dos primeiros passos do município e seguindo os rastros iniciados pelo SEBRAE-PB (Serviço de Apoio à Micro e Pequenas Empresas da Paraíba), acima referido, o povoamento territorial de Junco do Seridó teve início no final do século XIX, na fazenda “Unha de Gato”, que ficava localizada a um quilômetro da atual sede, de propriedade da família Balduino Guedes¹⁸².

“Unha de Gato”. Parte da anatomia felina que permanece escondida, sendo mostrada em momentos de ataque e de defesa. A unha do gato tem a forma curvada, de uma curvatura, talvez isso justifique a peculiaridade do nome da fazenda, visto que se encontrava em uma curva muito fechada, dando a impressão de uma unha.

Dedicando-se à agricultura e à pecuária, o lugar “prosperou” como centro de paragem para os tropeiros e boiadeiros que se deslocavam do sertão ao litoral e para aqueles que perfaziam o caminho inverso.

município do Junco do Seridó PB. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Geografia pela UEPB, 2005.

¹⁸⁰ FOUCAULT, 2010, p. 17.

¹⁸¹ GUIMARÃES NETO, 2006, p. 19.

¹⁸² Essa família é tida pela maioria da população da cidade como os “fundadores” de Junco do Seridó.

O “progresso”, advindo da passagem dos caixeiros-viajantes, das tropas de homens e de burros e pelo transporte da boiada, exigiu que novos trabalhadores fossem contratados, ao mesmo tempo, proporcionou às pessoas circunvizinhas da propriedade e a alguns desses caixeiros e tropeiros¹⁸³ a possibilidade de estabelecer moradia no lugar praticado¹⁸⁴.

A expansão populacional e geográfica transformou a fazenda em povoado e, assim, outros espaços¹⁸⁵ próximos para habitar foram cartografados, favorecendo, dessa forma, a construção de casas, onde se encontra a sede atual do município¹⁸⁶. Esse novo espaço manteve a “tradição” de pousada para os caminhanes, auxiliando no crescimento econômico da localidade e proporcionando a Junco do Seridó a viabilidade de se tornar cidade, de modo que sua emancipação política ocorreu no ano de 1961¹⁸⁷.

No que concerne à extração do caulim em banquetas, alguns pontos têm que ser evidenciados com relação à história desse mineral em Junco do Seridó. Um deles se refere à “origem”: Quando se iniciou a extração do caulim no município?

Falar da “origem” é enveredar por um caminho onde se procura a essência dos acontecimentos, o ponto primeiro, nesse caso, a gênese dessa atividade. Mas, como bem disse Foucault¹⁸⁸, “[...] o que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate”.

Junco do Seridó, Paraíba, encontra-se, geograficamente, no extremo ocidental do planalto da Borborema¹⁸⁹, microrregião do Seridó Ocidental Nordeste, e na região mineradora, denominada Província Pegmatítica Borborema-Seridó¹⁹⁰, a qual abrange os estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte¹⁹¹. Segundo Luz e outros autores¹⁹²,

os primeiros registros de atividades incipientes de lavra de minerais de pegmatitos¹⁹³ na Província Seridó-Borborema datam da época da I Guerra Mundial, visando a

¹⁸³ Segundo relatos da comunidade, muitas famílias se formaram com a união desses viajantes e pessoas que viviam na localidade. Sendo um dos fatores para isso a localização central do povoado.

¹⁸⁴ CERTEAU, op. cit., 2004.

¹⁸⁵ Ibidem, 2004.

¹⁸⁶ Cf.: CUNHA, Inairan C.. *Representações sobre o Regime Militar Brasileiro (1964-1985): Um estudo no município de Junco do Seridó-PB*. 2006, 49f. Monografia de conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2006.

¹⁸⁷ Ibidem, 2006.

¹⁸⁸ FOUCAULT, 2010, p. 18.

¹⁸⁹ LUZ et. all., 2003, passim. Disponível em: <http://www.cetem.gov.br/publicacao/series_srmi/srmi-09.pdf>. Acesso em: 1º set. 2009.

¹⁹⁰ FORTE, op. cit., 1994.

¹⁹¹ Na introdução descrevemos os municípios que fazem parte desse espaço, de acordo com FORTE, op. cit., 1994.

¹⁹² LUZ et. all., 2003, p. 30. Disponível em: <http://www.cetem.gov.br/publicacao/series_srmi/srmi-09.pdf>. Acesso em: 1º set. 2009.

¹⁹³ De acordo com LUZ, et. all. (2003, p. 28): “[...] Genericamente falando, são corpos de rocha de composição granítica (quartzo-feldspática-mica), de granulação geralmente grossa, muitas vezes exibindo cristais

produção de mica. [...], a partir da segunda metade da década de 30, intensificou-se a busca por minerais de tântalo e nióbio, o que desencadeou uma onda de exploração (sic) de pegmatitos, que atingiu seu ápice durante a II Guerra Mundial. [...]. Em razão das demandas do esforço de guerra, a prioridade era produzir a qualquer custo, induzindo na região uma cultura de lavra ambiciosa e predatória, em muito facilitada pelo grande número de pegmatitos aflorantes na Província...

Dessa citação, notamos que nos anos anteriores não existia uma extração regular, mas ligada às necessidades imediatas do mercado externo, além do que, essa busca se dava em torno de outros minerais como a mica e não, propriamente, o caulim, pois, aquele mineral era utilizado na indústria bélica¹⁹⁴.

Nesse sentido, essa “origem”, essa identidade fixa, ponto singular, homogêneo e comum para Junco do Seridó e para a extração do caulim não existe. Isso porque, como já foi pensado por Foucault¹⁹⁵, a busca pela “origem”, pelos começos, leva ao encontro da complexidade, do heterogêneo, da alteridade, da não identidade, uma miríade de acontecimentos dispersos e incompletos¹⁹⁶.

Destarte, a extração do caulim, como a conhecemos hoje, em banquetas, *banquetões* e galerias, mais efetiva e contínua, segundo garimpeiros entrevistados para esta escrita, teve seu marco inicial na década de 1970 – eles precisam o ano de 1971 – quando a empresa CAULISA¹⁹⁷, com sede na cidade de Campina Grande-PB, começou seu trabalho de pesquisa mineral à procura de caulim para explorá-lo.

Desse período até os dias atuais, a extração no município de Junco do Seridó só se intensificou, embora tenham tido anos em que houve um aumento na produção e outros em que ela diminuiu, mas não a cessação geral.

Então, dos primeiros traços de formação social do lugar até a década de 1970, o município destacou-se pela produção agrícola e pela pecuária extensiva. No entanto, essas atividades eram entrecortadas, especialmente nos períodos prolongados de seca, pela extração

gigantes [...]. Pegmatitos-graníticos constituem a maior fonte, em termos mundiais, de alguns metais raros, [...], além de representarem importantes depósitos de berílio, estanho, lítio, mica, gemas coradas, feldspatos, caulim e quartzo...”. Disponível em: <http://www.cetem.gov.br/publicacao/series_srmi/srmi-09.pdf>. Acesso em: 1º set. 2009.

¹⁹⁴ Cf. o artigo de Bernardo Camara: *A Paraíba explodiu Hiroshima?* Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/a-paraiba-explodiu-hiroshima>>. Acesso em: 03 out. 2011. Nesse artigo, o autor trata da presença de norte-americanos em Picuí-PB, à procura de minerais a serem utilizados na fabricação de bombas. Nesse caso, devemos ressaltar que tanto Picuí quanto Junco do Seridó fazem parte da mesma província mineral, como dito anteriormente.

¹⁹⁵ Cf. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org., Trad. e revisão técnica de Roberto Machado. 28. Reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

¹⁹⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008, p. 47.

¹⁹⁷ Endereço da sede: Rua Barão Mauá, 2111, Distrito Industrial, Campina Grande-PB.

mineral, com destaque para a garimpagem de minérios metálicos e de alto valor no mercado e menos pela lavra do caulim.

Contudo, a partir dessa década de 1970 até os dias atuais, o garimpo do caulim em banquetas e o beneficiamento deste em decantamentos tornaram-se perenes e ininterruptos, superando a agricultura familiar na geração de emprego e renda em Junco do Seridó.

Como foi dito acima, a extração mineral na Província Pegmatítica Borborema-Seridó tem os seus primeiros registros datados da Primeira Guerra Mundial¹⁹⁸. Junco do Seridó faz parte dessa província pegmatítica, sendo assim, é bem provável que a atividade garimpeira, também, tenha se iniciado nesse período, seguindo o ritmo de exploração apontado por Luz e outros, isto é, sazonal.

Portanto, procurar a origem da lavra caulínica leva-nos mais ao desconhecido do que ao conhecido, uma vez que não temos certeza de qual era o mineral visado nessa exploração, a citação anterior refere-se à mica, mas só a ela? Dessa forma, não existe, portanto, uma data primeira da extração do caulim no município.

Não obstante, de acordo com relatos orais, o grupo Brennand¹⁹⁹, do Recife-PE, foi um dos primeiros a penetrar as serras de Junco do Seridó, na década de 1950, em busca de caulim – nesse ponto, a origem, mais uma vez, é traidora, pois, como afirmar que ele foi o primeiro se não há registros – escritos e orais²⁰⁰ – que aponte para esta certeza?

Entretanto, foi com a chegada da empresa CAULISA²⁰¹ que começou, efetivamente, um trabalho de pesquisa mineral à procura, exclusivamente, de caulim para explorá-lo e, desse período até os dias atuais, a extração caulínica não foi mais interrompida, variando em períodos de muita venda e outros de menos, mas sua lavra não cessou, tendo avanços e recuos durante esses quarenta anos.

¹⁹⁸ LUZ et. all., 2003, p. 30. Disponível em: <http://www.cetem.gov.br/publicacao/series_srmi/srmi-09.pdf>. Acesso em: 1º set. 2009.

¹⁹⁹ Em pesquisas feitas no Cartório local, foram encontradas duas escrituras públicas relacionadas aos Brennand: uma de compra e venda, feita em 03 de março de 1953, na qual consta a venda de uma parte de terra na Serra do Militão – hoje se chama “Serra do Brennand” – ao Sr. Ricardo Lacerda de Almeida Brennand. A outra escritura foi feita em 17 de julho de 1976, constando a venda dessa mesma área, agora com a denominação de Várzea de Vassoura, ao Sr. Juventino de Araújo Macedo. Esse senhor, já falecido, segundo pessoas da comunidade, era o representante da firma Brennand no município. Sua família, quando foi procurada, disse que os documentos sobre o Sr. Juventino ficou com sua primeira família que reside, atualmente, no Recife-PE.

²⁰⁰ Com relação à falta de registros orais, boa parte dos que trabalharam nesse período faleceram, outros não se encontram mais com saúde para conversas e, alguns, não quiseram dar entrevistas.

²⁰¹ Na década de 1970, essa empresa chamava-se Caulisa Indústria de Caulim S.A, conforme consta na escritura de Doação de terreno público feita pela Prefeitura Municipal de Junco do Seridó, em 10 de set. de 1975. Fonte: Cartório José da Cunha. Pesquisa feita em 13 jul. 2011. Em 1994, o título de fantasia da empresa permaneceu o mesmo: CAULISA, mas o nome empresarial mudou para: KAOLIN Comércio e Beneficiamento de Minérios LTDA, com sede na BR 230, Km 251, Sítio Barra, zona rural, município de Juazeirinho-PB. Disponível em: <www.receita.fazenda.gov.br>. Acesso em: 25 fev. 2012.

2.2. “[...] O CAULIM É UM MINÉRIO, MAS É UM MINÉRIO BARATO, MAS É MINÉRIO...”²⁰²: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA GARIMPAGEM DO CAULIM

[...] meu filho, isso não dá certo não, isso vem agora, vamos cuidar dos roçados, isso depois vai embora e nós ficamos no mesmo...²⁰³ (sic)

A leitura, assim como os passos, são atos criativos, práticas criadoras de espaços, são jogos escriturísticos²⁰⁴. O caminhar, da mesma forma que os relatos, são percursos de lugares praticados, eles selecionam, atravessam, organizam e fazem itinerários²⁰⁵.

Nesse sentido, procurando fugir do determinismo geométrico, geográfico e econômico, porém sem negligenciá-los, entendemos que outros modos de viver insinuam-se com maneiras próprias de fazer espacialidades sensíveis, formas diversas de habitar e se movimentar, diferentemente dos textos visíveis.

Territorialidades abertas ao consumo, entendido não só pela questão econômica, mas também, pelas imagens, cheiros, gostos, sons, ritmos e valores²⁰⁶. Nesses cinquenta anos de emancipação política²⁰⁷ e quarenta anos de lavra contínua do caulim²⁰⁸, muitas histórias e memórias cortaram e entrecruzaram Junco do Seridó e a extração desse mineral, costuraram seus tecidos, sua pele, seu nome.

Todavia, é importante salientar que a memória individual “[...] é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.)...”²⁰⁹, inserindo-se, na memória coletiva, por meio de paisagens e personagens.

Partindo dessas premissas, a nossa subjetividade é construída a partir da relação histórica com os objetos, sendo que esses podem “[...] ser um outro corpo, orgânico ou

²⁰² CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁰³ Idem. Referindo-se ao que o seu pai lhe disse na época quando ele procurou trabalho no caulim.

²⁰⁴ “[...] Produção de um sistema, espaço de formalização, tem como ‘sentido’ remeter à realidade de que se distinguiu em vista de mudá-la. Tem como alvo uma eficácia social. Atua sobre a sua exterioridade...” CERTEAU, 2004, p. 226.

²⁰⁵ Idem, 2004, p.199.

²⁰⁶ OLIVEIRA, 2007, p. 59.

²⁰⁷ Pela Lei nº 2.680 de 22 de dezembro de 1961, foi criado o município de Junco do Seridó, sendo oficializada sua instalação em 1º de janeiro de 1962. In: CUNHA, 2006, p. 32.

²⁰⁸ Cabe lembrar que, neste capítulo, estamos lendo como recorte temporal de 1971 a 2011.

²⁰⁹ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 16.

inorgânico, uma ideia, uma imagem...”²¹⁰, as memórias adquiridas e derivadas das narrativas dos outros. Em outras palavras, é estar envolto nos objetos para neles existir e por eles ser encoberto.

Por seu turno, devemos atentar para a memória individual como uma perspectiva da memória coletiva e não como a representação totalizante dessa coletividade. Logo, ela não abrange um todo, não é homogênea e única, ao contrário, são pontos múltiplos, heterogêneos e passíveis de mudanças de acordo com os posicionamentos²¹¹ que tomamos, porém, serve, também, para (re)definir e (re)forçar sentimentos de pertença²¹².

Com isso, chamamos a atenção para as entrevistas que balizam esta escrita menos como um olhar completo sobre o caulim e mais como um posicionamento, costuradas pelos recortes e objetivos deste trabalho, o qual não é, nem tem a pretensão de ser, a “verdade” absoluta, única e total da produção e extração caulínica em Junco do Seridó. Mesmo porque, com bem disse Foucault²¹³, “[...] a história há muito tempo não procura mais compreender os acontecimentos por um jogo de causas e efeitos unidade informe de um grande devir, vagamente homogêneo ou rigidamente hierarquizado...”.

A epígrafe que abre este tópico foi um posicionamento tomado, na década de 1970, quanto à extração caulínica. Se essa afirmação foi dita ou não pelo pai do entrevistado da forma como ele a descreveu é outra questão, dado que não é nosso interesse buscar a “verdade” única e inquestionável, a “origem”, como já foi dito, mas as representações que foram (e são) construídas sobre o garimpo de caulim.

Portanto, essa frase poderia ser uma representação profética sobre a lavra desse mineral em Junco do Seridó. Senhor “Zé Carlos”²¹⁴, como era conhecido na cidade o pai de Francisco Carlos, um dos entrevistados para esta escrita, já era uma pessoa com experiência na vida, já tinha visto, em períodos anteriores, essa mesma atividade garimpeira iniciar-se e em pouco tempo cessar, posto que,

²¹⁰ CARDOSO JR., Hélio Rebello. *Para que serve uma subjetividade?* Foucault, tempo e corpo. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2005, p. 345.

²¹¹ Cf.: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: _____ *História: a arte de inventar o passado*, op. cit.

²¹² POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Tradução: Dora Rocha Floksman. Vol.2.n.3. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1989, p. 3-15.

²¹³ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 56.

²¹⁴ Esse senhor já é falecido. Sua família morava na vizinhança do espaço hoje denominado Junco do Seridó, sendo uma das “fundadoras” da cidade.

[...] após a guerra, o aproveitamento de minerais de pegmatitos tornou-se uma atividade sazonal, comandada, seja pela busca de meios de sobrevivência pelos sertanejos, em épocas de secas prolongadas, seja por eventuais episódios de melhorias de preços no mercado internacional para os minerais metalíferos...²¹⁵

Dessa forma, a agricultura, embora gerasse pouco lucro, era um meio certo e “garantido” de sobrevivência. Herança colonial, a atividade agrícola é uma forma de trabalho “[...] que faz parte do cotidiano da família sertaneja, sendo o plantio e o cultivo da terra uma das principais atividades exercidas nos locais mais longínquos, até mesmo por uma questão de subsistência...”²¹⁶.

No entanto, outros caminhos podem ser (e são) descobertos no sertão, um desses, encontrado em Junco do Seridó na década de 1970, foi a garimpagem do caulim. Devido ao potencial mineral existente no município, a lavra garimpeira não parou mais de crescer, positiva e negativamente. Em virtude disso, o senhor “Zé Carlos”, contrariando o seu próprio prognóstico, dirige-se à extração de caulim²¹⁷, pois, ele viu, nessa atividade, uma alternativa de vida melhor do que a agricultura praticada no semiárido nordestino.

Seguindo esse filão, de acordo com Antonio Gonçalves de Oliveira²¹⁸, “[...] a CAULISA começou a fazer espessura aqui em (19)71, aí fichou um bocado de gente para trabalhar, abrindo roço, fazendo pesquisa...”, o que foi corroborado por outro entrevistado, Francisco das Chagas Carlos²¹⁹ que, na década de 1970, era adolescente. Segundo esse entrevistado, essa empresa

[...] começou nos roços, não foi nem em pesquisa, só fazendo os roços nas áreas todinha do Chorão [...]. Que esse roço é quando ele começa, que primeiro eles abrem os roços e, aí, depois vem o engenheiro marcando as pesquisas, depois que abrem os roços... (sic)

Essas ações possibilitavam às pessoas do município, nesse período inicial, projetarem seu olhar em direção à extração caulínica, visando conseguir trabalho e um aumento na renda, visto que a população de Junco do Seridó, em sua grande maioria, eram agricultores. Dessa

²¹⁵ LUZ et. all., 2003, p. 30. Disponível em: <http://www.cetem.gov.br/publicacao/series_srmi/srmi-09.pdf>. Acesso em: 1º set. 2009.

²¹⁶ MARTINS; BURITI; CHAGAS, op. cit., 2007, p. 30.

²¹⁷ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²¹⁸ OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa. O entrevistado trabalhou na CAULISA de 1971 a 1996 quando se aposentou.

²¹⁹ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

forma, muitos dos garimpeiros do caulim²²⁰, também, exerciam a agricultura, sendo, portanto, uma atividade paralela a outra, onde o trato com a terra era exercido em horário diferente da extração mineral, ou, a primeira atividade era praticada no final de semana.

A “profecia” de “Seu Zé Carlos” não se confirmou. Pelo contrário, da década de 70 do século passado às primeiras décadas deste novo milênio, sua extração aumentou, o número de pessoas procurando trabalho em banquetas quase triplicou, novas “tecnologias” foram introduzidas em sua lavra, corroborando, assim, para o desenvolvimento econômico da cidade.

Entretanto, esse crescimento na demanda do caulim e na quantidade de pessoas fez aumentar, também, nas últimas décadas, o número de acidentes, de doenças e mortes na sua extração. Ao mesmo tempo, trouxe modificações consideráveis ao meio ambiente e a própria cidade de Junco do Seridó com a abertura de novas frentes de trabalho, o aumento no fluxo de caminhões e carretas pesadas.

Esse crescimento da produção caulínica despertou, também, o interesse dos grandes empresários que, atualmente, estão “expulsando” os *banqueteiros* das reservas de caulim e se recusando a pagar impostos ao município para lavar e transportar esse mineral, de maneira que todo o dinheiro arrecadado fica com a cidade vizinha, Juazeirinho, a qual leva o bônus e deixa para o Junco do Seridó o ônus dessa extração²²¹.

2.3. O ENGATINHAR DA EXTRAÇÃO DO CAULIM EM JUNCO DO SERIDÓ OU OS PRIMEIROS ANOS DESSA ATIVIDADE

*[...] Os povoados da mineração despertam cenas associadas a uma terra de oportunidades; espaços que recebem pessoas de várias regiões do Brasil...*²²²

Quem passa na BR 230 e observa as serras de Junco do Seridó, especialmente a que fica localizada ao Sul, o “Alto do Chorão”, logo percebe a extração do caulim pelo embranquecido no meio da mata, e, às margens da própria BR, a venda de pedras ornamentais corrobora para o estereótipo que se criou sobre as cidades da mineração – local de oportunidades –, como descrito na epígrafe acima.

²²⁰ Eles, ainda, não se autodenominavam de *banqueteiros*, pois, a extração em banquetas não estava disseminada como ocorre hoje no município.

²²¹ Informação repassada por um garimpeiro que não quis se identificar.

²²² GUIMARÃES NETO, 2006, p. 135.

Entretanto, observando com acuidade o traçado urbanístico de Junco do Seridó, percorrendo-o lentamente a pé ou de carro, sob o espreitar e cochichar dos juncoenses a indagar quem são esses forasteiros e o que querem na cidade, em um interrogatório instintivo e sem a presença do interrogado – questionamentos compartilhados por quem se conhece a anos (con)vivendo no mesmo espaço. O visitante verá, à sua frente, algumas ruas largas e desiguais, dando a impressão de que a cidade foi construída sem um projeto arquitetônico e urbanístico – o que “realmente” ocorreu – pois a maioria das ruas não segue um traçado retilíneo. Além disso, alguns bairros carecem, atualmente, de calçamentos nas ruas e um melhor sistema de água e esgotos.

Quando a CAULISA resolveu se estabelecer em Junco do Seridó, no ano de 1971, com o objetivo de iniciar pesquisas à procura de outros locais para a extração de caulim, a cidade estava completando dez anos de emancipação política, uma criança aprendendo a andar com as próprias pernas, posto que, desde a vinda das primeiras famílias para esse espaço, sua vida política e econômica era atrelada (subjugada?) a Santa Luzia, localizada a trinta quilômetros de distância rumo ao sertão.

Nesse período, a cidade, praticamente, não tinha qualquer tipo de infraestrutura: saneamento básico, posto de saúde, sistema de água e esgoto... A população sobrevivia, basicamente, da agricultura e do emprego público, da prefeitura, sujeitando-se aos mandos e desmandos dos políticos locais que repetiam, na cidade, o paradigma do Brasil dos militares. Concernente à produção mineral, esta era incipiente e a extração de caulim dava-se, quase exclusivamente, pelo grupo Brennand, já referido anteriormente.

Por estar, ainda, engatinhando enquanto cidade, a malha urbana restringia-se, em grande medida, ao que é o centro da cidade hoje²²³, com pouquíssimas casas, erguidas em forma de cortiço, isto é, uma colada na outra (casas conjugadas). A praça²²⁴ central, e única, ainda possui o mesmo contorno de quando foi edificada e o calçamento da rua principal – atual Avenida Balduino Guedes – só foi construído no ano de 1977.

Defronte ao pátio da Igreja de Santo Onofre havia um decantamento de caulim²²⁵, um dos primeiros existentes em Junco do Seridó. Os dois principais bairros da cidade, fora o centro, o Bairro Santo Antonio, ou, a “Coréia”²²⁶, e o Santo Onofre, também conhecido como

²²³ No capítulo I discutimos sobre a construção do espaço da cidade.

²²⁴ Cf. no Capítulo I imagem dessa praça no ano de 1969.

²²⁵ Idem. Fotografia da cidade no ano de 1972.

²²⁶ No capítulo I fizemos uma pequena discussão sobre esse bairro.

“Malvinas”²²⁷, não existiam enquanto bairros, uma vez que se resumiam a duas ou três casas, muito afastadas do que era a cidade na época.

Nesse cenário de urbanização incipiente e de poucos veículos, Antonio Gonçalves²²⁸, solteiro, pouco mais de vinte anos de idade, depois de alguns anos trabalhando como servente de pedreiro, resolve entrar no ramo da garimpagem do caulim – “[...] surgiu a vaga que ia fichar tantas pessoas, aí eu entrei no meio, eu, meu irmão, finado Luiz, que morreu embaixo de uma banquetta de caulim...”²²⁹.

Na frase do senhor Antonio, exposta acima, já surge uma das mudanças mais significativas ocorridas na lavra caulínica: a formalização do trabalho, entendida como o cumprimento da legislação trabalhista. Em sua fala, ele diz que foi “fichado” pela empresa, isto é, tornou-se funcionário com carteira assinada e os direitos garantidos pelas leis trabalhistas²³⁰ da época.

Pouco tempo depois da entrada de Antonio no caulim, que ocorreu em 1971, a extração desse mineral dinamiza-se e outras frentes produtivas são abertas, possibilitando o advento de novos trabalhadores, como foi o caso de Francisco das Chagas Carlos.

O momento em que Francisco vai para o caulim, no final da década de 1970, coincide com a ocasião da separação entre os funcionários da firma CAULISA e os garimpeiros que extraíam o caulim por conta própria:

[...] (a firma) quando viu que o povo já estava tudo, aí ele disse “não vou assinar mais carteira”, aí botou fornecedor e nós começávamos a trabalhar pra esses fornecedores, trabalhando pra CAULISA, mas através de fornecedor, aí começou o crescimento...²³¹ (sic)

Francisco inicia-se no trabalho do caulim ainda adolescente, menor de idade, por causa disso, vai lavar o mineral, informalmente, para o fornecedor – “[...] nesse tempo, eu trabalhava na Cajazeira (zona rural de Junco do Seridó) tirando caulim pra Barra (município

²²⁷ Segundo moradores da cidade, por se localizar, geograficamente, ao Sul da “Coréia”, deram esse apelido ao Bairro Santo Onofre como forma de rivalizar com o Bairro Santo Antonio, e, também, porque o seu povoamento, iniciado em meados da década de 1980, coincide com o conflito de mesmo nome entre a Argentina e a Inglaterra (1982).

²²⁸ OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²²⁹ Idem.

²³⁰ Salientamos que não é nosso objetivo analisá-las.

²³¹ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

de Juazeirinho), trabalhava pra Expedito ‘Preto’. [...]. Era pra Barra, mas tudo a CAULISA era quem comprava...”²³².

De acordo com Goularte²³³, não existe um consenso para o conceito de informalidade, contudo, segundo essa pesquisadora, algumas características são relevantes, a exemplo da “[...] sua precariedade e pobreza, produzida pelos baixos rendimentos e pouca diferenciação entre capital e trabalho; [...]; (e) ao não cumprimento da legislação trabalhista...”, particularidades estas que se coadunam com o trabalho nas banquetas realizado por Francisco.

A figura dos fornecedores altera a relação empregatícia desses trabalhadores, pois passa a arremeter pessoas para extrair o material para eles venderem, em um sistema informal de compra e venda desse mineral, situação que permanece até os dias atuais e que segue a regra da história do garimpo.

Isso também ocorreu porque, segundo Francisco, os trabalhadores não gostavam (ou não sabiam) trabalhar por conta própria e, por isso, sujeitavam-se a esse comércio informal, condição que mudou radicalmente nesses quarenta anos, dado que, atualmente, embora a figura do fornecedor não tenha desaparecido, são os próprios garimpeiros que realizam suas transações comerciais com estes ou com os donos dos decantamentos.

Para corroborar essa informalidade histórica na mineração, observemos o que diz Regina Beatriz Guimarães Neto²³⁴, referindo-se aos garimpos do Mato Grosso na primeira metade do século XX:

[...] Nessa época, para todas as transações de compra e venda, entre capangueiros, agentes e garimpeiros, os procedimentos também seguem a regra dos garimpos, posto que não há recibos, duplicatas, ou qualquer outro tipo de documento formal. Ora, é comum os garimpeiros contarem que muitas de suas vendas são anotadas em qualquer pedaço de papel...

Não sabemos ao certo se eles anotavam as transações comerciais em “qualquer pedaço de papel”, porém a “clandestinidade” e a “inimizade” entre fornecedores e os garimpeiros era a regra na lavra do caulim em Junco do Seridó, mesmo que essa condição de trabalho e atitude fosse mascarada pela situação de pobreza daqueles últimos. Com raras exceções, como

²³² CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²³³ GOULARTE, Cláudia Cardoso. *Cotidiano, identidade e memória: narrativas de camelôs em Pelotas – RS*. Dissertação de Mestrado, 2008, p. 13.

²³⁴ GUIMARÃES NETO, 2006, p. 154.

no caso²³⁵ de um garimpeiro que estava para comprar uma casinha e teve o dinheiro retido pelo fornecedor devido ao seu estado de embriaguez, o que poderia levá-lo a perder toda a importância para concretizar o negócio, a família desse garimpeiro é, até hoje, grata por esse gesto do fornecedor, posto que é a casa onde eles residem.

Contudo, segundo relatos dos próprios garimpeiros, era mais comum o fornecedor e a empresa, às vezes juntos e outras em separado, levarem vantagem sobre o trabalhador do caulim:

[...] era assim, não sei se tinha combinado com os fornecedores, nós não estávamos lá pra saber, às vezes, nós ficávamos com raiva dos doutores, às vezes, nós tirávamos 50 *carradas*²³⁶ de uma banqueta e não perdia nenhuma em cima, aí, quando passa pra baixo, quando era o final do mês ‘rapaz tu perdeu duas *carradas*, perdeu três’, ‘por que?’, ‘porque não deu nada!’, ‘e como as outras deram, as primeiras, e as de baixo não estão dando?’...²³⁷ (sic)

Podemos inferir, da citação apresentada, que “perdeu duas *carradas*, perdeu três” era uma forma de minimizar o ganho do garimpeiro e aumentar o da empresa. Sendo assim, os trabalhadores, sem forças para mudar tal situação, passam a (con)viver com a mesma, apelando, muitas vezes, para o próprio fornecedor como um meio de recuperar seu prejuízo, pois, eles não tinham como pagar a conga²³⁸ a esse último, porque não haviam recebido pela venda do caulim.

Então, para não perder o seu quinhão, sua conga, o fornecedor ia pessoalmente à empresa buscar o valor do material perdido, chegando, algumas vezes, a discutir com os representantes desta, e, ao garimpeiro, essa alternativa era a saída, porque, muitas vezes, “[...] estava quase perdido, aí, como é que eu vou pagar a conga se eu não recebi...”²³⁹ (sic).

Isso nos faz lembrar de um princípio grego, contado por Foucault²⁴⁰, em *A ordem do discurso*: “[...] a aritmética pode bem ser o assunto das cidades democráticas, pois ela ensina as relações de igualdade, mas somente a geometria deve ser ensinada nas oligarquias, pois demonstra as proporções na desigualdade”. Na relação entre empresários, fornecedores e trabalhadores, ambas propriedades matemáticas são ensinadas, a geometria do lucro para as

²³⁵ Esse caso foi contado por Lindomar Bezerra Feitoza Carlos, filha do garimpeiro acima citado. CARLOS, Lindomar Bezerra Feitoza. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa juntamente com seu esposo e entrevistado Francisco das Chagas Carlos.

²³⁶ A *carrada* corresponde a, aproximadamente, 10 toneladas de caulim.

²³⁷ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa. Esse depoimento foi corroborado por outros garimpeiros que trabalhavam nessa época e pelos novos que escutaram essas histórias do garimpo. *Grifos nosso*.

²³⁸ Uma porcentagem auferida sobre cada *carrada*, geralmente, dez por cento (10%).

²³⁹ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁴⁰ FOUCAULT, 2009, p. 18.

empresas e, um pouco menor, para os fornecedores e a subtração aritmética dos ganhos para os garimpeiros do caulim.

É uma “realidade” que permanece até os dias atuais. O próprio Francisco passou por situação semelhante de depreciação e desvalorização do seu trabalho, quando “[...] trabalhava pra um (empresário), ele não dava valor ao garimpeiro, a chegar uma parte de protestar com ele. Ele dizia – ‘o garimpeiro é uma peste, quando tira o caulim, quando chega o dia de receber, é em cima, é no pé, quer o dinheiro...’”²⁴¹.

Malgrado esses problemas devido à busca de mais vantagens por parte das grandes empresas, a CAULISA, em Junco do Seridó, vai exercer um papel importante no ensino e na aprendizagem da prospecção de caulim, haja vista que, quando a exploração mineral era feita para o grupo Brennand, os garimpeiros utilizavam técnicas subjetivadas em outros ramos minerais e as adequavam para a extração do caulim.

A CAULISA inicia seu trabalho nos “roços”, que era a demarcação da área a ser pesquisada para saber se tinha material e se ele prestava. Depois dessa fase, passou-se ao processo de pesquisa propriamente dito, momento em que são requisitados os saberes técnicos – os engenheiros, no trabalho de pesquisa, ensinam aos garimpeiros como cavar e o tamanho a ser escavado, 1,20m por 0,80m, medidas que são utilizadas ainda hoje, caso se queira iniciar pesquisas para verificar a qualidade do material.

Sobre esse ensinamento por parte dos engenheiros, Antonio Gonçalves²⁴² disse que, “[...] começou quando a CAULISA chegou aqui no Junco, a gente não sabia de nada, quando a CAULISA chegou pra começar em 1971, pra abrir roço e fazer serviço de topografia, a gente começou...”.

Considerando que a educação não se faz apenas, nem exclusivamente, na escola, podemos afirmar que esses engenheiros tiveram papel de educadores dos garimpeiros, ensinando-lhes como fazer a pesquisa, as medidas das banquetas para produzirem mais e com o mínimo de segurança, até que ponto escavar, a forma da escavação para “chegar” à galeria ou às banquetas, como “emborcar túnel” deixando os pilares, principalmente, na “boca”, pois, caso ocorresse um desabamento eles tinham para onde correr, conforme aponta Francisco²⁴³,

²⁴¹ CARLOS, Lindomar Bezerra Feitoza. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa juntamente com seu esposo e entrevistado Francisco das Chagas Carlos.

²⁴² OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁴³ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

[...] nós descíamos 45 palmos que é 10 metros, aí, depois desses 10m embaixo, nós colocávamos um túnel de um lado pra outro pra saber se estava na mesma largura, se o filão embaixo nós peguemos ele com 6 metros, com 45 palmos, ele mandava nós, a doutora, mandava nós cavarmos de novo embaixo pra ver se a laje estava do mesmo jeito, se a laje estivesse do mesmo jeito, tinha acesso à galeria, àqueles que num tinha, eles deixavam pros garimpeiro, que era a gente, não dava galeria, aí eles diziam: “esse aqui é pros garimpeiros, que são as banquetas...” (sic)

Esses saberes técnicos foram subjetivados pelos garimpeiros que, com o passar dos anos, constituíram, também, o seu próprio saber sobre a mineração do caulim. Devido a uma mudança sensível no modo de observar a natureza, esses trabalhadores aprenderam e apreenderam a encontrar um filão de caulim a partir da formação florestal à sua frente e pelo vai-e-vem das formigas de roça, segundo Antonio²⁴⁴:

[...] esses engenheiros que vem de fora não sabia nada disso não, foi o *pião*, o trabalhador, que foi descobrindo. A gente vê a diferença no mato, onde passa o filão de caulim você vê o mato é diferente, o mato é maior, cresce mais, é mais verde, o mato nasce maior, mais florado, mais folha, por causa da umidade do caulim, porque o caulim é frio... Onde tem um filão de caulim nasce muito jatobá... A gente foi aprendendo, um saía naquele filão andando, aqui e acolá o *caba* vê a formiga botando o material pra fora, aí foi prestando atenção na malacacheta. A gente vê a diferença na terra, onde passa o filão de caulim a gente vê a diferença na terra, aí a formiga bota pra fora aquele moinho de coisa... A terra é mais fofa, aí o *caba* vai aprendendo na prática e abria aquele roço bem em cima do filão, aquela picada, aí de 50 em 50m uma pesquisa... (sic)

Salvador Tavares de Moura²⁴⁵, em seu estudo sobre Serra Pelada, questiona o rótulo de “formigueiro humano” para esse garimpo, observando que esse espaço não era reduzido à mina, existindo uma malha de relações sociais além dela. Portanto, o garimpo seria bem mais do que uma multidão de homens trabalhando como formigas.

No nosso caso, a metáfora de “formigueiro humano” não é depreciativa e, de certa forma, coaduna-se com a forma de trabalho praticada pelos garimpeiros do caulim nessas primeiras décadas – verossímil ao trabalho das formigas, e tendo aprendido com elas, eles escavam a terra em busca do minério a vinte, trinta e até cinquenta metros de profundidade.

Da mesma forma que as formigas, suas professoras, faziam, no subsolo da banqueteta, passam a criar túneis com a retirada de mais caulim, em um vai e vem de homens escavando e colocando o minério para fora, deixando, para trás, os buracos abertos, desprotegidos e “invisíveis” à primeira vista.

²⁴⁴ OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁴⁵ MOURA, 2008, p. 21 e 22.

Se Serra Pelada foi tida como “formigueiro humano” devido à grande quantidade de pessoas aglomeradas, sendo considerada na década de 1980, a “[...] maior mina a céu aberto do mundo...”²⁴⁶, no garimpo de caulim, em Junco do Seridó, essa visibilidade enquanto formigueiro deve-se mais à maneira como eram feitas a escavação e a extração do minério do que ao número de homens juntos em um mesmo ambiente.

Deleuze²⁴⁷, ao analisar a obra de Foucault, mais precisamente, quando discute a respeito do poder, afirma que

[...] as relações de poder não emanam de um ponto central ou de um foco único de soberania, mas vão a cada instante ‘de um ponto a outro’ no interior de um campo de forças, marcando inflexões, retrocessos, retornos, giros, mudanças de direção, resistências...

Quando a CAULISA, na década de 1970, abriu frentes de trabalho para a pesquisa e extração do caulim, além do poder econômico, ela detinha o saber de como fazer a prospecção, então, o ponto de poder estava com os seus engenheiros e técnicos.

Ao passar dos anos naquele labor, os garimpeiros adquiriram saberes próprios, de modo que, a partir desse momento, eles reivindicam o seu lugar de poder, pois, quando Antonio²⁴⁸ considera que “[...] esses engenheiros que vêm de fora não sabia nada disso não, foi o *pião*, o trabalhador que foi descobrindo...”, está subjetivando os conhecimentos sobre o caulim na natureza a partir do mato encorpado e mais verde e das formigas.

Para esses trabalhadores, é uma forma de demonstrar poder perante os “doutores” engenheiros, através dos saberes adquiridos e subjetivados durante anos dentro da extração do caulim, proporcionando o surgimento de novas áreas de lavra em, praticamente, todo o território de Junco do Seridó.

Esses garimpeiros, devido ao grande conhecimento do lugar e à forma de identificar o filão do caulim na natureza, já demonstrado anteriormente, repassaram os seus saberes aos outros e, assim, a extração dinamizou-se. Apesar de que, para eles, essa situação não alterou em nada seu *status quo* e, assim, “[...] por mais que efetuem grandes vendas, continuam pobres, destituídos de poder de enfrentamento, numa correlação de forças desiguais, junto aos meios econômicos dominantes...”²⁴⁹.

²⁴⁶ MOURA, 2008, p. 109.

²⁴⁷ DELEUZE, s/d, p. 81.

²⁴⁸ OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁴⁹ GUIMARÃES NETO, 2006, p. 155.

2.4. SONHOS, ILUSÕES E PESADELOS NAS BANQUETAS DE CAULIM

[...] Na história do mundo, tanto o sonho quanto o pesadelo andam quase que juntos. O esquadramento de seus espaços decorre das vicissitudes dos seres humanos, na eterna busca da satisfação de suas necessidades e concretização de seus mais recônditos desejos. A própria natureza contribui no esquadramento desses espaços, ao revelar-se mediante suas riquezas minerais, hídricas, florestais e míticas as possibilidades de materialização dos sonhos e dos pesadelos do ser humano...²⁵⁰

Regina Beatriz Guimarães Neto, em seu livro, *Cidade da Mineração: memória e práticas culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX*, cujo foco central é a análise de práticas culturais e sociais que favoreceram a constituição de cidades naquele território, aponta para as zonas da mineração de diamantes como “[...] espaços que recebem pessoas de várias regiões do Brasil...”²⁵¹, à procura de oportunidades, dos sonhos de riqueza.

Zeneide Rios²⁵², por sua vez, na dissertação de mestrado sobre os garimpos de Jacobina, Bahia, e o movimento migratório em direção a esse território, traz um relato semelhante à autora acima citada. Analisando os discursos dos jornais da época, em especial, *O Lidador*, ela nos diz que a narrativa desse jornal “[...] constituía-se sobre os garimpos jacobinenses uma visão de terra prometida, cheia de oportunidades enfatizando os benefícios e a facilidade em se cavar ouro...”²⁵³.

Nesses dois trabalhos, as autoras analisam, de um modo geral, a mineração, e, particularmente, a extração de diamantes, no caso de Regina Beatriz, e de ouro, Zeneide Rios. Como são minérios de alto valor no mercado internacional, é de se esperar que um grande número de pessoas dirija-se para esses territórios de Mato Grosso e de Jacobina na Bahia e os vejam como uma nova “Canaã” encontrada nas páginas do Pentateuco, ou seja, os primeiros cinco livros da Bíblia, livro sagrado dos cristãos.

É bem provável que seja lugar comum entre as pessoas que vão procurar minérios a visão mítica do *Eldorado*, o sonho da riqueza fácil, a ilusão de encontrar aquele veio e com ele tirar a sorte grande.

²⁵⁰ BORGES & PERARO (Org.), 2006, p. 9. *Grifos nossos*.

²⁵¹ GUIMARÃES NETO, 2006, p. 135.

²⁵² JESUS, Zeneide Rios de. *Eldorado sertanejo: garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)*. 2005.

²⁵³ JESUS, op. cit., 2005, p. 32.

Essa visão vale para todos os garimpos, sejam de diamantes, sejam de ouro, sejam de caulim: “[...] a maioria dos garimpeiros quer ver se encontra alguma pedra preciosa, mas no setor que a gente trabalha (caulim) num tem...”²⁵⁴. Contudo, como Francisco Carlos relatou, o caulim é um minério barato, mas é minério.

Portanto, as ilusões de encontrar uma pedra preciosa no caulim eram grandes, tanto que, muitos garimpeiros, no começo da extração – não pergunte pela origem! – afirmaram que davam a produção do caulim de veieiro²⁵⁵ toda aos donos de decantamentos – que eram poucos – em troca da lavagem do caulim de sal²⁵⁶ para obtenção de minério.

Dessa forma, perguntamos: O que os motivou e os motiva a se levantarem todos os dias para enfrentarem um trabalho tão duro quanto esse? É o que procuraremos responder adiante.

2.4.1. Os sonhos e as ilusões de uma vida melhor

Antonio Gonçalves de Oliveira, brasileiro, casado, aposentado, marido, pai, avô, mais conhecido na cidade como Antonio Belizário. Esse senhor de cabelos grisalhos, fala grave e arrastada, é um dos poucos garimpeiros vivos, em Junco do Seridó, que iniciaram o seu trabalho na lavra do caulim no período em que a CAULISA abriu as frentes de serviço para prospecção e extração desse mineral.

Salientamos que devemos compreender os sujeitos históricos “[...] como pessoas vivas, [...] num processo em que as dimensões, individual e social, são e estão intrinsecamente imbricadas...”²⁵⁷. Portanto, as narrativas orais dos colaboradores são importantes para entendermos o seu modo de ver e viver em Junco do Seridó, ao longo do período escolhido.

Antonio nasceu na zona rural do município de Juazeirinho, vizinho de Junco do Seridó. Ainda novo foi morar com uma tia em Lagoa de Roça e de lá, já rapaz feito, como ele disse, foi para o Rio de Janeiro “tentar a vida”. Quando resolveu sair dessa cidade, veio para o Junco do Seridó, no ano de 1964, viver com o seu pai, que já residia nesse espaço. Ele permanece nesse município até os dias atuais.

²⁵⁴ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁵⁵ Caulim, praticamente, puro, só a goma, como eles dizem, por isso, é o mais caro.

²⁵⁶ Caulim misturado. Praticamente não tinha valor comercial, no início da extração.

²⁵⁷ KHOURY apud INÁCIO, 2007, p.157.

A primeira impressão desse jovem – solteiro, vinte e poucos anos de idade – que desembarcava de um grande centro urbano e econômico em uma cidadezinha com três anos de emancipação política, com uma malha urbana ínfima e instalações básicas ao convívio humano – sistema de água e esgotos, por exemplo inexistentes, no interior da Paraíba –, foi: “o que é que eu vou fazer aqui no Junco...”²⁵⁸.

Essa é uma pergunta que, praticamente, todo ser humano faz quando chega a um local desconhecido, seja esse lugar grande seja pequeno. Contudo, é bem provável que, devido a facilidade em locomoção nos dias atuais, ele pegasse o mesmo ônibus de volta para o Rio de Janeiro. Entretanto, a época era outra, as dificuldades eram bem maiores. Além disso, a BR 230²⁵⁹ que entrecruza a cidade de Junco do Seridó ainda não tinha sido construída, então, era estrada de terra batida e o sistema de transporte coletivo era raro. Dessa forma, ele tinha de ficar e procurar trabalho para sobreviver e ajudar nas despesas da casa.

O primeiro serviço de Antonio, na década de 1960, foi como servente de pedreiro, auxiliando o senhor “Zé” Simões. Com este, construíram várias casas na cidade e deixaram seus rastros no Distrito de Bom Jesus – zona rural do município e distante da sede desse uns 18 quilômetros – ao edificarem o mercado público, a Igreja Católica, o cemitério público e o grupo escolar.

Para esse local, ele juntamente com “Zé” Simões e Benedito Tavares – que viria a ser seu sogro – saíam quatro horas da madrugada da segunda-feira, com a feira na cabeça, a pé, porque a prefeitura, nesse período, só contava com uma Rural em sua frota de veículos.

A socialização com outras pessoas no trabalho de pedreiro contribuiu para que Antonio assimilasse experiências compartilhadas. Assim sendo, estudar as sensibilidades seria interessar-se pelas reações mais íntimas dos indivíduos, mesmo que exista um descompasso entre a experiência vivida e o relato construído.

O espaço de Junco do Seridó apresentava grandes dificuldades – não tinha água encanada nem sistema de esgoto, sem contar que as ruas só iriam receber calçamentos no final da década de 1970, na gestão do prefeito Teodoro Napoleão (1977-1983), e não seriam todas as ruas, apenas as principais. Então, nesse cenário sem grandes perspectivas e sem muitas formas de trabalho, a vinda de uma empresa de médio porte, talvez, tenha gerado um grande alvoroço na população da cidade.

²⁵⁸ OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa

²⁵⁹ Sua construção inicia-se no ano de 1965.

Podemos até ver os pais de família animados por essa oportunidade de emprego certo além da agricultura. Subjetivando e igualando a extração mineral do caulim com a de outros minerais, é bem provável que, nas conversas familiares, os sonhos de uma vida melhor, surgida a partir da prospecção do caulim, fossem a pauta do dia. Isso porque “[...] sonhar é ter desejos, esperanças, projetos, satisfações, ilusões, e acreditar tão ceticamente nas possibilidades de realização...”²⁶⁰ que até um trabalho exaustivo, embaixo da terra, desconhecido para a maioria dessas pessoas, seja visto como um sonho possível de “crescimento” econômico.

Ainda que o município tenha tido uma incipiente lavra caulínica anterior a CAULISA, o conhecimento sobre esse mineral era, praticamente, zero, conforme informado anteriormente, e o próprio Antonio, ao ser questionado se conhecia algo a respeito do caulim, respondeu que “[...] não, na época ninguém conhecia...”²⁶¹.

Nesse sentido, perguntamos ao senhor Antonio se tinha algum sonho quando resolveu ir para o garimpo. Ele respondeu que tinha o sonho de reformar a casa. Cremos que o entrevistado quis dizer, ao invés de reformar a casa, construir uma casa, misturando a “realidade” vivida com as representações do passado, já que, mais adiante, se contradiz, afirmando que “[...] era uma oportunidade de trabalhar e arrumar a feira, a gente não tinha estudo pra subir no emprego, ninguém tinha estudo, era quase todos, como se diz, o pessoal só sabia mal assinar o nome...” (sic). Essa resposta parece mais plausível, tendo em vista que, quando entrou para o trabalho no garimpo, Antonio já estava casado e a casa onde ele mora hoje foi erguida com o dinheiro recebido na empresa de caulim.

Portanto, podemos afirmar que, embora não fosse o seu sonho declarado – pelo menos nessa entrevista –, é o sonho da grande maioria dos trabalhadores assalariados e gestores de família: construir sua casa e poder dar o sustento e a sobrevivência às pessoas sob sua responsabilidade.

Diante do exposto, observamos que o senhor Antonio conseguiu concretizar seu objetivo, ainda que não tivesse a mínima ideia do que iria fazer em Junco do Seridó quando chegou em 1964. Ele ergueu colunas materiais e pessoais, construiu sua casa e constituiu família, fabricou histórias na cidade e no caulim e foi costurado pelas “[...] geografias cotidianas que marcam e demarcam os sujeitos, suas emoções e os seus percursos...”²⁶².

²⁶⁰ PÉCORA, Patrícia Maria Palladino. Sonhos possíveis. In: BORGES; PERARO. Op. cit, p. 301.

²⁶¹ OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁶² BURITI, 2011, p. 49.

Outro garimpeiro contemporâneo de Antonio, apesar de ser bem mais novo, é o senhor Francisco das Chagas Carlos. Nasceu agricultor, tornou-se garimpeiro, subindo as serras, adentrando as matas, plantou e extraiu histórias em Junco do Seridó. Quando criança, ajudava seu pai na roça, na lida da agricultura, sentindo, desde cedo, as dificuldades de se trabalhar o plantio e a colheita em uma região quase sem chuvas. Lembrando-se da sua infância e adolescência, o senhor Francisco²⁶³ disse:

[...] quando comecei (a trabalhar) em roça, com 12 anos, trabalhei dos 12 até os 14 anos na casa de Osvaldo Balduino. O rojão da gente era carregar mandioca, no final do ano eram seis meses em casa de farinha, era eu e os filhos dele, eles trabalhavam até meio-dia, depois de meio-dia eles tinham condição, aí eles iam estudar em Santa Luzia... (sic)

Francisco, na fala acima, recorda da década de 1970, quando, ao amanhecer do dia, o sol “nascendo” por trás das serras e o vento frio no rosto, ele saía de casa para o roçado e nesse permanecia até o entardecer carregando mandioca para a casa de farinha.

Suas lembranças desse período são marcadas, de um lado, pelo corpo, fustigado pelo cansaço e pelo peso transportado durante a jornada de trabalho. De outro lado, pelo ar puro da manhã e o seco da tarde, na garganta seca de sede e o clima seco do semiárido nordestino. É um corpo de adulto operando nas sensibilidades de menino-trabalhador que, à noite, quando muitas crianças estão em casa descansando, sai para brincar e extravasar sua “fúria” infantil.

No momento da entrevista, percebemos certa melancolia transparecida no olhar desse trabalhador por não ter podido estudar e, também, porque, na escola, estaria longe do labor rude e penoso que enfrentava diariamente. É bem provável que, em seu íntimo, ele dissesse: “Ah! Se eu tivesse estudado”. Por quê? Porque, atualmente, esses seus companheiros de trabalho e de brincadeiras que estudaram, os filhos do patrão, tornaram-se engenheiros e médicos e o senhor Francisco continuava na luta do dia adia pela sobrevivência: ora no garimpo, ora na agricultura.

Não podemos conjecturar se ele teria uma vida melhor do que a sua atualmente, porém, é inegável que o ingresso em uma educação formal, aos olhos de quem não teve, é um trampolim para o acesso aos bens materiais. Talvez, por isso, quando estava com 14 anos, aproximadamente, “[...] com pouca escolaridade e muita percepção sobre o que é sobreviver...”²⁶⁴, apesar da idade, o senhor Francisco tenha procurado o garimpo de caulim, pois, “[...] é assim, tu sabes, quando a pessoa entra pra trabalhar em garimpo, tem aquela

²⁶³ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁶⁴ MARTINS; BURITI; CHAGAS, 2007, p. 25.

ilusão: ‘não o garimpo é bom, porque, de uma hora pra outra o *caba* pode está assim enganado e Deus ajuda e o *caba* ganha três, quatro feiras ligeirinho...’²⁶⁵ (sic).

Nas entrelinhas de trechos da narrativa de Antonio, vemos que ele adentrou na extração do caulim com o sonho de construir uma casa e de proporcionar bens materiais a sua família. Já o senhor Francisco tinha a ilusão de encontrar alguma pedra preciosa ou aquele veio de caulim bom, porque “[...] o garimpeiro sempre crê que alguma sina, boa ou má, o acompanha na labuta de todo dia – havendo uma alternância entre o *bamburro* [...] e o blefe, e a vida constituindo-se, dessa forma, numa espécie de *roda da fortuna*...”²⁶⁶.

Procurando outras formas de (sobre)viver no sertão e com o sonho de melhorar de vida, Francisco se destina ao trabalho com o caulim, porque, apesar das dificuldades, “[...] é uma melhora do que na agricultura...”²⁶⁷. No entanto, como a maioria das pessoas que resolveram ir para as banquetas, ele, também, não conhecia muito desse mineral, não sabia que o caulim tinha pouco valor de mercado nesse período, e como aqueles garimpeiros, ele subjetivou o caulim como uma ponte na qual “[...] através dele pega outro tipo de minério...”²⁶⁸.

Francisco permaneceu com essa visão por alguns anos até as primeiras mortes, momento em que ele sai e vai para outros espaços em busca de trabalho. A maioria desses lugares praticados estava ligada ao garimpo, contudo, era em cima da terra, já que, nas banquetas, “[...] debaixo do chão, tá arriscado a muita coisa, né? Arrisca a viver, arrisca a morrer, arrisca a tudo...”²⁶⁹.

Das décadas de 1970/1980, damos um salto temporal para os anos 1990/2000 – ressaltamos que não é por uma cronologia linear. Nesse período, vamos encontrar Josinaldo, com quinze anos de idade, indo com a picareta nas costas mais o seu companheiro de serviço levando a pá, rumo às banquetas de carretel para extrair caulim. Filho do meio de uma prole com mais seis irmãos, o pai – agricultor e garimpeiro –, não tinha condições financeiras de prover a casa e as despesas de um adolescente que, nessa idade,

[...] já começa a querer um dinheirinho pra *bodetar* e ajudar a mãe em casa... O que eu ganhava era pra casa, aí, assim, mãe passou muita dificuldade na vida dela, precisava de um dinheirinho, precisava de um dinheiro pra comprar um pão pra gente, uma bolacha, aí ela trocava por feijão. Feijão era uma fartura, a gente tinha

²⁶⁵ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa. *Grifos nossos*.

²⁶⁶ GUIMARÃES NETO, 2006, p. 141. *Grifos da autora*.

²⁶⁷ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁶⁸ Idem.

²⁶⁹ Idem.

roçado, aí ela fazia o seguinte “meu filho, vá trocar esse feijão lá em Josimar (dono da mercearia) ou vender a ele, trocar por pão lá pra vocês...”²⁷⁰ (sic)

No trecho acima, o entrevistado constrói uma imagem de si como indivíduo trabalhador, bom filho e auxiliar nas despesas do lar, reproduzindo, assim, traços do estereótipo de homem fabricado a partir dos anos de 1940 e 1950. De acordo com Izilda Matos, trata-se de um período em que “[...] ser homem significava ser honesto, trabalhador e provedor...”²⁷¹, representação de masculinidade, ainda, presente no imaginário, de boa parte, da sociedade atual.

Dessa forma, para ajudar nas despesas de casa e para satisfazer as suas necessidades pessoais de adolescente, Josinaldo entrou no ramo da garimpagem, indo, primeiramente, para a extração de “rolada”²⁷², da qual ele gostava porque era em cima da terra, acompanhando o período da década de 1990, quando esse minério teve uma grande valorização no mercado.

Depois de decair o seu preço, a busca pelo “minério preto” cessou e o caulim retomou sua valorização financeira. Então, o garimpeiro referido se destinou para a extração desse mineral, porque “[...] no caulim, a gente ganhava mais um pouquinho que na ‘rolada’, aí, depois que eu entre no caulim mesmo, num deixei mais não...”²⁷³ (sic).

Os sonhos desse jovem, quando entrou para o trabalho no minério, talvez não fossem sonhos, mas a necessidade “real” de uma vida melhor, um desejo de poder comprar uma bicicleta, por exemplo, como ele mesmo atesta ao dizer que, “[...] primeiramente, o sonho que eu tinha era comprar uma bicicleta...”²⁷⁴. Um sonho simples, sem grandes ambições, para alguns, até banal, porém, para alguém que, desde pequeno, sempre trabalhou, tanto que recebeu o apelido de “burrinho”, essa aspiração apresentava-se como algo inacessível.

Olhando sua vida hoje, com sua casa própria, uma vendinha (de balas, bombons e biscoitos recheados, etc.), duas motos, um guincho mecânico²⁷⁵ – utilizado na extração do caulim –, esposa e filhos sustentados no e pelo caulim, é bem provável que Josinaldo não imaginasse essa “realidade”. Segundo ele, quando começou nas banquetas de carretel,

²⁷⁰ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁷¹ MATOS, M. I. S. *Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade*, 2001, p. 51.

²⁷² É como os garimpeiros da região denominam a Columbita. Ela também é conhecida, por esses garimpeiros, como minério preto, chapa, mangânio. É chamada de rolada, porque ele rola para cima da terra, segundo Josinaldo. HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa..

²⁷³ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁷⁴ Idem.

²⁷⁵ No capítulo III detalharemos melhor essa atividade.

[...] sonhava, sonhava muito, às vezes passava até a semana procurando, acredita, o veeiro, a gente perdia até buraco procurando, porque o veeiro era mais caro um pouco. Eu, na época, trabalhava mais Luciano, nós passávamos, às vezes, a semana num buraco e chegava embaixo e desistia, acredita, e tinha muitos cantos que nós trabalhávamos, trabalhávamos e chegava ao ponto que estava devendo demais, aí dizia “vamos parar, que num aguenta mais não, vamos procurar outro canto”, mas que sonho do veeiro, de achar um minério sempre teve...²⁷⁶ (sic)

Essa fantasia do jovem Josinaldo de encontrar aquele filão de veeiro²⁷⁷ ou uma pedra preciosa incrustada nele era o seu alimento para enfrentar a jornada diária de um trabalho cansativo, visto que o sonho “[...] alimenta a vida...” e “[...] promove a saúde física e mental...”²⁷⁸. Por outro lado, talvez esse desejo de entrar no caulim fosse a continuação da brincadeira de infância, quando a criança Josinaldo²⁷⁹, juntamente com seus irmãos,

[...] costumava pegar uns baldinhos de tinta, costumava botar uma corda, é por isso que o povo diz: “os filhos sempre se inspiram nos pais também”, aí, “vamos fazer um buraco, vamos trabalhar”. Aí, botava a corda no pau e fazia uma barroquinha no chão, aí, um ficava na barroca, botava o balde dentro da barroca, enchia de terra pra puxar e jogava fora, pra dizer que era uma banqueta... (sic)

Muitas crianças procuram recriar no seu imaginário de brincadeiras atividades vivenciadas pelos pais. Nesse universo, elas, as crianças, mantêm um diálogo entre o mundo infantil e o adulto, no qual “[...] encontra-se também nesses registros uma preocupação em direcionar a imaginação infantil, pretendendo-se controlá-la para um mundo que o adulto vê como necessário e útil...”²⁸⁰.

Na sua entrevista, Josinaldo procurou reconhecer-se como alguém que sempre gostou do trabalho desde menino no Bairro Santo Antonio²⁸¹, um discurso de “verdade” sobre si mesmo, uma subjetividade “[...] enquanto prática de assujeitamento, referente ao movimento que se forma nas relações do sujeito consigo mesmo, em distintos tempos históricos...”²⁸² (sic).

E, em distintos momentos de sua vida – infância, adolescência e adulto –, expressos na sua narrativa, ele buscou valorizar essa identidade estereotipada do homem (trabalhador,

²⁷⁶ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁷⁷ Caulim de veeiro. O mais caro e mais raro hoje em dia.

²⁷⁸ BORGES; PERARO. Op. cit., 2006, p. 9.

²⁷⁹ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁸⁰ GUIMARÃES NETO, 2006, p. 106.

²⁸¹ Ele refere-se a esse bairro, na sua fala, como “Coréia”. Sobre esse bairro, veja o capítulo I.

²⁸² SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar Y. *Uma história política da subjetividade em Michel Foucault*, 2008, p. 577. Disponível em: <www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/fractal/article/view/104/165>. Acesso em: 28 dez. 2011.

honesto, digno, bom pai e bom filho), já referido anteriormente. Para ele, o trabalho “[...] ocupa uma função fundamental na vida do sujeito, já que é através dele que se pode sentir-se reconhecido socialmente...”²⁸³.

Como uma forma de reforçar a sua vida de trabalhador desde tenra idade, de alguém que nunca fugiu do trabalho, nem nas brincadeiras mais ingênuas, Josinaldo relatou gostar

[...] muito de carregar lenha, todo dia nós íamos buscar lenha, todo dia, aí, botaram o apelido de “burro de carga”. Eu era um pouquinho entroncado. Naquela época mãe não cozinhava em bujão e, aí, queimava lenha com força e todo dia eu ia atrás de lenha, aí, botaram o apelido de “burro de carga”. Pronto, foram chamando, chamando de “burrinho, burrinho...”, aí, ficou...²⁸⁴ (sic)

Podemos ler, no trecho acima, que a imaginação da brincadeira de criança se concretizou no adolescente Josinaldo e continuou no adulto e pai de família. O sonho da bicicleta foi transformado no filão de veeiro que, por sua vez, deu passagem para o guincho, facilitando o seu trabalho e melhorando a sua vida e a de seus familiares. Desse modo, suas realizações deram margem a novos desejos que podem, ou não, ser concretizados, caso ele continue no caulim...

Malgrado tenha sido disciplinado a trabalhar desde criança – roçado, lenha –; na adolescência – minério preto –; mudando-se, pouco tempo depois, para o caulim – atividade que permanece até hoje –; Josinaldo, casado, pai de dois meninos e uma menina, tem convicção de que seu trabalho é perigoso, tanto que não quer os filhos nessa mesma atividade.

Segundo o colaborador, quando seu pai estava doente, bem perto de falecer, ficava muito preocupado quando escutava falar em um acidente nas banquetas. Essa mesma preocupação talvez será sentida por Josinaldo, porém, provavelmente, será bem maior que a de seu pai, dado que fica pensando no momento em “[...] ficar velho e ver meus filhos trabalhando também no mesmo serviço que eu já trabalhei e sei que é perigoso...”²⁸⁵ (sic).

É a audição trazendo lembranças e projetando imagens – ouvir falar de um acidente e ficar imaginando o filho dentro da banquetta são movimentos de produção de espaço e paisagens provocados pelo som, pela voz, pela notícia que chega através desse órgão do sentido e estimula os demais a trabalharem.

A notícia do desabamento – mesmo que não tenha sido com ele –, traz a visão dos destroços em cima daquele corpo, todo machucado, com o cheiro do caulim misturado ao do

²⁸³ MARTINS; BURITI; CHAGAS, 2007, p. 31.

²⁸⁴ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁸⁵ Idem.

suor e do sangue, a sensação de medo e tristeza acelerando os batimentos cardíacos e aumentando o ofegar da respiração, o gosto amargo da saudade e salgado das lágrimas, são sensações que podem ocorrer (ocorrem e ocorreram, algumas vezes), a partir das imagens provocadas pelo som da voz de um “mensageiro” incauto, amedrontado e abalado com o acidente.

Um pouco mais novo do que Josinaldo, José Fábio²⁸⁶ entrou para o trabalho em banquetas de caulim. Esse juncoense viu sua infância ser encurtada pela necessidade da sobrevivência, tanto a sua quanto a dos seus familiares.

Sendo filho mais velho, de um total de seis irmãos – cinco homens e uma mulher –, seu pai não tinha condições de manter, sozinho, a casa e, logo depois, este, vindo a descobrir que estava com silicose²⁸⁷, disse aos filhos “[...] agora vocês se virem, que eu num tenho condições mais, [...], vão trabalhar e façam a vida de vocês aí, botem o comer dentro de casa e o que sobrar é de vocês, eu num quero mais nada...”²⁸⁸.

O ser humano traduz a razão e o aprendizado, muitas vezes, por gestos sutis e palavras sensíveis. A sensibilidade opera com a racionalidade, assim como, dos discursos de histórias sofridas podem emergir (ou não) novos relatos de pessoas que tecem “[...] o seu destino e nos apresentam (sic) outras formas de inclusão, pela mão do trabalho...”²⁸⁹.

Pelo acontecimento de seu pai não poder mais trabalhar, Fábio teve que trabalhar e costurar o seu destino com o cheiro e o gosto da castanha – seu primeiro labor –, dos palavrões ditos e ensinados a ele dentro das banquetas, das dores no corpo franzino de criança em mutação devido ao peso da carroça²⁹⁰ cheia de caulim, pelo barulho do estômago vazio na hora do almoço, pelo choro quando de um corte e da gargalhada do irmão diante o teatro provocado pelos gritos daquele.

Então, a curiosidade de criança, quando ia visitar o pai nas minas de Seridozinho²⁹¹, município de Juazeirinho, com quatro ou cinco anos de idade, quando um trabalhador o

²⁸⁶ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁸⁷ Segundo NÓBREGA, 2008, apud CUNHA, 2010, p. 9, trata-se de “[...] uma doença pulmonar causada pela inalação de poeiras com sílica-livre e sua conseqüente reação tecidual de caráter fibrogênica...”. SHIBATA, no ano de 1981, em artigo feito a partir de um estudo com trabalhadores da indústria de cerâmica do interior paulista, constatou que a silicose “[...] é uma doença profissional progressiva, que leva a uma fibrose pulmonar cada vez maior e para a qual nenhum tratamento curativo existe, o único recurso para evitá-la é a prevenção...” Apud CUNHA, 2010, p. 9.

²⁸⁸ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁸⁹ MARTINS; BURITI; CHAGAS, op. cit., 2007, p. 36.

²⁹⁰ Também conhecida como carrinho-de-mão.

²⁹¹ Embora não nos embasemos em dados estatísticos, é grande o número de pessoas, na região de Juazeirinho, que trabalharam nos garimpos desse lugar e adquiriram doenças incuráveis, especialmente, a silicose.

desceu num tambor de borracha dentro de uma banqueta de minério preto e onde, provavelmente, seu pai adquiriu a doença que prejudicou sua saúde. José Fábio encontrou a “realidade” de deixar logo cedo a infância, ou parte dela, de lado para adentrar, juntamente com os irmãos, na garimpagem do caulim e no ventre da terra. Como seu pai teve de largar tudo e se tratar, “[...] a gente ficou tomando conta de casa, eu, Fabiano e os outros pequenos, eram pequenos, mas tinha que ajudar a gente, foram os cinco de dentro de casa tudo trabalhar, 8, 10 anos, 12, num tinha acordo não, tinha que ajudar, num ia passar necessidade...”²⁹² (sic).

Segundo Pesavento²⁹³, estudar as sensibilidades é voltar-se para o indivíduo, entendido como “[...] um ser ligado à sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si...”²⁹⁴. Mas, também, pelas maneiras de exteriorizar ou mascarar os sentimentos.

Com base no relato de Fábio, acima, podemos inferir que o jovem garimpeiro entrou no minério por uma necessidade – apesar de não ter revelado isso diretamente –, sem grandes sonhos, a não ser, talvez, o de manter a sobrevivência da família, pois o pai, que era para ser o provedor do lar, segundo o modelo “tradicional” de família – vale salientar, ainda, presente na sociedade – não podia mais trabalhar.

Embora chamarmos os acontecimentos vividos por esse colaborador durante a sua infância de sonhos, soe como um sarcasmo. O conhecimento de si, da sua situação familiar, delineou a ida para o caulim, posto que, essa atitude não foi uma escolha própria e sim uma imposição das circunstâncias de sua vida naquele momento histórico, como o próprio José Fábio²⁹⁵ disse: “[...] não é (foi) escolha não, o *caba* vai, começa e pega o gosto...”, ou não.

No seu caso, foi uma obrigação da qual ele gostou e, em grande medida, por isso, permitiu, com o tempo, vislumbrar dias melhores, contando com a ajuda de amigos, principalmente, de seu tio “Neném de Estácio”, ao qual se refere, nas entrelinhas, como uma figura de grande importância na sua história. Podemos dizer que, a partir desse momento, o entrevistado começa a sonhar em um horizonte mais claro e límpido para ele. Um sonho individual, subjetivo, que abraça outros sujeitos, uma sensibilidade partilhada.

Eram desejos sem grandes ambições ou projetos, eram simples, palpáveis, limitados pelos condicionantes históricos, sociais, culturais e econômicos em que vive. À vista disso, ao fazer uma leitura de si, Fábio relatou: “[...] quando eu comecei a trabalhar, já tinha esse intuito

²⁹² MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁹³ PESAVENTO; LANGUE (Orgs.), op. cit., 2007, p. 21.

²⁹⁴ VEYNE, 1997, p. 09 apud SOLER, op. cit., 2008, p. 575.

²⁹⁵ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

de trabalhar pra mim e não pros outros, a gente trabalha pros outros porque fornece o caulim, mas, graças a Deus, o que vier agora é lucro...”²⁹⁶ (sic).

Trabalhar por conta própria, com liberdade de ir e vir na hora que escolher, liberdade tanto no sentido de ser uma prática inventiva, de criar e buscar seus próprios recursos, quanto “[...] de enfrentamento aos modos de sujeição pelos quais se é interpelado...”²⁹⁷, no caso em questão, de fabricar o seu próprio tempo de labor, e esse talvez seja o sonho de boa parte dos trabalhadores na economia mundial.

Nesse contexto, temos, de um lado, a liberdade dentro do caulim, com uma maior produção proporcionada pelo guincho; de outro lado, o aumento nos desejos dos garimpeiros das banquetas, os quais, em sua maioria, a exemplo de Fábio diz que seu sonho “[...] é chegar a ter um decantamento pra evoluir mais...”²⁹⁸.

Portanto, lemos, nas entrevistas dos garimpeiros do caulim, que eles adentraram nesse universo das banquetas por uma questão de sobrevivência, ou seja, a necessidade de manter ou ajudar a família veio em primeiro lugar. Todavia, sonhos de uma vida melhor perpassaram essa necessidade de existir e resistir, seja diante das intempéries, seja das alegrias, tangenciados pelo saber ou produtor deste, eles tomaram corpo e superaram-no.

Contudo, os pesadelos, também, os acompanharam – e os acompanham – nessa caminhada, por vários motivos: pela frustração de não ter conseguido o objetivo almejado, pela morte ou acidente de um ente querido, ou doença com familiares tenha sido a causa da ida para o caulim.

2.4.2. Pesadelos e desilusões

Assim como o sol nasce no oriente e se põe no ocidente, saindo da luz para a escuridão, sonhos e pesadelos andam juntos na lavra caulínica. Dessa forma, os desejos do senhor Antonio de ter a feira da família e de construir sua casa foram, bem ou mal, concretizados, tanto que, hoje, ele não tem nenhum arrependimento da escolha que fez.

²⁹⁶ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

²⁹⁷ SOLER, op. cit., 2008, p. 580.

²⁹⁸ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

Entretanto, sonhos e pesadelos andam, praticamente, juntos, no transcorrer da história. Sem entrarmos numa relação de causa e efeito – Foucault já criticara isso na História – mas, por exemplo, os desejos produzidos, nas ciências exatas, pelas descobertas de Einstein não levaram a humanidade ao pesadelo da bomba atômica? O sonho de ver o homem voando, aspirado por Santos Dumont, não se tornou um pesadelo para este quando viu sua criação ser utilizada para a destruição do próprio homem?

No momento de sua construção, essas aspirações humanas foram vistas com entusiasmo, porém, quando o próprio ser humano a utiliza contra ele mesmo, surge-nos, muitas vezes, a pergunta: por que fazê-la?

Olhando a extração do caulim de hoje, podemos fazer essa mesma pergunta. Todavia, entrando no contexto vivido em Junco do Seridó na década de 1970 – cidade muito pobre, no semiárido nordestino, com poucas alternativas de emprego –, pudemos deduzir das falas dos entrevistados Antonio e Francisco que as pessoas que buscaram a extração do caulim viam-na com um sentimento de alegria e contentamento por terem outras formas de sobrevivência.

Entretanto, por desconhecer a sua forma de extração, observamos que eles, os entrevistados, não imaginavam morrerem soterrados, como “realmente” ocorreu com alguns garimpeiros “companheiros” deles. Por isso, passados quarenta anos do começo dessa prospecção, Antonio revela que “[...] não entrava no ramo mais não, (pois) trabalhei muito debaixo do chão, cavando muitas coisas, mas hoje, eu num as sujeitava mais não...”²⁹⁹ (sic).

Deduzimos, dessa última frase, a visão atual sobre o trabalho em banquetas de caulim, composta tanto de retalhos de suas memórias quanto de extratos de suas histórias, visto que é comum os entrevistados unirem experiências vividas no passado com a compreensão da vida e do mundo deles no presente. Como afirma Sandra J. Pesavento³⁰⁰:

O indivíduo que rememora amadureceu durante esse intervalo, ele re-elabora o que viveu a partir do tempo transcorrido, no qual absorveu as decorrências da situação outrora experimentada. Aquele que lembra não é mais o que viveu. No seu relato já há reflexão, julgamento, ressignificação do fato rememorado...

Sendo assim, a fala de Antonio coaduna-se com o discurso da lavra do caulim hoje, um discurso quase homogêneo do perigo e da morte iminente que esses trabalhadores

²⁹⁹ OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁰⁰ PESAVENTO, 2005, p. 95.

focalizados enfrentam todos os dias: “[...] é um serviço arriscado, a pessoa tá cavando debaixo do chão vendo na hora puf! Cobrir tudo e o *caba* se acabar debaixo do chão...”³⁰¹.

Então, os sonhos de uma vida melhor nas banquetas de caulim podem tornar-se pesadelos tão rápidos quanto o desmoronamento de uma barreira, pois, como disse Antonio acima, é muito arriscado por estar cavando debaixo da terra, no seu subsolo, e de repente “[...] cobrir tudo e o *caba* se acabar debaixo do chão...”³⁰².

Foi esse “puf!” que levou a vida do seu irmão, Luiz, talvez o único pesadelo encontrado no caulim e não esquecido até hoje – pelo menos o lembrado na entrevista –, pois, se a memória é seletiva, o seu oposto, o esquecimento, também o é.

A morte do senhor Luiz foi o primeiro óbito registrado no Cartório local – de 1970 a 2011 –, em consequência do arreamento de barreira no caulim. Esse acontecimento repercutiu nas sensibilidades e subjetividades de todos os garimpeiros contemporâneos dele, fazendo-os despertarem, já na época, para a periculosidade do seu trabalho.

Como ocorreu, por exemplo, com Francisco Carlos. Depois das mortes de Luiz e de Sebastião – outro garimpeiro morto no mesmo ano que aquele, 1977 –, o entrevistado, procurando trilhar novos caminhos, mas dentro do garimpo, saiu das banquetas e buscou outros serviços em busca do ouro na região de Pernambuco e Serra Pelada.

Hoje, já se passaram quase quarenta anos de atividade no garimpo, mas não conseguiu encontrar uma pedra preciosa que o enricasse ou “[...] ter uma gangorrinha de decantamento...”³⁰³. É uma frustração transformada em arrependimento, além do mais, viu seus dois filhos adentrarem nesse ramo, sem muita perspectiva de futuro, um sonho indesejável para ele que, se pudesse, o apagaria.

Josinaldo é o que tem menos pesadelos ou angústias no caulim, dentre os quatro garimpeiros entrevistados. Apesar de o início de seu labor, nessa atividade, ter sido extremamente difícil, com as ilusões de encontrar o filão de caulim de veeiro, podemos dizer que o tão almejado sonho por melhores condições de vida para ele e sua família foi alcançado, pelo menos, até a presente data desta escrita.

Tendo em vista que, atualmente, Josinaldo possui bens materiais de certo valor, como dito anteriormente, ele não sofreu com grandes desilusões ou sonhos aflitivos, por exemplo:

³⁰¹ PESAVENTO, 2005, p. 95.

³⁰² OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁰³ CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

não teve irmão nem outro ente querido morto ou acidentando no caulim e não sofreu acidentes graves, apenas cortes comuns à profissão.

Portanto, podemos inferir que o passado e o presente de Josinaldo no caulim foram duros, posto que a atividade é difícil, perigosa e penosa, todavia, ele conseguiu mais vitórias do que derrotas. Nesse sentido, procurava construir uma imagem positiva do seu trabalho e, por conseguinte, de si mesmo, logo, afirmava que se sente “bem em está ali...”³⁰⁴ (sic) na banquetta, em um espaço que provoca um esquadrinhamento desse sujeito histórico, pois, está submetido a uma disciplina e a uma vigilância³⁰⁵ diária no seu lugar de trabalho – mesmo sem perceber.

Acontecimentos traumáticos e doloridos são mais visíveis para quem lembra, como pudemos observar anteriormente. No caso de José Fábio não é diferente. À semelhança dos seus “companheiros” de trabalho, sua narrativa oral segue pelos caminhos da sobrevivência e por melhorias de vida. Ao mesmo tempo, essa narrativa situa-o no caulim devido a uma angústia, um pesadelo: a doença do seu pai, a qual o impossibilitou de trabalhar, levando Fábio e seus irmãos, ainda crianças, a se tornarem, de certa forma, adultos e a procurarem maneiras de se sustentarem e ao resto da família.

Dessa forma, a descoberta da silicose no seu pai – doença incurável – foi um acontecimento que marcou sua história de vida, assim como as dificuldades encontradas, quando criança, dentro das banquetas de caulim – sem forças para transportar o material, o desassossego em ir para o trabalho pensando como estava seu genitor em casa, enfim... “realidades” que encurtaram a sua infância, como ele mesmo disse acima, também, deixaram marcas nas suas memórias.

Então, as paisagens da doença e das dificuldades ensejaram, no entrevistado, sentimentos de insegurança de que, a qualquer instante, o seu pai pudesse se “encontrar” com a morte e, com isso, a sua célula familiar despedaçasse.

Porém, diante desses “acidentes” no percurso da vida, o ser humano tende a mudar e a crescer – isso não quer dizer que ocorra sempre. Nesse caso, buscando enfrentar, e ultrapassar, os obstáculos apresentados no seu dia a dia, Fábio e seus irmãos souberam lutar e adquirir suas benesses, como casa própria, carro, caminhão caçamba e moto. Embora, a maioria dos garimpeiros não tenha conseguido conquistar o que ele e seus irmãos adquiriram

³⁰⁴ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁰⁵ Cf. Capítulo III.

– assim como Josinaldo e alguns outros também conseguiram –, devido ao caulim que, “[...] num dá pra enricar dentro de banqueteta, mas passar fome e necessidade num passa não...”³⁰⁶.

Nesse sentido, José Fábio construiu imagens de si como sujeito trabalhador que venceu na vida, apesar das dificuldades, e, para os demais que não conseguiram o mesmo, a representação do garimpeiro que não se prende a nada e gasta tudo o que ganhou no garimpo, um aventureiro.

Destarte, a partir das sensibilidades presentes nesses sujeitos históricos, buscaremos representar, nas linhas seguintes, o espaço das banquetetas como posicional, uma cartografia sensível fabricada no momento em que a mineração do caulim se (re)apresenta com destaque no setor econômico, alterando a cartografia social dos que dependem dessa atividade. Portanto, nessa paisagem austera, as sensibilidades são relevantes para se conhecer a poética dos sentidos que envolvem os garimpeiros em seu cotidiano na lavra do caulim, suas singularidades, seus gestos, suas atitudes visíveis e sensíveis e, como o gato, sempre em “vigília” nesse espaço de vida e de morte.

³⁰⁶ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

Capítulo III

ESPAÇOS DE FRONTEIRAS³⁰⁷: ENTRE A “RAZÃO” E A SENSIBILIDADE – SUBJETIVIDADES E EMOÇÕES CONSUMIDAS³⁰⁸ NAS BANQUETAS

Falar sobre sensibilidades é adentrar em um universo construído tanto pelo *studium*³⁰⁹, o conhecimento intelectualizado e científico, quanto pelo *punctum*³¹⁰, a “animalidade” e a “irracionalidade”. Porém, como quantificar o gosto, o prazer, o medo e a insegurança sentidos pelos garimpeiros do caulim em sua atividade?

Neste capítulo, procuramos representar as sensibilidades desses sujeitos históricos no seu trabalho de extração de caulim nas banquetas, em Junco do Seridó. Tendo por base as entrevistas concedidas pelos que atuam, pelos que já atuaram e os seus familiares, juntamente com as observações feitas *in loco*, buscamos dar visibilidades e dizibilidades às subjetividades construídas pelos sentidos nesse espaço emocionalmente ambíguo.

“Real”. Produção histórica e particular do ser humano no mundo. “Real”. Não é um dado fixo, não possui uma origem, mas parte das representações. É uma fabricação social, histórica, linguística, fruto dos nossos desejos, das nossas sensibilidades.

As narrativas orais são perspectivas sobre esse “real”, são representações, são verossímeis, como o é a memória voluntária, as lembranças³¹¹, posto que elas são uma recomposição do passado feita no presente. Sendo assim, buscam representar ou se desviar do “real”, devendo ser entendidas como uma construção de sentidos a partir da análise das práticas de (res)significação do mundo.

Enquanto construção de sentidos, as representações podem tanto coligir quanto colidir na fabricação da narrativa histórica. Dessa forma, as falas dos garimpeiros entrevistados coligiram quanto ao horário de chegada e vestuário, à temperatura e à alimentação, ao instinto

³⁰⁷ Está com o sentido de limite, de margem, da linha divisória entre dois objetos.

³⁰⁸ O conceito de consumo segue o pensamento de Iranilson B. de Oliveira, para quem “[...] o conceito de consumo não é territorializado apenas pela sua estrita definição econômica, mas como consumo de imagens, de sons, ritmos e de valores que emergiam nesse contexto histórico...” OLIVEIRA, 2007, p. 59.

³⁰⁹ “[...] O *studium* pertence ao campo do saber e da cultura, reenvia ao conjunto de informações e de referências que constitui nossa bagagem de conhecimento adquirido sobre o mundo e que nos permite buscar as razões e as intenções das práticas sociais e das representações construídas sobre a realidade. O *studium* é dedutivo e explicativo da realidade...” PESAVENTO, 2007, p. 13.

³¹⁰ “[...] o *punctum* incide sobre as emoções, sobre aquilo que nos toca na relação sensível do eu com o mundo, refere-se ao que emociona, ao que passa pela experiência, pelas sensações. O *punctum* opera como uma ferida, é algo que nos atinge profundamente e frente ao qual não ficamos indiferentes...” PESAVENTO, 2007, p. 13.

³¹¹ Seguimos os traços de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, 2007, p. 202 sobre a “memória voluntária” enquanto “lembrança”.

de sobrevivência, perigo e ao medo, e colidiram com relação aos sentimentos que um e outro subjetivaram, traziam consigo na sua bagagem histórica, social e afetiva em relação às banquetas.

Nesse sentido, os relatos “compartilham” da mesma concepção: tomá-los como pontos de vista da “realidade” nas banquetas, memórias múltiplas, singularidades que podem sofrer deslocamentos, pois “[...] as memórias individuais não podem ser tomadas como alicerces da consciência individual, mas sim como pontos de interseção de várias séries ou correntes mentais aproximadas pelas relações sociais...”³¹².

Isso acontece porque aquele que rememora incorpora não só as suas lembranças, mas as significa e dá novos significados, a partir da memória coletiva, ou seja, “[...] a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado...”³¹³.

Portanto, neste capítulo, procuramos discutir o espaço das banquetas como posicional, que nasce das sensibilidades produzidas sobre e nesse espaço pelos seus trabalhadores, situações onde a mineração do caulim impõe-se com destaque no mercado financeiro, alterando a cartografia social dos que dependem dessa atividade.

3.1. “É UM SERVIÇO MUITO PERIGOSO, NÉ? MAS, AQUI PRA GENTE É A SOBREVIVÊNCIA”³¹⁴: AS SENSIBILIDADES GARIMPEIRAS

*Desde que jogamos no teatro da história, ele voa de leste para oeste, alterando e inalterado, terra branca na qual se inscreve, na poeira volante, o próprio conjunto dos planisférios de todas as nossas passagens ou permutas, limitados pela morte e pelo equilíbrio de todos os reembolsos: balanço universal da justiça natural*³¹⁵.

A atividade garimpeira é uma das mais antigas formas de trabalho e exploração da terra que existem no Brasil. Em Junco do Seridó, os primeiros traços de atividade mineradora remontam ao período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando se buscava matérias-primas para serem usadas na indústria bélica, a exemplo da xelita, berilo, tantalita, columbita,

³¹² ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 200.

³¹³ PESAVENTO, 2005, p. 95.

³¹⁴ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³¹⁵ SERRES, Michel. *Atlas*. Tradução João Paz. Lisboa-PO: Instituto Piaget, 1994, p. 33.

etc. Desse período até o início da década de 1970, sua produção era esporádica, cíclica, ora se tinha uma “explosão” dela, ora o quadro não se alterava.

Do final do século passado e, principalmente, na primeira década deste século³¹⁶, ocorreu um *boom* da produção do caulim no município, principalmente, pelos vários usos³¹⁷ encontrados para esse material. No ano de 2005³¹⁸, por exemplo, as reservas desse mineral, medidas em Junco do Seridó, foram de 127.261 toneladas e a da Paraíba de 190.924 toneladas.

A quantidade e o valor do caulim bruto comercializado pelo Estado, nesse mesmo ano, ficaram na ordem de 5.003 toneladas, para uma arrecadação de 125.075 Reais e a do caulim beneficiado de 5.003t e R\$ 350.825, respectivamente, totalizando para a Paraíba R\$ 475.900 (Quatrocentos e Setenta e Cinco Mil e Novecentos Reais) recolhidos.

Esses números representam a produção beneficiada, ou seja, a que passou pelos decantamentos e pagou impostos. Como não houve – e não há – informações de toda a produção comercializada em Junco do Seridó, estima-se que essa atividade movimente, atualmente, aproximadamente, R\$ 1.000.000,00 (Um Milhão de Reais) por ano.

Contudo, essa valorização e arrecadação não são sentidas econômica e socialmente pelos garimpeiros das banquetas, uma vez que, além das despesas inerentes ao garimpo (ferramentas, material de segurança, alimentação, pagamento de outros trabalhadores), eles têm que pagar ao dono da terra para explorá-la, a chamada *conga*³¹⁹, uma porcentagem auferida sobre cada *carrada*, geralmente, dez por cento (10%).

Vejamos, no trecho a seguir, o que disse José Fábio³²⁰, morador de Junco do Seridó, a respeito do lucro obtido com o trabalho. Cabe destacar, antes de expor o referido trecho, que esse garimpeiro começou a trabalhar com, apenas, dez anos de idade, seguindo os passos do pai. Portanto, já faz dezenove anos, aproximadamente, que ele exerce essa atividade, a qual

³¹⁶ Segundo o Anuário Mineral Brasileiro, as reservas brasileiras de caulim são de 708.296.856 ton.. Na última década, houve um acréscimo de cerca de 13,1%. O consumo setorial de caulim no Brasil apresenta as seguintes participações: indústria de papel e celulose (46,7%), indústria cerâmica (33,2%), indústria de tintas e vernizes (8,3%) e outros (11,8%). Dentre esses, destacam-se os produtos farmacêuticos e veterinários, fertilizantes, vidro e borracha. Departamento Nacional de Produção Mineral – *DNPM*, 2009. Disponível em: <<http://www.dnpm.gov.br>>. Acesso em: 1º jul. 2009.

³¹⁷ Os principais usos do caulim são: produção de papel, tintas, cerâmicas, refratários, catalisadores, louças de mesa, peças sanitárias, cimento branco, borrachas, plásticos, adesivos, vidros, cosméticos, medicamentos e pesticidas. Dos citados, a indústria de papel é o maior consumidor desse produto, seguida pela indústria de refratários. Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas – *SBRT*. Disponível em: <<http://www.sbrt.ibict.br>>. Acesso em: 1º jul. 2009.

³¹⁸ ANUÁRIO MINERAL BRASILEIRO 2006 – Parte III – Estatística por Substâncias. Disponível em: <http://www.dnpm.gov.br/assets/galeriaDocumento/AMB2006/I_2006.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2011.

³¹⁹ O pagamento da *conga*, como todo o trabalho no garimpo, é feito de forma informal, sem vínculos.

³²⁰ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa. Nos Capítulos I e II discorreremos mais sobre esse colaborador.

desenvolveu, mesmo cursando, nesse período, o ensino médio. Ele é um dos que consideram seu labor como uma profissão:

a gente tira uma *carrada* com dez toneladas, vende a 120 reais. Sai a 120 reais a tonelada, aí, desses 120 reais da tonelada, vinte para o dono da terra. A gente fica com 100 reais para pagar todas as despesas de uma *carrada* né! Pagar ao trabalhador, tira tudo: cabo de aço, o que você imaginar; aí nós trazemos o caulim pro decantamento nesse valor de 120, aí, eles pagam o frete de 50 reais, de onde a gente tira chega por 170 pra eles, você sabe por quanto eles repassam uma tonelada de caulim decantado? Tem caulim que sai até por 320 (Reais) a tonelada... (sic)

Lê-se, nessas palavras, a dificuldade encontrada pelos garimpeiros, visto que, sendo “clandestinos”, não possuindo nenhum vínculo contratual com os donos de decantamentos, eles arcam com toda a despesa da banqueta de sua produção, mesmo assim, como o próprio José Fábio³²¹ afirmou em outro momento da entrevista, “[...] eu mesmo gosto de trabalhar no caulim...”.

Considerando esse assunto, neste capítulo, objetivamos estudar o espaço da banqueta pelo posicionamento³²², como dito anteriormente. Estudar um espaço pela sua posição significa dizer que ele será visto pelas relações de aproximação e afastamento, pela análise de uma situação que pode ser alterada por processos jurídicos, econômicos, políticos, enfim, pelos espaços heterogêneos e sensíveis³²³.

Portanto, as banquetas de caulim são a sobrevivência daqueles que não têm condições sociais, materiais, educacionais, entre outras, de procurar atividades melhores. Ainda que o trabalho seja difícil e perigoso, o dinheiro é certo, “[...] no caulim, não por ser pesado, mas todo dia o cara fazia aquela quantia, quantia ‘x’, todos os dias, não fazia se não fosse trabalhar, mas se fosse trabalhar todo dia teria aquela quantia ‘x’ ...”³²⁴.

Sendo assim, sonhos de um futuro melhor alternam-se e se misturam com os presságios de medo e de insegurança produzidos na extração do caulim em banquetas...

3.1.1. Banquetas e *banquetões*: O visível e o sensível

³²¹ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³²² “[...] O posicionamento é definido pelas relações de vizinhança, de aproximação, de convivência, de co-extensão, de co-habitação, de conflito, de tensão, de afrontamento, entre diversos pontos ou elementos, formando séries, organogramas, cartografias, redes, reticulados, tramas...” FOUCAULT, 2001 apud ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 71/72.

³²³ Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

³²⁴ SILVA, Alexsandro Galdino da. Junco do Seridó-PB, 26 mar. 2011, 3f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.



Figura 08 – Banquetas
Fonte: Aldo Augusto, 2008.

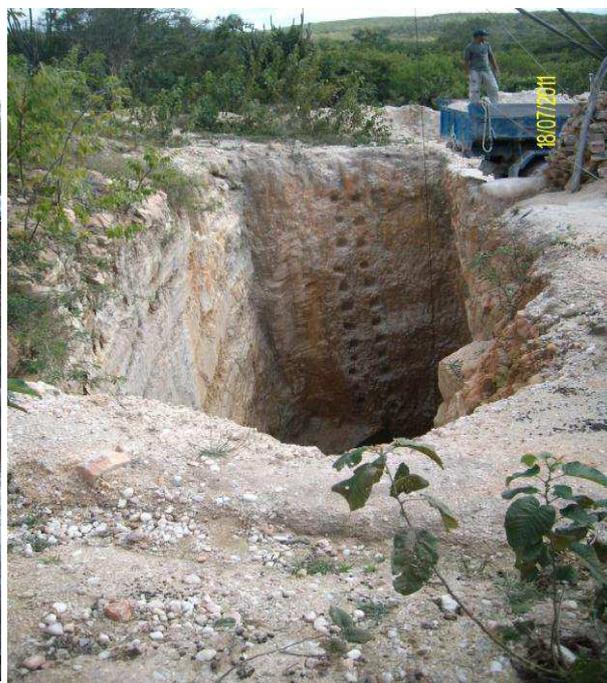


Figura 09 – Banquetões
Fonte: Inairan C. Cunha, 2011.

A fotografia é uma forma de representação do mundo, já que sua função é dar a ver e a ler algo, a partir do olhar de quem a registrou, dos interesses que se queria buscar e transmitir. Então, quais os valores representados por essas fotografias? O que querem passar?

As imagens, expostas nas figuras 08 e 09, são representações de dois modos de lavra caulínica existentes no município de Junco do Seridó: as banquetas (imagem 08) e os *banquetões* (imagem 09), dois binômios para uma mesma atividade, a extração de caulim.

As banquetas são perfurações no solo que podem chegar a dezenas de metros, às vezes, até mais de cem metros. Nessas fotografias, podemos ler que, no local, a vegetação é limpa, devastada, para poder começar a sua escavação que se inicia com picareta, no caso das banquetas, e com máquinas, no caso dos *banquetões*. Contudo, a perfuração com o uso da picareta é a mais comum no município, tanto nas banquetas quanto nos *banquetões*, devido às condições financeiras dos seus trabalhadores.

Conforme relatado por Josinaldo, para se abrir um *banquetão*, por exemplo, o garimpeiro investe, aproximadamente, Vinte Mil Reais, sem ter a certeza do retorno, porque, enquanto não chegar ao *caulinhado*, como eles dizem, não se pode vender e, além do gasto com equipamento, tem de pagar os trabalhadores contratados, informalmente, fazer a feira para o serviço e para casa.

Embora banquetas e *banquetões* sejam sinônimos de lavra do caulim, diferem-se uma da outra. As banquetas são jazidas cavadas manualmente, em geral na vertical, que se expandem no subsolo, sem qualquer tipo de escoramento nas paredes. Quando estão nesse espaço, os trabalhadores acordam de madrugada – em média, quatro e meia da manhã – e acendem velas embaixo, por causa da escuridão. A produção é menor, podendo uma mesma abertura, por sinal pequena, como a fotografia 08 representa, “emborcar túnel”, isto é, conter outra banqueta dentro dela, aumentando os riscos de desabamentos.

Nas banquetas, só é possível essa atividade de “emborcar túnel”, porque os garimpeiros utilizam-se de uma estrutura de madeira chamada, por eles, de carretel e quando o veio atinge a pedra embaixo, a laje, eles costumam escavar horizontalmente até chegar ao limite do caulim. Depois, na busca de mais material, eles adentram novamente, na vertical, no “coração” da terra e, assim, até o limite das suas forças ou do mineral.

Em consequência, não são raros os arreamentos de barreiras nesses espaços, pois não há vigas artificiais de sustentação, com exceção das pilastras do próprio mineral deixadas para servir de apoio para a banqueta não se desmanchar. Sendo assim, qualquer abalo mais forte, chuva ou a retirada dessas pilastras podem derrubá-la e causar o óbito do garimpeiro.

O carretel é a estrutura no centro dos ganchos de madeira com um tambor preto, conforme figura 08. É o mesmo modelo dos encontrados em máquinas de costurar, a diferença é que nestes existem manivelas as quais são utilizadas para subir e descer o tambor de borracha empregado no transporte do caulim de dentro da mina.

Tal estrutura serve, também, para levar o garimpeiro até a base da banqueta – como um rapel improvisado, os *banqueteiros* sentam-se em um pedaço de madeira colocado no lugar do tambor e são “submergidos” dentro da terra, segurando-se na corda do próprio carretel e em uma corda auxiliar, colocada como um suporte, caso ocorra algum desliz. Então, eles descem, apoiando os pés em escadas feitas na própria parede da banqueta, em uma tentativa quase inútil de prevenir os acidentes, conforme pode ser visto na imagem 09.

Em sua parte inferior, as banquetas são como “estufas” naturais. Apesar de o caulim ser um material frio, aliás, muito frio, esses trabalhadores ficam, na maioria das vezes, seminus para poderem resistir a sua quentura abafada. A respiração ofegante de três, quatro, até cinco homens em um espaço sem aberturas laterais, uma fresta principal pequena que eles descem, e a utilização de velas para clarear (devido à escuridão que fica) fazem com que o

oxigênio seja escasso, com isso, “[...] chega o tempo da vela não acender mais porque não tem oxigênio”³²⁵.

Já os *banquetões* são banquetas maiores. Sua entrada é mais larga, visto que, no lugar de se utilizar tambores de borracha, os garimpeiros fazem uso de conchas de ferro, de rompedor³²⁶. A produção é mecanizada, realizada a partir da utilização de guincho no lugar do carretel. Tal tipo de banqueta parece um caixote. Na fotografia 09, o *banquetão* está com, aproximadamente, 4,00m de largura por 15,00m de comprimento e uns 220 palmos de profundidade, na medida desses trabalhadores, o que equivale a, mais ou menos, 50,00m de fundura³²⁷.

Considerando as características desse espaço, a produção desenvolve-se em ritmo frenético, apesar da profundidade, pois o sobe e desce da concha é sem parar. Por causa das medidas acima, o *banquetão* fica cercado pela vegetação nativa e, devido a sua extensão na “boca”, é mais ventilado do que a banqueta de carretel.

Contudo, a atenção é grande e o respeito ao lugar também – os garimpeiros ficam focados no seu serviço, embora, como eles próprios afirmam, “[...] todos conversam, soltam brincadeiras, tiram brincadeiras um com outro [...] e assim passa a hora ligeiro, e fofoca mesmo, ninguém nunca brigou por causa disso não...”³²⁸ (sic), ou seja, depois que se acostumam com o trabalho, ficam mais à vontade para realizar brincadeiras.

Diferente das banquetas, os *banquetões* não possuem aberturas laterais, são diretos na vertical, dado que, com o peso das conchas, é muito arriscado “emborcar túneis”. A vantagem deles em relação às banquetas de carretel é que, por serem mais largos e não possuírem aberturas laterais, os riscos de desabamentos são, levemente, menor que naquelas, além de serem perfurados em locais onde o caulim é mais duro. Todavia, a manutenção do guincho é fundamental, visto que, caso esse equipamento apresente qualquer defeito, pode ser fatal para o garimpeiro.

Destarte, não se pode compreender um processo histórico sem considerar os vários acontecimentos que o compõem. Dentre esses, destacamos o econômico – o dinheiro é outro ponto de diferenciação entre as banquetas e os *banquetões*.

As condições financeiras dos trabalhadores do *banquetão* são um pouco melhores que a dos que trabalham nas banquetas, em virtude disso, os primeiros, por produzirem mais,

³²⁵ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³²⁶ É um martelo de britar.

³²⁷ Medidas observadas no local, em um *banquetão* no “Alto do Chorão”.

³²⁸ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

recebem um “salário” maior se comparado ao “salário” dos segundos. Nesse sentido, o aumento no valor recebido nos *banquetes* repercute na economia doméstica, posto que, ao final do mês, “[...] eu tenho minha feira sossegado...”, relatou Josinaldo³²⁹.

Já nas banquetas, essa situação não se repetia, e não se repete, como afirma o *banqueteiro* referido. Segundo ele, ocorria, às vezes, a situação de voltar a sua casa sem levar o “vil metal” para comprar o “pão de cada dia”, porque não havia produzido – “[...] trabalhava o mês e não achava nada, perdia a banquetta, perdia o trabalho...”³³⁰, perdia a feira e a alimentação da esposa e dos filhos.

Malgrado todos esses problemas existentes no seu trabalho – falta de segurança, não só salarial, mas também, no tocante a acidentes; condições precárias nas banquetas e ausência de qualquer tipo de previdência –, os garimpeiros “profissionais”, aqueles que começaram cedo nessa atividade, possuem uma relação afetuosa com a banquetta, de pertencimento. No entanto, será que o mesmo sentimento é compartilhado por quem foi para esse trabalho em busca de um capital certo?

Analisando as narrativas produzidas por Josinaldo e Alexsandro, vemos que existem uma aproximação e um afastamento entre as falas. Há posicionamentos quanto à memória construída ao longo de anos trabalhando em um mesmo lugar, corroborando para uma familiaridade com o espaço da banquetta como um ente querido, no caso do primeiro relato, e à memória gestada pela sobrevivência material, no segundo relato.

Dessa forma, as banquetas são concebidas como um espaço fronteiro³³¹ de construção dessa sensibilidade, em que a interrupção do seu trabalho, ou seja, a saída dessa atividade, proporciona uma (des)construção histórica e social em relação às banquetas. Por isso, conforme narrado adiante, Josinaldo a subjetiva como algo seu, enquanto Alexsandro não fomenta esse mesmo sentimento de pertença.

“[...] Eu gosto do garimpo, eu gosto de tá lá na banquetta e estando em casa, eu gosto de ficar em casa...”³³². Com essa frase, Josinaldo Carlos Heleno – casado, morador de Junco do Seridó, *banqueteiro*, trinta e cinco anos, dentre os quais, praticamente vinte dedicados à escavação da terra, em busca do caulim, entrando e saindo das banquetas de carretel, subindo

³²⁹ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³³⁰ Idem.

³³¹ “[...] Definidas em um dado momento histórico, sendo, portanto, passíveis de dissolução, desconstrução, sempre que as relações sociais que os engendraram sejam modificadas, que os saberes que os puseram de pé sejam desmontados e que as relações de poder que os sustentaram sofram deslocamentos...” ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 72.

³³² HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

e descendo os *banquetões* – resume o seu sentimento, e o de muitos outros que se consideram garimpeiros de “profissão”, pelas banquetas e pelo garimpo.

É um relato sobre o seu trabalho e a sua vida, dedicada, por muitos anos, ao relacionamento com o garimpo, sendo, portanto, uma experiência marcada por sensibilidades que igualam o seu trabalho a sua casa.

Casa. *Quem casa quer casa*, diz um dito popular. Quer a sua casa, um espaço para chamar de seu, particular, único, individual, onde se considera insubstituível – “[...] Não se trata de um lugar físico, mas de um lugar moral: esfera onde nos realizamos basicamente como seres humanos que têm um corpo físico, e também uma dimensão moral e social...”³³³.

Entretanto, a casa não é só um lugar de tijolos, telhas e argamassas que utilizamos para nos abrigar das condições meteorológicas, além disso, é um espaço social e histórico em que deixamos nossos traços³³⁴ e recebemos as marcas do passado. A casa é o lar, é o torrão natal, é a família da qual você nasceu e a que você construiu.

A casa é o refúgio das horas tristes, o aconchego das alegrias, do amor e da felicidade. Todavia, nem sempre a casa é refúgio ou lugar de sossego, pode ser uma referência espacial que nos situa enquanto moradores. Seu corpo é uma casa que a vida habita, assim como os vírus, os parasitas, as doenças. O túmulo e o cemitério são uma casa, a morada dos mortos, ou casa não é moradia?

Falemos um pouco da casa de Josinaldo, de sua moradia. A residência de Josinaldo pode ser descrita como um espaço simples, com dois quartos, banheiro interno, sala e cozinha. Arquitetura semelhante às vizinhas por fazer parte de um projeto de habitação popular. Entretanto, seus utensílios domésticos, eletros e eletrônicos são melhores do que os de muitas residências de “classe média”.

Morando em um conjunto habitacional pertencente ao Bairro Santo Antonio, esse espaço não é calçado e, em algumas ruas, o esgoto escorre a céu aberto. E, estando próximo a “Serra do Brennand”, essa montanha interfere na paisagem e no clima desse lugar, tornando-o mais frio e ventilado.

Josinaldo tem na sua casa o seu centro de convergência e irradiador de sua vida. É a partir dela que ele observa os demais espaços da cidade, inclusive, o seu local de trabalho, o *banquetão*. Por isso, considera este último como se fosse seu lar, posto que, parte do dia, ele

³³³ DAMATTA, Roberto, 1986, p. 16/17.

³³⁴ De acordo com Fernando Catroga, 2001, p. 24: “[...] Não há representação memorial sem *traços*. Registrada desde o século XII, a palavra (do latim *tractus*) referia-se a uma sequência de impressões deixadas pela passagem de um animal; o que lhe permitiria funcionar como *testemunho* e *indício*. [...] podendo hoje designar qualquer vestígio humano voluntário ou involuntário...”. *Grifos do autor*.

está em contato com tal lugar, portanto, precisa tratá-lo com desvelo, da mesma forma que se relacionaria com sua moradia.

À vista disso, se na sua residência ele encontra o carinho da esposa e dos filhos, a sua “fortaleza” emocional, assim como, também, defronta-se com os problemas inerentes à vida humana. Na banqueta, ele vê e rever os amigos e companheiros do perigo, da coragem, do medo, da vigilância, enfim, as pessoas que compartilham com ele os sentimentos e as emoções vivenciados pelos seus pares e agindo “[...] em conjunto, as pessoas são capazes de dominar o meio ambiente local e de criar um mundo mais ou menos estável, no qual possam se sentir em casa...”³³⁵.

Banqueta “[...] é um serviço pesado, perigoso, mas é aquela coisa, né?, é a única sobrevivência...”³³⁶. É assim que Alexsandro – casado, morador de Junco do Seridó – vê a extração do caulim em banquetas. Um olhar diferente, em alguns pontos, de Josinaldo Heleno, acima citado, principalmente no tocante ao relacionamento, ao trato com a banqueta e à questão do estudo/escolarização.

Enquanto Josinaldo, praticamente, não estudou, visto que dedicou sua vida, quase toda, à extração caulínica e criou um laço afetivo com esse espaço – tanto que o compara ao seu lar, sua casa –. Alexsandro, concluiu o ensino médio, acontecimento que deve ter aberto uma gama de possibilidades não compartilhadas por Josinaldo. Contudo, Alexsandro adquiriu um bico-de-papagaio e um desvio na coluna, eventos doloridos a sua vida e ao seu corpo, motivos pelos quais ele considera a banqueta como um meio de sobrevivência, sem grande afeição, nutrindo sentimentos de medo e respeito, em relação a esta.

Assim são as banquetas... Objetos de afeição e de desprendimento, espaços fronteiriços. Josinaldo (res)significa o garimpo de caulim como algo seu, subjetivado em anos de convivência nas e com as banquetas, representando uma construção desse espaço pelos seus sentimentos e suas sensibilidades. Essas emoções o impulsionaram a se desfazer de um objeto de relativo valor financeiro para investir na banqueta, sem saber se teria o retorno desejado, como se estivesse investindo numa melhoria da sua casa, do seu lar.

Alexsandro, por sua vez, subjetivou o garimpo em caulim como um trabalho qualquer, sem maiores emoções, um trabalho que desempenhava porque lhe garantia uma renda melhor em relação a outros. Nutria o respeito e o medo como sentimentos de alerta, como emoções

³³⁵ TUAN, op. cit., 2005, p.15.

³³⁶ SILVA, Alexsandro Galdino da. Junco do Seridó-PB, 26 mar. 2011, 3f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

evocadas para manter a atenção devida e não ficar tão autoconfiante, pois poderia levá-lo a menosprezar o seu espaço e este não perdoa o arrogante que o subestima e o desafia...

Dessa forma, a banqueta é afetivizada, é sensibilizada, é uma paisagem, parafraseando Schama³³⁷, composta tanto de lembranças quanto de minerais, subjetivada pelos garimpeiros como espaço de (sobre)vivência, de vida e de saudade. Memórias individuais³³⁸ construídas na coletividade de anos andando por baixo da terra nas lavras de carretel, entrando e saindo dos *banquetões*, revelando-se como um cenário³³⁹ carregado de memórias adquiridas e compartilhadas pelo lugar praticado, marcado pelo suor, pelas lágrimas, pelos rastros e pelas práticas desses *banqueteiros*...

3.1.2. “Homem, sai daí de dentro...”³⁴⁰: Os *banqueteiros*

*Esse chão te é bem conhecido (bebeu teu suor vendido).
Esse chão te é bem conhecido (bebeu o moço antigo).
Esse chão te é bem conhecido (bebeu tua força de marido).
Desse chão és bem conhecido (através de parentes e amigos).
Desse chão és bem conhecido (vive com tua mulher, teus filhos)*³⁴¹.

No século XVII, os bandeirantes foram um dos principais responsáveis pelo alargamento das fronteiras da colônia portuguesa na América, ao adentrarem os sertões em busca dos nativos, ouro e diamantes. No século seguinte, a mineração, sobretudo na região das “Minas Gerais”, foi responsável por novas cartografias espaciais no Brasil Colônia, com a instalação de uma sociedade mais urbana, letrada, aberta a influências filosóficas externas e com certa mobilidade social³⁴².

Sendo assim, a riqueza promovida pelo ouro e a expansão territorial das fronteiras transformaram o garimpeiro em símbolo do país, personagem heróico dos livros didáticos. No

³³⁷ SCHAMA, 1996, p.17.

³³⁸ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 16.

³³⁹ “[...] não são apenas matéria para descrição, mas são fruto de montagem, de disposição de um conjunto de materiais, de efeitos de relações entre coisas e práticas humanas que as põem em conexão, que as retiram de seu isolamento e as fazem funcionar a serviço da produção de um sentido...” ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 80.

³⁴⁰ Frase retirada da entrevista com José Fábio. MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁴¹ MELO NETO, João Cabral. *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*, 2000, p. 61.

³⁴² BARBOSA, Lívia. *Garimpo e meio ambiente: águas sagradas e águas profanas*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8. 1991, p. 229-243.

entanto, do século XX ao limiar deste, a mineração passou por mudanças significativas em sua geografia. Dos “heróis” de outrora, “[...] garimpo e garimpeiro aparecem hoje, no nosso imaginário, como agentes de poluição mercurial, destruição de sociedades indígenas e várias outras formas de enfrentamento...”³⁴³.

“Vidas Severinas...”, assim se reportou o poeta João Cabral de Melo Neto aos retirantes nordestinos, homogêneos na dor, na saudade, na tristeza e na falta: de terra, de comida, de perspectiva, etc. A estrofe exposta acima não vai se reportar aos *Severinos* fugidos do sertão por causa da seca e do latifúndio, por exemplo; mas, aos *Josés, Antonios e Franciscos*, os *banqueteiros* de Junco do Seridó, que escavam a terra como toupeiras humanas, em busca de caulim para o seu sustento e o dos seus familiares.

*Banqueteiros*³⁴⁴ deriva de banqueteta, portanto, são garimpeiros. Identidade fabricada para diferenciá-los dos garimpeiros de outras atividades mineradoras existentes em Junco do Seridó, como por exemplo, a das pedras ornamentais e a das pedras preciosas.

Como as identidades são fluídas³⁴⁵, podendo ser culturais, profissionais, sociais, religiosas, sexuais, elas são reveladas como algo a ser inventado e não descoberto. Nesse sentido, o ser *banqueteiro* é uma identidade construída historicamente na sua relação com o seu meio social, as banquetetas, logo, pode ser desconstruída no abandono dessa atividade.

Banqueteiros. São Guerreiros-homens, guerreiros-meninos, “super-homens” de carne e osso, batalhadores sem “cinto de utilidades” que os defendam, caso ocorra um desabamento. Trabalhadores do medo, porque o local é assustador – embaixo da terra, golpeiam-na cada vez mais forte e, acima, paredões enormes de rochas a vislumbrar esses garimpeiros, arrebatando os seus “pés”.

Banqueteiros. Trabalhadores da coragem, da astúcia, da atenção para enfrentarem essa jornada, dia após dia, em busca do material que irá lhes alimentar, mas também, que poderá lhes enterrar com o seu “lençol” mineral, o caulim, reivindicando o produto retirado, corroborando com a máxima cristã: “[...] Você é pó, e ao pó voltará...”³⁴⁶.

Banqueteiros. Nas banquetetas, estão derramando o seu sangue, o suor, as lágrimas de alegria e tristeza, a força vital e as “almas” de muitos juncoenses (pais, filhos, parentes) que perderam suas vidas, tentando ganhá-las no caulim.

³⁴³ BARBOSA, Livia. *Garimpo e meio ambiente: águas sagradas e águas profanas*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8. 1991, p. 229-243.

³⁴⁴ Não encontramos registro dessa palavra relacionada à sua atividade em outros locais, só nessa região. Dessa forma, fez-se necessária uma explicação à parte.

³⁴⁵ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

³⁴⁶ Gênesis 3: 19. Bíblia Sagrada: Edição Pastoral. PAULUS: São Paulo, 2002.

Concernente ao número de mortos, de acordo com os Registros de Óbitos feitos no Cartório local, só nas últimas duas décadas (1991-2011) foram realizados doze assentos de pessoas falecidas diretamente nas banquetas de caulim em Junco do Seridó³⁴⁷.

Em relação ao número de feridos, esse é um dado sobre o qual não temos conhecimento, pois a Secretaria de Saúde do município não fazia os registros dos acidentes ou das doenças provenientes dessa atividade, só a partir do ano de 2011 ela passou a se preocupar com esses dados³⁴⁸.

Banqueteiros. Alguns podem chamá-los de doidos, loucos, mas são vistos pela sua família como “heróis”, arriscam sua vida onde ninguém mais tem a coragem de ir – “[...] eu vejo que eles têm muita coragem assim de enfrentar e eles nem ligam...”, fala Maria das Graças³⁴⁹ referindo-se aos filhos que trabalham em banquetas.

Esses *banqueteiros* saem da vida cotidiana para entrarem na “solidão” da banqueta e contracenarem com seus pares nesse cenário no qual, segundo José Fábio, só está “[...] satisfeito quando estou com saúde e trabalhando dentro de banqueta...”³⁵⁰.

Banqueteiros. “Olhar divino”, diria Certeau³⁵¹. Invertendo a lógica desse autor, aquele que está embaixo “foge” às pessoas e às preocupações dos que estão em cima. É no garimpo do caulim, na banqueta, que o trabalhador sente-se livre, satisfeito, patrão e empregado, senhor do seu tempo e das suas forças. Sente-se feliz, uma vez que sai de dentro de si para entrar na terra.

O *banqueteiro* (re)inventa-se todos os dias na sua atividade, “morre” quando vai para o trabalho, posto a grande probabilidade de um acidente, e “(re)nasce” ao sair deste e voltar para casa, para o descanso merecido, depois de um dia estafante e “penoso” de labor.

Banqueteiros. Quando retornam ao lar, no final da tarde, juntamente com os outros companheiros, a Rua Severino Coelho, no centro da cidade, por exemplo, onde reside Fábio,

³⁴⁷ Cf. Considerações finais, para um detalhamento melhor sobre as mortes.

³⁴⁸ A Secretaria de Saúde de Junco do Seridó, no ano de 2011, criou o Perfil Epidemiológico de Saúde do Trabalhador, o qual consiste em um questionário a ser feito pelos Agentes Comunitários de Saúde nos Bairros da cidade. Segundo levantamento feito no Bairro Santo Antonio, obtivemos os seguintes números: Entrevistados – 135 homens, sendo que, destes, 33 consideravam-se garimpeiros e agricultores, 18 trabalhavam em banquetas, 15 em pedreiras e 12 em decantamentos. Com relação às doenças que os afetavam, os trabalhadores das pedreiras e decantamentos responderam: problemas respiratórios (alergias não especificadas e sinusite), hérnia estrangulada, amputação de dedos e fratura dos ossos. Já os das banquetas citaram corte na perna e sinusite.

³⁴⁹ MELO, Maria das Graças Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 27 abr. 2011, 4f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁵⁰ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁵¹ Cf. CERTEAU, 2004, p. 170.

agita-se com o movimento das caçambas e caminhões carregados de caulim ou de trabalhadores.

As esposas e os filhos saem às portas para observarem se seu ente querido está chegando, ficando alegres quando a resposta é positiva e triste, quando negativa. Caso ocorra um atraso no horário de chegada destes, a aflição toma conta dos seus corpos e dos seus sentimentos, acalmando-se, apenas, com a visão do parente adentrando o espaço da casa.

Caso ocorra algum desmoronamento, a esposa chorando, por exemplo, diz: “[...] homem sai daí de dentro...”. Eles respondem: “[...] vou largar e vou fazer o quê, você não vai me sustentar dentro de casa...”³⁵², ou dizem que não tem jeito, acostumaram-se com o trabalho e é o que sabem fazer.

Entretanto, a possibilidade de acontecer um acidente não é muito grande, porque, segundo os próprios entrevistados, assim que chegam ao trabalho, eles observam toda a estrutura da escavação. Caso encontrem algum ponto ventando, retiram-no.

Nesse sentido, as “ruas dos *banqueteiros*” se alegram e se colorem com as tintas da felicidade quando, ao final da tarde, recebem de volta os seus “filhos” que partiram, na aurora, para mais um dia de trabalho nas banquetas, sem a certeza do retorno ao lar. Ruas que ficam escuras, sombrias, tristes, quando a “realidade” bate à sua porta em tom de preto e branco, trazendo a notícia de mais um desmoronamento e morte.

Banqueteiros. Atividade estranha. O trabalho, que para muitos significa vida, saúde, esperança, para esses sujeitos, significa, também, morte, doença, desespero... Falar dos garimpeiros da lavra do caulim em Junco do Seridó é estar atento às atividades do dia a dia dos homens “ordinários”, sem-nobreza e sem-riqueza. Portanto, escrever sobre essa atividade mineradora é adentrar em um universo que deixa marcas, tanto na paisagem quanto nos corpos³⁵³ dos que nela sobrevivem, de forma direta e indireta, é falar sobre vida e morte “convivendo” em um mesmo espaço, as banquetas...

3.2. “DEUS LEVE E DEUS TRAGA COM VIDA E SAÚDE...”³⁵⁴: SENSIBILIDADES DE VIDA E DE MORTE

³⁵² SILVA, Alexsandro Galdino da. Junco do Seridó-PB, 26 mar. 2011, 3f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁵³ Entendemos o corpo “[...] não apenas como corpo orgânico, mas também como construído pelas relações com as coisas que encontra durante sua existência...” CARDOSO JR., 2005, p. 345.

³⁵⁴ MELO, Maria das Graças Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 27 abr. 2011, 4f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

“Jesus abençoe o canto que eles trabalham, que nunca traga nada de ruim pra eles aqui...”³⁵⁵

Tarde fria... O sol brilhando em todo o seu esplendor e o vento frio nos morros do “Alto do Chorão” dão uma sensação amena a quem chega para visitar o *banquetão* e ver de perto a extração caulínica... De um lado, a barraquinha de pau a pique, funcionando como o “escritório” dos *banqueteiros*, do outro, o local de estacionar os caminhões caçambas para serem carregados de caulim e transportados para os decantamentos locais e destes para empresas de porcelana, sandálias e cerâmicas, em João Pessoa, Recife e em alguns lugares da região Sudeste.

Sobre uma rampa de pedras, uma pequena barraca improvisada protege o guincho e o responsável pelo seu manuseio, à frente deste, o *banquetão*... Uma abertura de quatro metros de largura por quinze metros de comprimento é a “boca” de entrada para uma cratera de mais de cinquenta metros de profundidade e, ao redor, a mata verde da caatinga, nos períodos chuvosos, são as muralhas que os cercam e os protegem da ventania.

Os objetos existentes e vistos – guincho, barraca, gerador, veículos, *banquetão*, rompedor, natureza – só fazem sentido quando se inicia a cena, o ato, o trabalho, a movimentação dos *banqueteiros*. Cenários, cenas e sujeitos unem-se para compor dramas, histórias, para tecer lugares para os homens e mulheres de Junco do Seridó.

No momento em que a encenação começa, o labor, os movimentos e os gestos dos atores ali envolvidos constroem o cenário da lavra garimpeira, caso contrário, não passaria de um lugar estático, um descampado em meio à vegetação nativa da caatinga semiárida com objetos soltos e um buraco fundo aberto.

A relação do ser humano com a paisagem, com a terra, é uma relação que o acompanha desde os tempos das sociedades sem escrita alfabética, uma ligação permeada pelas sensibilidades, pelas aproximações e distanciamentos entre ambos. Todavia, é difícil mensurar como os homens subjetivam esses sentimentos e como os representam.

O que sente um *banqueteiro* ao descer nas banquetas? Quais seus sentimentos ao se despedir da esposa, dos filhos, da mãe e ir para sua jornada sem a certeza de retornar vivo? Que emoções são extravasadas ao ver o companheiro acidentado? É nesse teatro, recheado de emoções, que seus atores – *banqueteiros*, paisagem, banquetas – encenam capítulos, nos quais sonhos e pesadelos intercalam-se num cenário de vida e de morte...

³⁵⁵ MELO, Maria das Graças Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 27 abr. 2011, 4f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

3.2.1. Artes de (sobre)viver nas banquetas

Junco do Seridó, Paraíba, cidade onde parcela considerável de sua população é pobre³⁵⁶, não tem nível de ensino superior e o município não apresenta muitas alternativas de emprego que possam gerar uma renda certa e satisfatória. Dessa forma, os munícipes, uns mais e outros menos, já subjetivaram que o trabalho em banquetas traz um ganho certo e, junto com essa remuneração, o perigo, o medo e a cessação da vida...

Logo, por que procurá-lo? Só pela sobrevivência? Se for só por isso, outras atividades poderiam ser realizadas com esse propósito, por exemplo, o trabalho com pedras ornamentais, a venda de lenha e o serviço de pedreiro.

O ganho nas pedras e na lenha não pode ser o mesmo do caulim, porém o trabalhador consegue pagar a feira e não estar sujeito a tantos riscos. A ideia não é a sobrevivência? No caso do trabalho de pedreiro, o valor da diária é superior ao da diária dos garimpeiros. Se o cargo for o de servente de pedreiro, recebe-se o equivalente aos *banqueteiros*. Então, por que não recorrer a esses trabalhos?

Com isso, queremos dizer que os *banqueteiros* possuem uma arte de (sobre)viver que os impulsionam, todos os dias, a saírem de casa às quatro ou cinco horas da manhã e enfrentarem um trabalho que lhes pode tirar a vida. Essa arte não está, apenas, em um meio de (sobre)vivência, de conseguir os bens materiais, até porque, “[...] hoje em dia, você só consegue gente pra trabalhar em banquetas se tiver cuidado no trabalho. Se for gente que queira só ganhar e não quiser investir no serviço, não demora muito tempo no ramo...”³⁵⁷.

Essa arte encontra-se no prazer que muitos garimpeiros demonstram na sua profissão, representa coragem, vida e alegria... É o frio na barriga, a adrenalina nas veias, ao descenderem em um *banquetão* pela primeira vez ou quando estão descendo no guincho e o “comandante”

³⁵⁶ IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do ano 2000 é de 0,594, considerado médio. Disponível em: <www.pnud.org.br/atlas/ranking/idh>. Acesso em: 31 jan. 2012. Segundo dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação, ano de 2011: 1 – Número de escolas: 03 na Zona Rural e 01 na Zona Urbana; 2 – Número de professores: 67; 3 – Número de alunos matriculados: Zona rural – 176; Zona Urbana – aproximadamente, 900.

³⁵⁷ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

deste “[...] dá uma *banguelinha* mais um pouco e dá uma frieza grande no coração [...], o freio folga um pouco, dá uma frieza no coração...”³⁵⁸.

São as brincadeiras da hora do almoço com os outros companheiros; a alegria estampada ao fim do dia por retornar ao seio familiar em paz; a felicidade do salário recebido ao cumprir sua produção e vendê-la; e o riso advindo da cena de um visitante com medo de descer ao fundo da banqueta... Em outras palavras, na banqueta, os *banqueteiros* são felizes...

Mesmo nas horas difíceis, esses garimpeiros do caulim demonstram dignidade pelo seu trabalho. Em caso de acidente com o companheiro, muitos correm para socorrê-lo, embora poucos tenham “ânimo” para descer até o fundo da banqueta. Nesse caso, a palavra “ânimo” é sinônima de medo³⁵⁹. Mas, por que escondê-lo? Talvez por vergonha, dado que “[...] a questão da honra, da moral, acrescentando a coragem e a bravura são características que impregnam a identidade masculina, especificamente, do homem rural, o sertanejo...”³⁶⁰.

Segundo Delpierre³⁶¹, “[...] a palavra *medo* está carregada de tanta vergonha...” que, muitas vezes, “[...] a escondemos. Enterramos no mais profundo de nós o medo que nos domina as entranhas”. Dessa forma, associam medo ao seu oposto, a coragem, uma das identidades impregnadas na masculinidade nordestina, como apontou Martins anteriormente.

Contudo, essa falta de “ânimo”, ou esse medo, não pode ser visto como vergonha ou covardia, pois o medo é inerente ao ser humano, “[...] todos os homens têm medo. Todos. Aquele que não tem medo não é normal, isso nada tem a ver com a coragem...”³⁶².

Então, essa “desanimação” diante do acidente está mais para a prudência e o alerta para outros acidentes e menos para a falta de coragem. Isso porque, os *banqueteiros*, devido à experiência de anos na mesma função, subjetivaram o conhecimento que novos desmoronamentos podem ocorrer e essa maior consciência de si mesmo e de seu espaço de trabalho os tornam (e nos tornam também!) mais sensíveis ao medo.

Quando morre alguém na banqueta, seus companheiros mais próximos ficam sentidos, tristes, abatidos e cismados, pois poderia ter ocorrido com eles, ou, podem ser as “próximas vítimas”. Porém, “[...] o problema é no outro dia para trabalhar, você não pode escutar um torrão chiar que já fica com medo, pensando que vem arriando alguma coisa também...”³⁶³.

³⁵⁸ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁵⁹ Nas entrevistas, os garimpeiros preferiram utilizar a primeira palavra em detrimento da segunda.

³⁶⁰ MARTINS; BURITI; CHAGAS. Op. cit., 2007, p. 32.

³⁶¹ DELPIERRE apud DELUMEAU, op. cit., 2009, p. 14. *Grifos do autor*.

³⁶² SARTRE apud DELUMEAU, op. cit., 2009, p. 23.

³⁶³ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa..

Imagem do medo semelhante a um coelho que sai pela primeira vez de sua toca, com os sentidos aguçados e o corpo tremendo – “[...] para salvar sua vida está pronto para correr ao menor sinal de perigo”³⁶⁴.

Como uma tentativa de fugir da morte, os *banqueteiros* abandonam o espaço em que ocorreu o acidente, porque “[...] no outro dia a gente foi trabalhar tudo desanimado, que tinha acontecido o acidente, aí a gente foi e parou lá onde trabalhava e se mudamos pra outro canto, furar outra nova...”. O problema é o outro dia... Um novo dia... Após ter perdido o companheiro no “campo de batalha”, esses “guerreiros” procuram outro espaço para reiniciar uma nova banqueteta, como se estivessem reiniciando uma nova vida...

Malgrado o trabalho nas banquetas mantenha uma “relação” muito próxima com a morte, a “fuga” para outro local e o ato de (re)começar nova escavação, como dito anteriormente, são formas de exprimir e, ao mesmo tempo, de esquecer, o medo e o sofrimento sentidos pela ausência do colega de trabalho, posto que, “[...] o facto de haver ‘familiaridade’ com a morte não impede a dor nem o temor e cada época, cada cultura, cada classe social ou grupo sexual tem palavras para clamar escândalo, para dizer o seu medo, para afogar o seu desgosto”³⁶⁵.

Pode ser que nem todos sintam, igualmente, a falta do colega falecido, mas, devido ao acidente ter ocorrido no espaço do trabalho comum ao que eles estavam, a lembrança da dor e do desespero daquelas horas traumáticas retirando-o permanece como uma sombra pairando sobre o ambiente de trabalho.

Nessa tessitura, a forma que eles encontram para exprimir essas sensibilidades é o deslocamento para outra banqueteta, ainda que esta fique a poucos metros da anterior. Essa saída significa deixar para trás o pesadelo do acidente e os presságios de novos acidentes, visto que “[...] fica um clima diferente, você não pode escutar um negócio cair, uma pedra cair, que já fica pensando que vai arriar alguma coisa perto do *caba* também...”³⁶⁶.

É raro encontrar um garimpeiro do caulim que não tenha uma dessas histórias de tristeza, dor e sofrimento para contar. Tais histórias formam um “elo” que os unem, os identificam enquanto *banqueteiros*. Ler e trabalhar essas falas são tarefas da história das sensibilidades. Contudo, isso não significa dizer que se apreende o “real” ou se resgata a “realidade” vivida, ao contrário, procura-se ver as cenas do cotidiano desses trabalhadores

³⁶⁴ TUAN, Yi-fu. *Paisagens do medo*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Editora da UNESP, 2005, p. 8.

³⁶⁵ FARGE, Arlette. *Lugares para a História*. Tradução: Telma Costa. Lisboa-PO: Editorial Teorema LTDA., 1999, p. 17.

³⁶⁶ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

como uma forma de representação do cenário das banquetas, fruto da relação entre os objetos e as práticas humanas.

Trata-se de um espaço construído por singularidades históricas, inseridas em uma coletividade. Territorialidade heterogênea que constrói o espaço a partir das lembranças e memórias individuais e coletivas, “[...] onde as palavras formam uma brecha num particular espaço social ou imaginário...”³⁶⁷ e “[...] as palavras de queixa, de sofrimento assinalam um lugar fronteiro...”³⁶⁸.

O perigo e o medo são constantes na lavra do caulim. Na “verdade”, são sentimentos que acometem todos os seres humanos – “[...] não existe esse corajoso que não tem medo...”³⁶⁹, diz Josinaldo referindo-se ao seu trabalho e corroborando com as palavras de Sartre referidas acima.

À vista disso, o papel do medo assumido nas banquetas é, em grande medida, como sinal de alerta, defesa e prevenção. Desta feita, as várias funções desempenhadas pelo medo na subjetividade dos garimpeiros do caulim aguçam os sentidos para os sons que os cercam, dentro e fora das jazidas; despertam a paisagem visual para observarem com mais acuidade o maquinário e as paredes; o olfato para os cheiros: da comida, da chuva, etc.

Enfim, para os possíveis problemas que possam vir a ocorrer no espaço da banqueta, pois é a sensação de medo perene – mesmo que implicitamente aos seus corpos e sensibilidades – o indicador necessário para a sobrevivência nessa forma de trabalho, exercida embaixo da terra e cavando-a.

O medo é um bom sinalizador para se ter cuidado, atenção redobrada e respeito à banqueta. À vista disso, “[...] o medo sempre tem, o cara perder o medo tá arriscado a tudo, a gente sempre tem medo, mas diante o cara trabalhar dia após dia é normal, é um trabalho normal como qualquer outro...”³⁷⁰.

Será que é um trabalho normal?

Os *banqueteiros* podem até construírem para si uma imagem do seu trabalho como uma atividade igual às outras, já que “[...] o povo diz que hoje em dia todo meio de vida é

³⁶⁷ FARGE, 1999, p. 18.

³⁶⁸ Idem.

³⁶⁹ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁷⁰ SILVA, Alexsandro Galdino da. Junco do Seridó-PB, 26 mar. 2011, 3f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

arriscado, nem todos... A pessoa vive em cima da terra é diferente do que debaixo do chão...³⁷¹.

Entretanto, Maria das Graças, resignada pelas escolhas dos filhos em serem garimpeiros, chama a atenção para o trabalho deles como muito perigoso por ser embaixo da terra. Em sua fala, ela sugere que abaixo do solo é o local dos mortos, é onde eles devem ser enterrados a sete palmos do chão, não é um espaço para o trabalho. Com isso, evidencia, implicitamente, que qualquer acidente pode ter consequências gravíssimas para aqueles que trabalham nesse espaço, inclusive a própria morte.

A referida moradora de Junco do Seridó demonstra dor e sofrimento pelas escolhas dos filhos, porque “[...] quando eles demoram, eu já fico aperreada, tempo de morrer de aperreio, eles têm sempre um horário pra chegar, um dia desses o carro desmontelou era as meninas fazendo remédio pra mim, porque não chega na hora a pessoa já fica traumatizada...”³⁷².

Nesse caso, o medo expressado toma uma característica de pânico. Esse tipo de inquietação é mais sentido pelos familiares dos *banqueteiros*, principalmente, pela mãe e esposa, como pudemos observar nas palavras acima. Quando ficam em casa, esperando o retorno dos maridos, pais e filhos que estão nas banquetas, essas mulheres têm uma sensação que ultrapassa o limite do suportável, ocasionando, muitas vezes, doenças nervosas, do pânico e hipertensão. Nesse sentido, o medo torna-se uma “[...] ‘sensação atroz, uma decomposição da alma, um espasmo horrível de pensamento e do coração de que só a lembrança dá arrepios de angústia...’³⁷³.

Dessa forma, o trabalho em banquetas e as sensibilidades advindas dele, tanto para os *banqueteiros* quanto para a sua família, como observado acima, “[...] são momentos particulares onde se desenham ao mesmo tempo o singular e a sua articulação com sentimentos colectivos existentes...”³⁷⁴.

Portanto, é um trabalho de coragem... Coragem por enfrentar o perigo diariamente, sempre com disposição para continuar... Coragem por ter forças para olhar a esposa e os filhos todos os dias antes de sair para o labor, sem a certeza do retorno ao lar garantido. Nesse sentido, a emoção do *banqueteiro*, pai de família, está no acordar, ir despedir-se dos filhos

³⁷¹ MELO, Maria das Graças Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 27 abr. 2011, 4f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁷² Idem.

³⁷³ MAUPASSANT apud DELUMEAU, op. cit., 2009, p. 24.

³⁷⁴ FARGE, 1999, p. 20.

(dormindo “sossegados”), dando-lhes um beijo e abençoando-os em nome de Deus, e da esposa, a quem beija e de quem escuta um “Deus lhe acompanhe”.

Além dessas emoções, sente a de ter que partir para a banquetta em busca do pão da família, pensando se voltará a vê-los... Como também, qual não é a emoção daquele que, igualmente a qualquer ser humano, levanta-se com raiva da esposa, ou da namorada, ou, simplesmente, acorda, realiza algumas atividades e parte para o trabalho, procurando escamotear os sentimentos negativos e procurar se alegrar, pensar positivo, para poder adentrar no “útero” da terra.

Como uma atitude de defesa de sua atividade, ou como uma forma de “esquecer” os acidentes que ocorrem (esquecer os acontecimentos experienciados é uma maneira de defesa inconsciente³⁷⁵), eles procuram associar a morte do companheiro à sua imprudência, negligência ou autoconfiança. Nas palavras de Alexsandro Galdino, “[...] o cara vendo que uma coisa vai cair, a gente não vai ficar embaixo, muita gente morre por causa disso, vê que uma coisa vai cair e continua embaixo, aí vai, cai em cima, aí vai e mata...”³⁷⁶.

Relatos iguais a este, associando as mortes à imprudência do garimpeiro, são comuns na extração do caulim. Pode ser que “culpar” os próprios *banqueteiros* pelos acidentes seja um alento à periculosidade do seu trabalho, pois, como afirma Arlete Farge³⁷⁷: “[...] Os instantes em que se exprime – de tantas maneiras – a dor revelam a formidável tensão que leva ao confronto entre a ordem e a sua negação, a violência e o sentimento vitimário, o ódio e o desejo...”.

Lemos, nas narrativas dos entrevistados, que os *banqueteiros* procuram evitar o papel de vítimas do seu espaço. Eles possuem uma arte de prevenção de acidentes, ou pelo menos a tentativa disso, visto que, ao descerem às banquettas, vão observando as barreiras e, caso apresentem alguma rachadura, um *trincão*, como dizem, eles “[...] melam o dedo de cuspe ou de água mesmo e passam no *trincão*, porque ali tapou onde a gente passou, mas, a gente vai continuar olhando, porque, se ele abre mais, a gente sabe que está abrindo...”³⁷⁸ (sic).

Esse ensaio de antever a queda de uma barreira, o desastre – algo bastante imprevisível – ocorre porque o caulim tem uma espécie de goma a qual, quando molhada, amolece,

³⁷⁵ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François et.al. 3. Reimpressão. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.

³⁷⁶ SILVA, Alexsandro Galdino da. Junco do Seridó-PB, 26 mar. 2011, 3f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁷⁷ FARGE, op. cit. 1999, p. 18.

³⁷⁸ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

servindo de tampão para o próprio rachão. Dessa forma, os corpos vão marcando o solo, triturando o espaço, provocando rachaduras.

Se continuar se abrindo, eles param o serviço e procuram retirar a barreira. Todavia, pelas condições financeiras ou esperando aproveitar mais do *caulinhado* que está ventando, rachando, muitos não operam da mesma forma e acabam sofrendo o desmoronamento e, na grande maioria das vezes, morrendo...

Por conseguinte, as banquetas marcam os corpos dos *banqueteiros*, corpos que trazem as cicatrizes da história de sua profissão, pois

[...] sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito.
O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. [...] corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo³⁷⁹.

Dessa forma, o corpo é um espaço de atuação e conflito dos sentidos, lugar onde as fantasias e os desejos unificam-se, paisagem em que a vida e a morte se fazem uma, no transcorrer da existência humana. Sendo assim, é difícil encontrar um *banqueteiro* que não tenha a relatar uma cicatriz, um osso quebrado, um problema na coluna, ou um caso de acidente e morte. É rara a família de garimpeiros – antigos e novos – que não tenha uma memória triste a ser lembrada e esquecida no caulim.

No caso dos novos garimpeiros, a maioria dos acidentes ocorre por inexperiência. Nessa atividade de garimpar, e em muitas outras verossímeis a esta, a experiência só se adquire trabalhando, ou seja, dentro da própria banquetta, a qual não costuma perdoar a imprudência, o deslize, ou qualquer tipo de negligência, proposital ou não.

Destarte, as histórias tristes e alegres também vão multiplicando-se, conforme aumenta o número de pessoas que procuram viver as emoções produzidas e consumidas nas banquetas, sensibilidades (re)vividas pelo olfato, paladar, pelos olhares, sons e toques, fabricados em um cenário, no qual há uma arte de (sobre)viver e uma poética dos sentidos para não morrer...

3.3. A POÉTICA DOS SENTIDOS

³⁷⁹ FOUCAULT, 2010, p. 22.

[...] Há, hoje, mais sinos do que no século XIX: os sinos são mais bem feitos, têm um alcance maior. E, no entanto, você não os ouve. Não os ouve porque não os escuta. E você não os escuta, porque não tem necessidade de ouvi-los. Se você não tivesse outra coisa a não ser os sinos para marcar o tempo, para lhe assinalar os acontecimentos, então você os ouviria. Isso coloca o problema naquele campo da história da sensibilidade, [...], da história da atenção³⁸⁰.

Inversamente aos sinos de Corbin, os *banqueteiros*, hoje, são mais ouvidos, suas vozes dissonantes chegam à sociedade, aos canais de comunicação, aos postos de saúde, às associações de trabalhadores. Primeiro, porque, atualmente, o caulim, esse mineral que eles retiram do cerne da terra, está sendo mais valorizado no mercado, o que já foi dito anteriormente. Segundo, porque houve um aumento no número de acidentes nas banquetas.

Essas falas dos garimpeiros eram escutadas e lidas como instrumento de trabalho e de degradação ambiental. Todavia, eles, enquanto sujeitos históricos, sensíveis às intempéries de sua atividade e da vida, não tinham a mesma atenção³⁸¹.

Dessa forma, procurando ler a lavra do caulim e a vida dos “seus” garimpeiros por meio das sensibilidades fabricadas e consumidas neste e por este espaço de trabalho, as banquetas, é que buscamos dar visibilidade e dizibilidade aos sentidos desses trabalhadores enquanto construção histórica, pois, de acordo com a leitura de Durval Muniz de Albuquerque Júnior³⁸²,

[...] a apreensão da natureza, do mundo se faz através daquilo que parece, à primeira vista, ser também um dado da natureza em nós, nossos sentidos. Mas nossos sentidos são educados, socializados, disciplinados, culturalizados por nossa condição de seres sociais e culturais. Nossa sensibilidade, nosso uso dos sentidos se fazem desde já mediados por conceitos, por noções, categorias, imagens que são forjadas na vida social, são artefatos culturais e linguísticos. Nossa sensibilidade é histórica: o tato, o olfato, o paladar, a visão e a audição também são testemunhas de um dado tempo e de um dado contexto social...

Nessa perspectiva, os sentidos são importantíssimos para se ler a pedagogia das banquetas – “[...] são fundamentais [...] para a construção de novas paisagens. Através deles, definimos fronteiras, estabelecemos proximidades e recuos entre os homens e as coisas que os cercam...”³⁸³.

³⁸⁰ CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. Tradução: Christian Pierre Kasper. *Revista Brasileira de História*. vol.25. n.º.49. São Paulo, Jan./Jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 07 jan. 2011.

³⁸¹ Não é interesse deste texto trabalhar os *banqueteiros* pelo viés econômico e ambiental.

³⁸² ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 113.

³⁸³ BURITI, 2011, p. 35.

Ainda que não sejam percebidos pelos *banqueteiros* da mesma forma que percebemos nesta escrita, os sentidos estão presentes nessa territorialidade, subjetivados por eles no cheiro do caulim, na sensação térmica das banquetas, na socialização do almoço, no olhar da sua “profissão” enquanto perigosa e nos sons emitidos pela banqueta quando esta está ventando, ou seja, rachando.

São sentidos fabricados historicamente e lidos, abaixo, como representação identitária desses trabalhadores que dão a ler e a ver o cenário sensível das banquetas de caulim em Junco do Seridó...

3.3.1. Olfato

O olfato. Sempre alerta como o garimpeiro do caulim dentro da banqueta, esse sentido informa sobre os cheiros que estão em nossa volta. Segundo os *banqueteiros*, o caulim não tem nenhum cheiro, “[...] é a mesma coisa da água...”³⁸⁴, “[...] mas o caulim tem o cheiro mais frio...”³⁸⁵. Para quem não está acostumado com esse ambiente, tal mineral possui um cheiro de terra molhada misturada com raiz, é um cheiro forte, um agridoce...

No *banquetão* do “Alto do Chorão”, o odor do caulim misturava-se ao da urina dos caprinos que se espojavam nele para descansar, quando os garimpeiros não estavam trabalhando. Sendo assim, há uma diferença entre o cheiro do caulim puro e o do misturado com “xixi” de bode, ou seja, o caulim sujo. Segundo Iranilson Buriti³⁸⁶,

O **olfato** estabelece diferenciações entre a paisagem limpa e a suja, a cheirosa e a fedorenta. Ele nos informa sobre o ar puro, a poeira, a fumaça, o mau cheiro que emana de ‘pequenos charcos perto de sua casa’, do lixo e dos monturos, dos resíduos emporcalhados que são jogados próximos da residência e que agridem às novas sensibilidades...

O cheiro também é utilizado pelos garimpeiros para a desodorização do ambiente. Quando eles sentem necessidade de urinar, procuram sair da banqueta ou fazer no caulim que está sendo retirado, para que o espaço do trabalho permaneça limpo. Caso fizessem sua

³⁸⁴ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁸⁵ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁸⁶ BURITI, op. cit., 2011, p. 35. *Grifos do autor*.

necessidade fisiológica em outro local dentro da banqueta e “[...] deixa(ssem) pra tirar no outro dia ou com dois dias depois, quando você vai tirar tá fedendo a podre. Aí não tem quem aguente não, abafado dentro do buraco, não é ventilado e tudo mais, a catinga não tem como sair, que o vento não tira...”³⁸⁷ (sic).

É o olfato definindo o que é permitido e o que é proibido fazer dentro da banqueta.

Outro aspecto para o qual os garimpeiros chamam atenção é a relação entre frio e quente: “[...] o caulim tem o cheiro mais frio...”, disse Josinaldo³⁸⁸. O cheiro frio do caulim significa dizer que a sensação térmica é de frieza a qual é sentida, também, pelo corpo, pelo tato.

O abafado da banqueta é, ao mesmo tempo, notado pelo olfato, pois “[...] é muita gente, né, cinco pessoas trabalhando, suando dentro de um buraco, aí esquenta...”³⁸⁹. A respiração simultânea de várias pessoas, em um local de difícil ventilação, nos parece, à distância, uma sensação enclausurante.

A imagem do trabalho dos *banqueteiros* – embaixo da terra, escavando-a e extraíndo o material, podendo, a qualquer instante, serem soterrados pelo próprio material – representa-nos a visão de estarem escavando túmulos para sepultarem os mortos, deixando transparecer, assim, uma impressão sufocante e de falta de ar puro. Posto que, o ar circulante, na maioria das vezes, é o da própria respiração e dos companheiros, porque, embora tenha ar puro envolvendo-os, “[...] não é aquele ar livre...”³⁹⁰.

Lendo o olfato como instrutivo sobre a fumaça, o ar puro e a poeira. No *banquetão*, a fumaça que sai do gerador utilizado para fazer funcionar o rompedor é quase insuportável para aqueles que estão próximos ao lugar do qual ela emana. O fumar dessa máquina é tão forte que deixa sem ar aqueles estranhos a essa paisagem olfativa. É uma sensação só sentida por quem sofre de problemas respiratórios e se senta perto de um fumante.

O olfato sente o ar puro, sente o “cheiro da chuva”. Um cheiro gostoso para o povo do semiárido, um cheiro de esperança que as primeiras gotas de chuva caíam logo para melhorar a vida nesses espaços, um perfume que traz alegria, tomando conta do homem do sertão,

³⁸⁷ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁸⁸ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁸⁹ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁹⁰ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

ao escutar as bategas caindo do telhado de sua casa, a primavera que se inicia em seu coração ao ver as vacas a fazerem escaramuças diante do pasto verde que vem nascendo, ser capaz de avaliar a preciosa sinfonia que é para os ouvidos deste homens o coaxar em unísono dos sapos nos açudes, o zurrar distante de um jumento numa noite sertaneja, a beleza inigualável de um céu carregado de nuvens escuras, a emoção provocada pela visão de um campo amarelecido pelos pendões loiros do milho...³⁹¹

O “cheiro da chuva” é um cheiro “bendito” para o semiárido. Por um lado, é um cheiro bem vindo para os *banqueteiros*, visto que, além de (sobre)viverem no sertão e sofrerem com a falta d’água, “[...] o inverno é bom pra o preço do caulim, porque raramente, é difícil o dono do decantamento aumentar o preço do caulim, mas, a época que eles aumentam o preço do caulim é no inverno...”³⁹².

Por outro lado, é um cheiro que remete ao odor do medo. Um cheiro de pressentimento de chuva e de acidente. A chuva aumenta os riscos de desabamentos das banquetas, já que escorre “[...] água na barreira, né, e água traz pedras e terras, aí tem que sair de dentro, esperar parar pra começar de novo. Se junta água a gente tira. A chuva pra gente, também, se não abreja não é ruim não, mas abrejando a gente não trabalha não...”³⁹³.

Sendo assim, a mesma chuva que alegra o homem sertanejo e faz os animais pulularem como se estivessem dando vivas “entristece” o garimpeiro, sobretudo aquele que trabalha nas banquetas de carretel. Isso acontece porque nestas, eles se utilizam de cordas para subir e descê-las; com a chuva, a corda fica encharcada e escorregadia, dificultando a subida destes trabalhadores e aumentando os riscos de acidente.

Enfim, é o olfato construindo novas paisagens sensíveis, demonstrando como o garimpeiro é um sujeito que vive na fronteira, pois os cheiros que ele aspira como o da chuva, por exemplo, são um misto de alegria e preocupação, felicidade e medo, já que, se a seca é boa para produzir porque oferece menos riscos, o inverno é bom para ganhar dinheiro, embora seja mais perigoso.

Ainda que os *banqueteiros* afirmem que o caulim não tem cheiro, para o “estrangeiro” a essa paisagem, é fácil localizá-lo em outros espaços, pelo rígido e embranquecido que fica nas roupas e pelo “[...] cheiro de poeira molhada e mofo fresco...”³⁹⁴ que emana do vestuário e dos corpos...

³⁹¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 88.

³⁹² HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁹³ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁹⁴ CALVINO, Ítalo. *Marcovaldo ou As estações na cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

3.3.2. Paladar

Outro sentido referido pelos *banqueteiros* foi o paladar. “[...] O paladar se mostra um aliado na economia doméstica, na saúde das finanças, na prosperidade do corpo...”, nos revela Iranilson Buriti em seu livro *Leituras do Sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império*³⁹⁵.

Tal sentido faz parte das sensibilidades desses trabalhadores para a feira do garimpo, para o alimento a ser levado todos os dias, já que, “[...] na banqueteta mesmo, cada um levava uma quantia, só que nos *banquetões* não, cada um levava por quilo, por semana e já deixava lá...”³⁹⁶.

O paladar conclama a economia doméstica, das finanças, não das donas de casa, mas dos próprios *banqueteiros*, os quais procuram fazer uma “[...] feira boa pra casa, daqui eu levo um quilo, na segunda-feira, no serviço cada um leva um quilo de alguma coisa, aí, quando junta tudo, dá uma feira boa...”³⁹⁷.

Nesse sentido, atenta, também, para o espírito da coletividade entre eles, uma vez que, embora cada um leve o seu alimento para o trabalho, ao chegar lá, dividem-no com os colegas, demonstrando o papel que cada ator desempenha na economia dos *banquetões* – o que é de um é de todos –, pelo menos em se tratando de alimentação.

Essa “comunhão” é sentida na “prosperidade do corpo”³⁹⁸, permitindo que os trabalhadores tenham acesso a um café-da-manhã reforçado e diversificado, visto que uns trazem “[...] frutas, cada qual leva o seu sabe, o café é independente da baía³⁹⁹, cada qual leva bolacha, cuscuz com ovo, quem quiser cada qual leva o seu...”⁴⁰⁰. Mas, chegando lá, “[...] divide, bota lá, quem quiser pega, às vezes, um traz um bolo, um negócio melhor né? Os outros não vão comer e vai ficar olhando? Tem que dividir, né? Bota, cada um pega um pedaço, pronto...”⁴⁰¹ (sic).

³⁹⁵ BURITI, op. cit., 2011, p. 37.

³⁹⁶ SILVA, Alessandro Galdino da. Junco do Seridó-PB, 26 mar. 2011, 3f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁹⁷ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

³⁹⁸ BURITI, op. cit., 2011.

³⁹⁹ O entrevistado José Fábio está referindo-se à comida da semana. MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁴⁰⁰ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁴⁰¹ Idem.

Podemos dizer, assim, que é uma economia solidária, no caso da alimentação. Além disso, há uma divisão solidária das tarefas, cada um sabe a função a ser desempenhada: um vai pegar a lenha para fazer o fogo, outro escolhe o feijão, um vai buscar água em outras banquetas abertas e, dessa forma, desenvolve-se o preparo dos alimentos e do almoço, ficando a cargo de ser cozinheiro o responsável pelo guincho, pois está em cima, e, algumas vezes, o “caçambeiro”⁴⁰² ajuda nesse preparo.

Nesse sentido, comer não significa, apenas, saciar a fome depois de muito trabalho, uma atitude fisiológica, mas uma arte cênica na qual cada ator subjetivou o seu papel, sem precisar de alguém para dizer o que fazer, sem um diretor a organizar o ato e impor suas vontades, sua ordem.

A comida traz memórias e sensações das banquetas. Da época difícil do carretel, onde se levava o alimento contado para o dia de serviço – “[...] um feijãozinho com um ovo, porque num tinha muita coisa...”⁴⁰³ –, provocando, talvez, a mudança de humor e de sabor devido sua raridade.

A paisagem gustativa também convida para as lembranças alegres dos dias atuais, como já exposto. Das brincadeiras e conversas do almoço, do cheiro do café de manhã bem cedo, do lanche da tarde antes de ir embora e, assim, o paladar convoca memórias felizes e tristes, indicadas pelas sensibilidades e pelos sentidos.

É nessa perspectiva que o caulim entra na alquimia do paladar. Como um químico ou um farmacêutico, os garimpeiros mais antigos utilizavam-se do mineral, principalmente o de veieiro, que vem com mais goma, para realizarem suas práticas médicas. Eles misturavam um pedaço do caulim com água e, em seguida, tomavam um pouco dessa bebida para curar dores estomacais. Essa beberagem é muito parecida com o leite de magnésio que compramos para curar a azia, por exemplo.

Se o paladar não diferencia diretamente os *banqueteiros*, o faz de forma indireta, pois a água bebida nesse espaço, para quem não está familiarizado, para o “forasteiro” da cidade acostumado a tomar água filtrada, fervida ou água mineral, seu sabor é, praticamente, idêntico ao seu cheiro, tem um gosto de uma beberagem com raiz dentro, trazendo uma impressão forte ao paladar, dando-lhe um gosto ímpar.

Isso acontece porque a água retirada das banquetas de caulim vem “filtrada” pelas raízes da vegetação que estão entranhadas a esse mineral, uma espécie de filtro natural,

⁴⁰² É como são referidos os motoristas dos caminhões caçambas.

⁴⁰³ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

surtindo efeito, assim, na água utilizada para beber. É uma água pura, limpa, armazenada em um pote de barro, como eles o fazem, juntamente com o frio constante da terra por causa do caulim, o que permite deixar a água sempre gelada, mesmo não estando na geladeira.

3.3.3. Audição

Na banqueteta, esse sentido é conclamado com o propósito de vigilância. Ao escutar algum estrondo, o *banqueteiro* fica em alerta, procurando identificar a natureza do som e o lugar de onde vem. Dessa forma, ele sai da banqueteta e vai verificar se foi um desabamento de uma barreira, ou se foi um barulho provocado por um acidente numa extração próxima.

Quanto à audição como sentido de alerta e de informação, Alexsandro Galdino⁴⁰⁴ afirma que “[...] quase que presenciou, escutou o pipoco, estava numa distância de uns 50 metros de onde eu estava pra onde ele caiu, só que era aberto, a gente pensou que tinha sido alguma barreira que tinha caído...”. Esse relato é sobre a queda de um companheiro de atividade que caiu de cima da barreira, quando o carretel com o qual trabalhava rompeu-se e o fez despencar de uma altura de, aproximadamente, cinquenta metros.

A audição também é utilizada como um sentido de premonição, pois, ao escutar as paredes da banqueteta chiando, isto é, estalando, já se sabe que o caulim está ventando, “[...] porque tá se soltando das barreiras, tá ventando que o povo chama, porque, às vezes, você vai cavando e ele começa a estrala sabe, se estralando sozinho, aí, caem os *torrãozinhos*...”⁴⁰⁵ (sic).

Contudo, muitas vezes, esses “torrãozinhos”, referidos por José Fábio, podem ser um aviso de que a banqueteta está próxima de desabar, visto que “[...] caulim não tem rachadura normal não, porque rachando cai, qualquer rachão se ele não cair hoje... Pronto, se ele rachar ali, ela já está avisando que vai cair né...”⁴⁰⁶. Essa mesma forma de comunicação da banqueteta com o garimpeiro é corroborada por Josinaldo, quando afirma que “[...] às vezes avisa, uma barreira cai, às vezes cai uma terrinha e já vem arriando, se der tempo o *caba* correr, mas se num der...”.

⁴⁰⁴ SILVA, Alexsandro Galdino da. Junco do Seridó-PB, 26 mar. 2011, 3f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁴⁰⁵ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁴⁰⁶ Idem.

A paisagem auditiva da banqueteta é marcada por sons que são captáveis, em geral, somente por quem a vive, por aquele que já a subjetivou durante anos de (sobre)vivência nesse espaço, porque “[...] às vezes avisa assim, caiu uma terra você tem que prestar atenção onde está caindo, você escuta também...”⁴⁰⁷ (sic).

A audição torna-se, dessa forma, uma construção histórica, visto que

os sons convocam o arquivo de imagens de espaços que temos em nossa memória, exigindo que os situemos para que façam sentido, para que ganhem um contexto de significação. A partir de um signo sonoro toda uma cena, uma paisagem pode se abrir à frente deste olho que se ausenta. Do som anônimo a um som singularizado, particularizado pela apreensão singular do ouvinte...⁴⁰⁸

Desse modo, um barulho estrondoso que, para os não familiarizados com as banquetas, pode não significar nada, para os *banqueteiros*, já é um aviso de algo fora do contexto “normal” do seu trabalho. Eles percebem o barulho como sinal de alerta, porque os diálogos, durante o período de trabalho nesses espaços dos *banquetões*, são curtos e rápidos, surgindo, em geral, quando é preciso dar alguma informação, como a posição da concha em relação aos trabalhadores e o aviso para o almoço e o café da tarde.

À vista disso, além do barulho constante e muito alto do gerador, evento que obriga a quem estar o “pilotando” usar protetores nos ouvidos, há o barulho do vento na copa das árvores e nos arbustos, as conversas dos trabalhadores, quando estão nas refeições, os gestos comunicando para se aproximar ou se afastar, seguir adiante ou parar, demonstrando cansaço e dores, alegria e contemplação, preocupação e raiva, medo e autoconfiança.

Portanto, esse espaço também é caracterizado pelo seu som, como dito anteriormente. A paisagem sonora convoca a história das banquetas. Vejamos, como exemplo, os sinos de Corbin na abertura deste tópico: “[...] o soar, os dobrados, os repiques dos sinos fundam e certificam uma outra relação com o mundo rumo ao sagrado, outra forma de integrar o tempo e o espaço, de confrontar-se com eles...”⁴⁰⁹.

Dessa forma, ao se aproximar do *banquetão*, escuta-se o barulho do gerador a movimentar o guincho, o abrir e o fechar da concha ao encher o caminhão-caçamba, mas não se ouvem os garimpeiros que estão no fundo da jazida. Já nas banquetas, ouvimos o barulho provocado pelas pancadas da picareta nas paredes das mesmas, os diálogos entre os

⁴⁰⁷ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁴⁰⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 116.

⁴⁰⁹ LANGUE, Frédérique. O sussurro do tempo: ensaios sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França. In: PARENTE, Temis Gomes; ERTZOGUE, Marina Haizenreder. Op. cit., 2006, p. 27.

trabalhadores que ficam em cima e os que ficam embaixo destas, o movimento do carretel e a respiração forte provocada pelo esforço físico e mental para levantar o tambor com mais de cinquenta quilos de uma altura de igual tamanho.

Logo, podemos dizer que, tanto banquetas quanto *banquetões*, são ambientes silenciosos devido ao estado de alerta em que os garimpeiros ficam, contudo, não é silenciado, pois está cercado de muitos sons que contracenam e narram suas histórias, convocam suas memórias e a paisagem das mesmas.

3.3.4. Visão e tato

A paisagem caulínica é visual e tátil. Os aparelhos relativos a esses sentidos são educados, subjetivados pela experiência, nas banquetas, de ver e identificar novos espaços, com vistas a cavar e, assim, encontrar o tipo de caulim a ser extraído daquele lugar: se esse mineral tem mais goma ou menos, se é duro ou mole.

Essas percepções são muito importantes, porque “[...] num pode chegar embaixo, numa barreira mole, se ela tiver dura não, na barreira mole se emborcar um túnel ele fica pendurado e pode cair em cima... às vezes eu olho, vou lá e pego...”⁴¹⁰; observar as paredes das banquetas “[...] uma coisa que eu gosto é de olhar em banquetas quando vou descendo é olhar barreira...”⁴¹¹.

A visão e o tato também servem para verificar se há rachaduras nas banquetas ou se estão da forma como as deixaram no dia anterior, haja vista que, “[...] se for uma barreira muito dura às vezes ele (caulim) se solta, né? Às vezes, você vê um trinco assim na barreira, é uma capinha fininha, você botou um (pau) entrando pra barreira assim... aí, você pode correr...”⁴¹² (sic).

Todas essas análises e preocupações são acompanhadas pelo olhar e pelo toque, disciplinados para qualificar e desqualificar, permitir e proibir a circulação dos *banqueteiros*, pois, quando estes chegavam embaixo, na banquetas, por exemplo, acendiam velas e saíam observando as paredes da mesma, tocando-as e cutucando-as com varas para auferir a

⁴¹⁰ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁴¹¹ Idem.

⁴¹² MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

profundidade do rachão, posto que, se estes rachões fossem muito profundos, eles tinham que sair o mais depressa possível dali.

A textura dos *banqueteiros* está em constante movimento. É o calor abafado de dentro da banqueta, provocado pela falta de uma circulação maior de ar puro e pela respiração dos que estão lá dentro, levando-os a trabalhar de camiseta ou só de calção.

Tal sensação de calor abafado pode ser contrastada com a sensação fria, despertada pelo caulim, evidenciada na fala de Josinaldo Heleno⁴¹³ – ele disse que começa o seu trabalho embaixo da banqueta com capacete, calção e camiseta –, “[...] porque o caulim é muito frio, mas, quando você começa a trabalhar começa a suar, porque é frio, por causa da frieza do caulim, mas, é... num corre vento quase, porque é abafado...”.

A ausência de ventilação transforma o fundo da banqueta em uma sauna natural, obrigando os garimpeiros a ficarem, praticamente, nus durante a sua jornada de trabalho. Essa atitude é tomada, muitas vezes, pelo *banqueteiro* do carretel o qual deve “emborcar túnel”, tornando a respiração ainda mais difícil.

Diante do exposto, percebemos que o olhar é educado para perceber onde o caulim está mais mole ou mais duro, se está ocorrendo infiltração, pois “[...] quando pega a água, a gente vai fechando até fazer um funil e parar pra num ter perigo né, [...], porque tem cara que cresce o olho, depois que pega a água, vamos ganhar espaço, aí, é onde muitos morrem...”⁴¹⁴ (sic).

O caulim é como uma esponja e, por isso, absorve muita água devido às raízes que se infiltram no seu meio. A “prova” disso é que o caulim bruto, extraído da banqueta, não tem poeira, ele surge como uma goma de mandioca, porém, é frio e a água, neste caso, é prejudicial ao trabalho nas banquetas, “[...] porque, depois que pega a água, você tem os dias contados de você trabalhar, depois que começa a trincar a barreira e começa a arriar pode tirar os troços e procurar outro canto...”⁴¹⁵ (sic).

Portanto, considerando que as sensibilidades são conjunções do corpo e da alma, torna-se necessário ao *banqueteiro* subjetivar os conhecimentos adquiridos dentro do espaço da banqueta para poder continuar sua vida. Faz-se necessário que o olfato identifique os cheiros bons e os podres; a audição esteja atenta ao estalar das barreiras e ao alarde do tombo de uma barreira ou de gente; o paladar socialize as conversas, as intimidades; a visão e o tato

⁴¹³ HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁴¹⁴ MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

⁴¹⁵ Idem.

sintam as mudanças climáticas de quente e frio, percebam os rachões e previnam a queda de barreiras...

Enfim, os sentidos são as “armas” que esses trabalhadores têm para se defenderem de um possível “ataque” da natureza. São sensibilidades de um tempo, sensibilidades de outro no tempo... Odores, gostos, desgostos, olhares, texturas, sabores, dissabores, medos... “[...] seria isso, então, a história das sensibilidades: identificar a utilização dos sentidos que permitiu construir imagens do outro...”⁴¹⁶.

⁴¹⁶ CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. Tradução: Christian Pierre Kasper. *Revista Brasileira de História*. vol.25. nº.49. São Paulo, Jan./Jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 07 jan. 2011.

Considerações Finais

CENÁRIO DA VIDA HUMANA: AS MUDANÇAS SUBJETIVAS E SENSÍVEIS PRODUZIDAS NA E PELA LAVRA DO CAULIM

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos... (Walter Benjamin)⁴¹⁷.

Quando falamos na extração do caulim em banquetas, atualmente, o que vêm à cabeça são as mortes, o perigo e os desastres, como se eles sempre fizessem parte dessa atividade, algo natural. Também é visto como natural a própria extração do caulim, isto é, as pessoas de Junco do Seridó, em sua grande maioria, veem a atividade caulínica como algo intrínseco à história do município, entendendo que, desde o começo do povoamento da sede atual, a mineração e, principalmente, o caulim, tenha sido explorado da forma como vemos hoje, sistemática e ininterrupta.

Ao longo deste trabalho, buscamos problematizar a lavra do caulim em Junco do Seridó, pelas sensibilidades e subjetividades dos seus garimpeiros. Nessa esteira, tecemos o espaço do próprio município como uma produção histórica, construída a partir da experiência do passado e do presente dos entrevistados. Logo, observamos que “[...] os eventos históricos não existem como dados naturais, bem articulados entre si, obedientes às leis históricas e esperando para serem revelados pelo historiador bem munido...”⁴¹⁸.

Vendo e lendo o espaço de Junco do Seridó a partir das histórias e memórias dos garimpeiros do caulim e o trabalho por eles realizado a partir de suas sensibilidades, inferimos que, igualmente aos eventos históricos, os saberes adquiridos por esses trabalhadores, pelos cristais das lembranças dos entrevistados, foram, também, fabricados historicamente.

Portanto, não existia – e não existe – essa ideia de se entrar na extração do caulim já sabendo a forma de lavrá-lo: deixando as pilastras para não desabar a banquetta, como observar a vegetação e ver os pontos mais verdes provocados pelo filão que está embaixo e ler no caminhar das formigas carregando o mineral, que elas trazem do fundo da terra, um veio bom de escavar.

⁴¹⁷ BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações a obra de Nikolai Leskov. In: _____ *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. Vol.1, 1994, p. 198.

⁴¹⁸ RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. *Tempo Social: Revista Sociol. USP*, São Paulo, 7 (1-2): 67-82, outubro de 1995.

Dessa forma, pelas narrativas orais dos entrevistados, observamos que as mudanças sensíveis, as quais fabricaram a representação de garimpeiro do caulim que temos hoje – pessoas que trabalham em um ambiente insalubre e perigoso, entre outras –, foram gestadas durante anos e anos de trabalho árduo, de aprendizagem com os engenheiros da firma CAULISA e de observações no local as quais produziram transformações nas sensibilidades e na vida desses trabalhadores e da cidade.

Sendo a História uma maneira pela qual nos relacionamos com os eventos do passado, a historicidade da lavra do caulim, de 1971 a 2011, nos apresentou uma extração inicial imatura desse mineral, em uma natureza quase intacta, onde os garimpeiros não conheciam nada de prospecção e os engenheiros tiveram que lhes ensinar a forma de tirá-lo do ventre da terra: desde o tamanho da banqueteta até a maneira de emborcar túnel com o mínimo de segurança.

Essas particularidades repercutiram na maneira como esses trabalhadores encaravam as banquetetas, pois, sem muita ideia do que significava a extração do caulim em banquetetas, eles partiam para as mesmas sem medo, posto que “[...] conhecer é arricar-se a sentir mais medo. Quanto menos se sabe, menos se teme”⁴¹⁹.

Havia certa despreocupação, vamos dizer assim, com a lavra em banquetetas, em grande medida, por três motivos. Primeiro, porque a natureza semi-intacta, com pouquíssimas escavações, oferecia risco ínfimo à extração. Segundo, pelo motivo de que a forma como era feita a lavra, só com picareta e pá, sem maquinário pesado, levava os trabalhadores a descer naquele espaço apertado e procurar fazer o túnel entre colunas, para que estas suportassem o peso do material que estava em cima. Por fim, pelas garantias estabelecidas em leis usufruídas pelos garimpeiros funcionários da empresa. Tudo isso transparecia um ar de segurança e confiança de exercerem um trabalho como qualquer outro.

Nesse sentido, quando se fala, atualmente, em extração do caulim, vem sempre uma exclamação rogando por proteção, seja uma “Ave Maria!”, seja um “Creio em Deus pai!” seja um “Deus me livre!”, como se somente a Providência Divina fosse capaz de salvá-los.

A partir desse desenvolvimento nas subjetividades sobre o caulim, paralelo ao ganho econômico, houve um aumento no número de pessoas do município direcionadas à extração caulínica em vias de conseguir trabalho e um aumento na renda. Isso ocorreu porque, como vimos ao longo deste texto, Junco do Seridó também estava engatinhando enquanto cidade –

⁴¹⁹ TUAN, Yi-fu. *Paisagens do medo*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Editora da UNESP, 2005, p. 11.

as ruas não eram calçadas, não havia muitos locais de trabalho e a população exercia mais a agricultura, tanto que muitos desses garimpeiros também se auto-consideravam agricultores.

Se essa extração em caulim gerou emprego e renda a uma parte da população juncoense e mostrou-se alternativa de sobrevivência além da agricultura, ela também transformou a paisagem da cidade, pois, ao longo desses anos, o “Alto do Chorão”, por exemplo, foi sendo desmatado e rasgado pela lavra desse mineral.

Outras mudanças, ocorridas no período destacado, estão na forma do deslocamento. Na década de 1970, por exemplo, muitos iam ao trabalho, no sítio Margarida – uns 10 quilômetros da cidade –, em bicicletas ou a pé, raramente seguiam de carro. Devido à dificuldade de locomoção, eles acabavam dormindo no “acampamento” montado pela empresa, indo para casa um dia na semana e nos finais de semana. Hoje, os *banqueteiros* deslocam-se nas caçambas que vão buscar o mineral ou em motos próprias, saem de casa pela manhã e à tarde retornam aos seus lares, produzindo um movimento pendular de ida e vinda do trabalho.

As mortes ocorridas na extração caulínica, ou melhor dizendo, os registros de óbito do Cartório local, também são fontes históricas para o estudo da produção do caulim desde 1971 e são representações do aumento no fluxo de pessoas indo para essa atividade, bem como, das mudanças ocorridas na sua lavra com a entrada de maquinário.

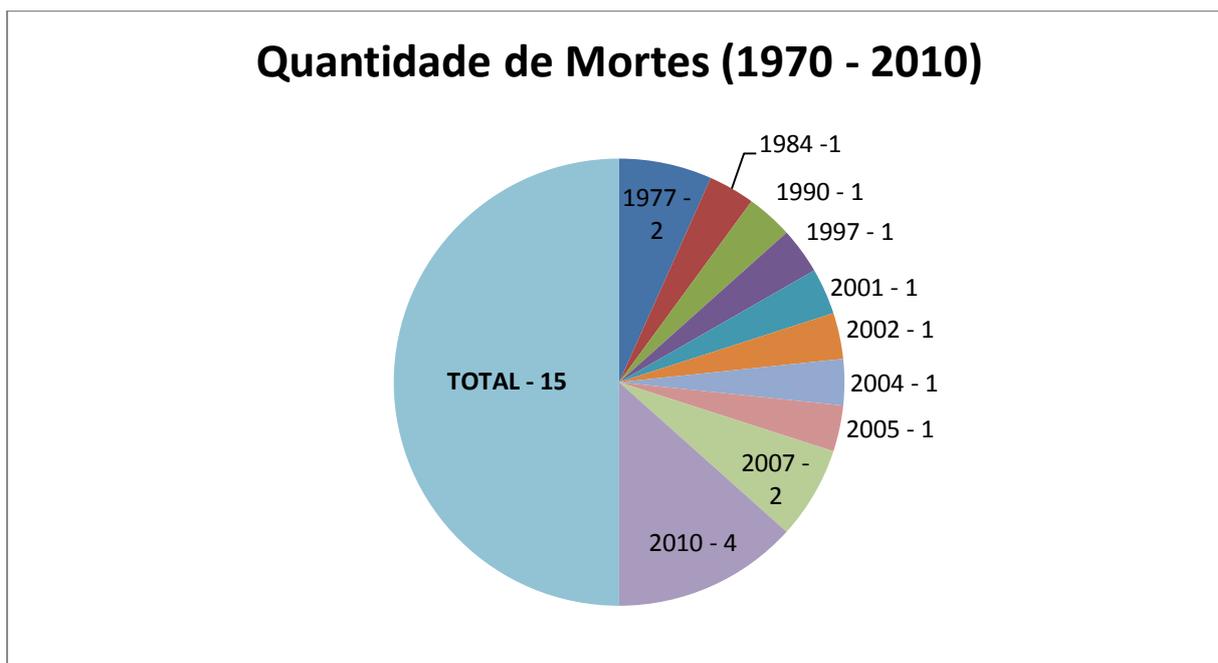
Historicamente, como foi visto e dito anteriormente, muitos juncoenses, ao procurarem o garimpo de caulim, nesse período – década de 1970 –, não iam com receio dos acidentes e do perigo que essa forma de trabalho representa hoje em dia, pois, ainda não tinha ocorrido nenhum acidente grave nessa extração. Posto que, as primeiras mortes, registradas no Cartório de Junco do Seridó, ocorreram seis anos após o início dessa lavra sistemática, em 1977.

Após essas mortes, os juncoenses passaram a construir para si o que seu trabalho lhes trazia – e lhes traz – riscos à própria vida, o que levou ao abandono dessa atividade por alguns garimpeiros e, ao mesmo tempo, passou a incutir o medo na população de Junco do Seridó. Essa situação repercute-se nos dias atuais, pois, quando alguém é procurado para trabalhar no caulim ou quando alguém fala em extração do caulim, pensa, imediatamente, em desabamentos, acidentes e mortes.

Concernente às primeiras mortes de trabalhadores das banquetas de caulim, registradas no Cartório local, elas datam do ano de 1977, sendo duas. No ano de 1984, sete anos após as

primeiras, ocorreu uma terceira na zona rural da Carneira⁴²⁰, mas de uma criança que, provavelmente, tenha caído dentro de uma banqueteta inadvertidamente.

Nesse sentido, se compararmos as mortes que ocorreram nas décadas de 1970 e 1980, que foram três, com as que ocorreram entre a década de 1990 a 2010, que contabilizam doze, ficamos com um quadro estatístico da seguinte forma:



**Fonte: Serviço Registral e Notarial "José da Cunha"
Pesquisa feita em 13 jul. 2011**

Na década de 1990, foram registradas duas mortes, sendo uma em banqueteta e outra em pedreira, contudo, para nossa pesquisa, essa última foi descartada. De 1990 a 2010, foram feitos onze assentos de óbitos ocorridos em banquetetas. Um desses óbitos foi o de uma senhora que se acidentou em uma banqueteta cheia de água e morreu afogada. O ano de 2010 é o que mais tem registros, foram quatro mortes.

Dessa forma, vemos que as mortes vão acompanhar o ritmo da extração do caulim e de sua tecnologia, uma vez que, quando a extração era feita em banquetetas de carretel, com pás e picaretas, tendo um nível de produção entre uma e duas *carradas* ao dia, os acidentes eram poucos. A partir do ano 2000, com a disseminação do guincho, a utilização de explosivos para aumentar essa produção, o número maior de *banqueteiros*, o crescimento nas vendas do caulim e a idade de algumas banquetetas, houve uma crescente nas estatísticas das mortes, como visto acima.

⁴²⁰ Comunidade distante, aproximadamente 15 quilômetros, da sede do município.

Por conseguinte, as sensibilidades dos juncoenses, hoje, associam esse trabalho à morte, o que não ocorria no início da década de 1970, período no qual eles associavam essa atividade à vida e ao dinheiro no final do mês para comprar a feira.

O medo, por sua vez, estava relacionado à perda desse emprego e à falta que ele iria acarretar na economia familiar. Um medo ligado à insegurança de não ter como se alimentar no final do mês pela falta de dinheiro para comprar os mantimentos. Hoje, existe o medo de não se conseguir o alimento, é evidente, mas também, há o medo de deixar a família desamparada devido a algum acidente, de não poder mais trabalhar, de não ter uma aposentadoria no futuro e de morrer.

Logo, é um medo, também, ligado à insegurança provocada por ameaças externas, nesse caso, um desabamento, que pode levar “[...] a qualquer momento nosso caro e familiar modo de viver e a própria vida podem acabar devido a algo totalmente inesperado e horrível...”⁴²¹.

Um medo associado à morte, produzido por um ambiente ameaçador, as banquetas, e por um possível soterramento. Um medo individual produzido por “[...] uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação...”⁴²².

Sendo assim, o medo sentido também é social e não pode ser confundido com a falta de coragem, mas, deve ser visto como um sinal de alarme e um instinto de defesa, levando esses trabalhadores do caulim a estarem atentos ao ambiente que os cercam e ao caráter de finitude do ser humano. Por conseguinte, “[...] é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte...”⁴²³.

À vista disso, o medo manifesta-se perante uma conjuntura de temor, seja concreta seja abstrata, e, o ser humano, devido ao seu caráter finito, por saber, desde tenra idade, que morrerá, é conhecedor do medo em um grau jamais visto por espécie nenhuma. Contudo, esse sentimento é expresso de várias maneiras e nos ataca, individual ou coletivamente, de muitas formas, logo, “[...] o medo humano, filho de nossa imaginação, não é uno mas múltiplo, não é fixo mas perpetuamente cambiante...”⁴²⁴.

⁴²¹ TUAN, op. cit., 2005, p. 345.

⁴²² DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada*. Tradução: Maria Lucia Machado; tradução de notas: Heloisa Jahn. São Paulo: Cia das Letras (Cia de Bolso), 2009, p. 30.

⁴²³ DELUMEAU, op. cit., 2009, p. 24.

⁴²⁴ CAILLOIS apud DELUMEAU, 2009, p. 23.

Outra mudança ocorrida no caulim ao longo destas décadas se refere à tecnologia. Inicialmente, tinha-se a extração em banquetas de carretel, onde os *banqueteiros* tiravam duas a três *carradas* no máximo, porque era manual, difícil, na picareta. Depois, passou-se para o guincho, o mais comum hoje em dia, aumentando a produção para 4, 5 e, às vezes, até 7 *carradas* por dia de caulim. Atualmente, estão, também, introduzindo máquinas mais pesadas, como a PC, cuja produção é de 20, 30 *carradas* de caulim diária e, se o local for virgem, esse maquinário pode extrair até 100 *carradas* em um único dia de produção, um ritmo acelerado de extração que pode diminuí-lo consideravelmente nos próximos anos, ou então, sua lavra tornar-se-á mais difícil de se realizar.

Esses são dados e relatos de garimpeiros que trabalharam durante o período demarcado e de *banqueteiros* atuais, os quais vão para o caulim hoje e aprendem com outros, posto que, “[...] as narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições...”⁴²⁵.

Portanto, a partir desta escritura, procuramos acompanhar, no período demarcado, os percursos dos garimpeiros e de Junco do Seridó, observando as transformações ocorridas na paisagem, nas sensibilidades e subjetividades dos sujeitos históricos envolvidos na tessitura deste trabalho. Com base nas memórias e histórias dos garimpeiros do caulim, buscamos captar a extração do caulim e o espaço da cidade em foco como uma fabricação historicamente produzida pelos corpos, sentidos e emoções formados, reformados e forjados dentro das banquetas e na convivência social com outros membros da comunidade e familiares.

E, assim, as emoções e os sentimentos fluíram da narrativa dos textos orais e da leitura dos seus corpos, e, assim, também, outras histórias foram costuradas com os fios das sensibilidades e dos sentidos, ajudando-nos a perceber as singularidades do que é ser garimpeiro do caulim – um ator que exerce seu papel em um cenário mesclado de drama, ação, aventura, comédia e terror, pois é um cenário da vida humana, um cenário construído por sonhos, por pó...

⁴²⁵ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In.: *História Oral*, 6, 2003, p. 21.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz . **História: a arte de inventar o passado – Ensaios de Teoria da História**. Bauru-SP: EdUSC, 2007.

_____. Da terceira margem eu so(u)rrio: sobre história e invenção. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado – Ensaios de Teoria da História**. Bauru-SP: EdUSC, 2007.

_____. Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado – Ensaios de Teoria da História**. Bauru-SP: EdUSC, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

_____. O espaço em cinco sentidos: sobre cultura poder e representações espaciais. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

_____. Bicho solto: natureza, espaços e história na transição da modernidade para a pós-modernidade. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

_____. O Teatro da História: os espaços entre cenas e cenários. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2.ed. Recife: FJN, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2001.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BARBOSA, Lívía. **Garimpo e meio ambiente: águas sagradas e águas profanas**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8. 1991, p. 229-243.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios de literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Vol. 1. 7.ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. A imagem de Proust. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios de literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Vol. 1. 7.ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. História cultural do brinquedo. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios de literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Vol. 1. 7.ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. O Narrador: Considerações a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios de literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Vol. 1. 7.ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, Fernando Tadeu de Miranda & PERARO, Maria Adenir (Org.). **Sonhos e pesadelos na história**. Cuiabá-MT: Carlini&Caniato: EdUFMT, 2006.

BURITI, Iranilson. **Leituras do Sensível**: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império. Campina Grande: EDUFMG, 2011.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. 2.ed. 9.Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Marcovaldo ou As estações na cidade**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO; MAUAD. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARLOS, Lindomar Bezerra Feitoza. **Vida de garimpeiro**. Cordel digitado. Junco do Seridó, jan. 2012.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____ et all. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, Coleção Memória e Sociedade, 1990.

_____. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

CUNHA, Inairan Cristino. **Representações sobre o Regime Militar Brasileiro (1964-1985): Um estudo no município de Junco do Seridó-PB**. 2006, 49f. Monografia de conclusão do curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2006.

_____. **“O caba cava a cova e leva a vela pra não morrer sem ela”**: narrativas de vida e morte no caulim. 2010. 21f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em História do Brasil e da Paraíba) – Faculdades Integradas de Patos (FIP), Campina Grande, 2010.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro-RJ: Rocco, 1986.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução: Claudia Sant’Anna Martins. Editora Brasiliense, s/d.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**: Revista da Associação Brasileira de História Oral. Nº 06, 2003, p. 9-25.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente (1300-1800)**: uma cidade sitiada. Tradução: Maria Lucia Machado; tradução de notas: Heloisa Jahn. São Paulo: Cia das Letras (Cia de Bolso), 2009.

DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000**: na pista dos nossos medos. Tradução: Eugênio Michel da Silva, Maria Regina Lucena Borges-Osório; revisão do texto em português: Ester Mambrini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

ERTZOGUE, Marina Haizeureder; PARENTE, Temis Gomes (Orgs.). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

FARGE, Arlette. **Lugares para a História**. Tradução: Telma Costa. Lisboa-PO: Editorial Teorema LTDA., 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. Versão 5.0. 3.ed., 1ª. Imp. revista e atualizada do Aurélio Século XXI. Edição eletrônica autorizada a POSITIVO INFORMÁTICA LTDA. ©2004 by Regis Ltda.

FLORES, Elio Chaves; BEHAR, Regina. **Memórias, percursos e reflexões**: com Antônio Torres Montenegro. João Pessoa: Revista Saeculum, Jan./Jun., 2008.

FORTE, José Filgueira. **Cooperativas de pequenos mineradores**: a experiência nos garimpos de pegmatitos do nordeste, 1994, 150f. Dissertação (Mestrado em Geociências). Área de Administração e Política de Recursos Minerais– Instituto de Geociências, Campinas-SP, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19.ed. São Paulo-SP: Edições Loyola, 2009.

_____. **Microfísica do poder**. Org., Trad. e revisão técnica de Roberto Machado. 28. Reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org., Trad. e revisão técnica de Roberto Machado. 28. Reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Tradução: Andréa Daher; consultoria: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

GOULARTE, Cláudia Cardoso. **Cotidiano, identidade e memória**: narrativas de camelôs em Pelotas – RS, 2008, 105 f. Dissertação de Mestrado (Ciências Sociais). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração**: memórias e práticas culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá-MT: Carlini&Caniato; EdUFMT, 2006.

INÁCIO, Juliana Lemes. A história oral na investigação das práticas sociais vividas por trabalhadores em Tapuirama, Uberlândia-MG. **Caderno de Pesquisa do CDHIS**. n. 36/37, ano 20, 2007, p. 153-162.

JESUS, Zeneide Rios de. **Eldorado sertanejo**: garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940), 2005, 222 f. Dissertação de Mestrado (História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

LANGUE, Frédérique. O sussurro do tempo: ensaios sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França. In: ERTZOGUE, Marina Haizeureder; PARENTE, Temis Gomes (Orgs.). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão et. all. 5.ed.4.Reimpressão. Campina-SP: Editora da Unicamp, 2010.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias – Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, José C. de Oliveira; BURITI, Iranilson; CHAGAS, Liliana Leite. **Homens arando novas formas de ser e viver**: bordando um outro sertão. Revista de História Regional, 2007.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade. **História: Questões & Debates**. n. 34, Curitiba: Editora da UFPR, 2001, p. 45-63.

MAYOL, Pierre. O Bairro. In: CERTEAU, Michel de et all. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MODOTTI, Tina. A imagem como testemunho. In: MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. Tradução: Rubens Figueiredo, Rosaura Hichemberg, Cláudia Stauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: A Cultura Popular Revisitada**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1994.

_____ et. all. (Orgs.). **História: cultura e sentimento – outras Histórias do Brasil**. Coedição: Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, 2008.

MOURA, Salvado Tavares de. **Serra Pelada: experiência, memória e disputas**, 2008, 120 f. Dissertação de Mestrado (História). Área de concentração: História Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2009.

NASCIMENTO, Pávula Maria Sales. **Espelhos de mim: entre as utopias e heterotopias da memória em José Lins do Rego e José Américo de Almeida**, 2009, 119 f. Dissertação de Mestrado (História). Área de concentração em História, Cultura e Sociedade – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2009.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral**. Nº 03, junho/2000.

OLIVEIRA FILHO, Valdinar da Silva. **A tradição por um fio: uma história das sensibilidades em relação aos espaços na crise dos padrões tradicionais de masculinidade no Nordeste (1940/1980)**, 2010, 205 f. Tese de Doutorado (História). Área de concentração História do Brasil – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PÉCORA, Patrícia Maria Palladino. Sonhos possíveis. In: BORGES, Fernando Tadeu de Miranda & PERARO, Maria Adenir (Org.). **Sonhos e pesadelos na história**. Cuiabá-MT: Carlini&Caniato: EdUFMT, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2.ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____; LANGUE, Frédérique (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

_____. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Rev. Bras. Hist. v.27, n.53, São Paulo, jan./jun. 2007. ISSN 0102-0188 (*versão impressa*).

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Tradução: Dora Rocha Floksman. Vol.2.n.3. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1989.

PRODER (Programa de desenvolvimento de emprego e renda). **Diagnóstico Sócio-Econômico de Junco do Seridó-PB**. João Pessoa: SEBRAE-PB, 1997.

RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social: Revista Sociol. USP**, São Paulo, 7 (1-2): 67-82, outubro de 1995.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 55.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

REMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François et. all. 3.Reimpressão. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.

SANTOS, Nádía Maria Weber Santos. **História de sensibilidades**: espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil, 1905/1920/1937), 2005, 385 f. Tese de Doutorado (História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das letras, 1996.

SELLIGMANN-SILVA, Márcio. Autobiografia, confissão, medo e testemunho: reflexões sobre uma voz dos cárceres brasileiros. In: ERTZOGUE, Marina Haizeureder; PARENTE, Temis Gomes (Orgs.). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

SERRES, Michel. **Atlas**. Tradução João Paz. Lisboa-PO: Instituto Piaget, 1994.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: Roupas, memória, dor. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TUAN, Yi-fu. **Paisagens do medo**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

Artigos online:

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **O tecelão dos tempos**: o historiador como artesão das temporalidades. Disponível em:
<<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2011.

_____. **No Espaço em que me Centro, em que me Identifico**: sobre identidade e região. Disponível em:
<www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>. Acesso em: 17 abr. 2011.

ALMEIDA, Iaponan Cardins de Sousa; RAMOS, Alexandre José dos Santos Ramos; DINIZ, Maro Túlio Mendonça. A problemática ambiental da extração de caulim no Alto do Chorão

em Junco do Seridó-PB. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DO GEÓGRAFOS – CRISE, PRÁXIS E AUTONOMIA: ESPAÇOS DE RESITÊNCIA E DE ESPERANÇAS, ESPAÇOS DE DIÁLOGOS E PRÁTICAS, 2010, Porto Alegre-RS. **Anais...** ISBN 978-85-99907-02-3. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/xvieng/anais/index.html>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

ANUÁRIO MINERAL BRASILEIRO 2006 – Parte III – Estatística por Substâncias. **DNPM**. Disponível em: <http://www.dnpm.gov.br/assets/galeriaDocumento/AMB2006/I_2006.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2011.

BARRAQUI, Douglas. **Por uma história ambiental:** a natureza de volta aos braços do homem. Disponível em: <<http://www.historiaambiental.org/index.php>>. Acesso em: 14 jan. 2011.

BURITI, Catarina de Oliveira; AGUIAR, José Otávio. **O tempo e a cultura da natureza:** uma análise das sensibilidades dos escritores regionais em relação ao semiárido do nordeste brasileiros. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao38/materia05/>>. Acesso em: 05 out. 2010.

CAMARA, Bernardo. **A Paraíba explodiu Hiroshima?** Disponível em: <www.revistadehistoria.com.br>. Acesso em: 03 out. 2011.

CARDOSO JR., Hélio Rebello. **Para que serve uma Subjetividade?** Foucault, tempo e corpo. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a08v18n3.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2011.

CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. Tradução: Christian Pierre Kasper. **Revista Brasileira de História**. vol.25. nº.49. São Paulo, Jan./Jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000100002>. Acesso em: 07 jan. 2011.

CUNHA, Inairan Cristino. “Cavar a cova e levar a vela para não morrer sem ela”: sensibilidades, identidades e memórias de vida e morte no caulim. In: II COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: FONTES HISTÓRICAS, ENSINO E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2010, Campina Grande-PB. **Anais...** ISSN 2179-2011. Disponível em: <<http://www.ufcg.edu.br/~historia/iicih>>. Acesso em: 07 jan. 2011.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL – **DNPM**. Disponível em: <<http://www.dnpm.gov.br>>. Acesso em: 1º jul. 2009.

DRUMMOND, José Augusto. **A história ambiental**: temas, fontes e linhas de pesquisa. Revista Estudos Históricos, Vol. 4, No 8, 1991. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2319/1458>>. Acesso em: 14 jan. 2011.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO – **IDH**. Ano 2000. Disponível em: <www.pnud.org.br/atlas/ranking/idh>. Acesso em: 31 jan. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – **IBGE**. Censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 12 mar. 2011.

LUZ, Adão Benvindo da et all. **Pegmatitos do Nordeste**: diagnóstico sobre o aproveitamento racional e integrado. Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2003. 49 p. (Série Rochas e Minerais Industriais, n.09). Disponível em: <http://www.cetem.gov.br/publicacao/series_srmi/srmi-09.pdf>. Acesso em: 01 set. 2009.

MASCARENHAS, João de Castro et. all (Org.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea**: Diagnóstico do município de Junco do Seridó-PB. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/paraiba/relatorios/JUNC095.pdf>>. Acesso em: 1º jul. 2009.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Temp(I)os de consumo**: memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX). SAECULUM – Revista de História. n.16; João Pessoa-PB, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum16_dos05_oliveira.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Colóquios, 2004. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Normalização de trabalhos técnico-científicos**. 2009. Disponível em: <www.biblioteca.pucpr.br>. Acesso em: 02 out. 2010.

SANTANA, José Augusto da S. **Padrão de distribuição e estrutura diamétrica de *Crótón sonderianus muell. arg.* (marmeleiro) na caatinga da estação ecológica do Seridó**. Revista Verde, v.4, n.3, Mossoró–RN, julho/setembro de 2009. Disponível em: <<http://gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/viewFile/201/201>>. Acesso em: 22 ago. 2011.

SERVIÇO BRASILEIRO DE RESPOSTAS TÉCNICAS – **SBRT**. Beneficiamento de Caulim: resposta técnica. Elaborado por: Luiz Rodrigues Pereira; Sândalo Salgado Ribeiro. Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais – CETEC, 2007. Disponível em: <<http://www.sbrt.ibict.br>>. Acesso em: 01 set. 2009.

SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar Y. **Uma história política da subjetividade em Michel Foucault**, 2008. Disponível em: <www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/fractal/article/view/104/165>. Acesso em: 28 dez. 2011.

VELOSO, Monica Pimentel. Sensibilidades sociais e história de vida. **Fênix**: Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 6. Ano VI, nº 3. Julho/agosto/setembro de 2009. ISSN: 1807-6971. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br>. Acesso: 23 jan. 2012.

Fontes Orais:

CARLOS, Francisco das Chagas. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011, 9f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

CARLOS, Lindomar Bezerra Feitoza. Junco do Seridó-PB, 19 out. 2011. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa juntamente com seu esposo e entrevistado Francisco das Chagas Carlos.

HELENO, Josinaldo Carlos. Junco do Seridó-PB, 12 abr. 2011, 8f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

_____. Junco do Seridó-PB, 20 out. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

MELO, José Fábio Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 04 nov. 2011, 7f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

_____. Junco do Seridó-PB, 20 abr. 2011, 10f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

MELO, Maria das Graças Feitoza de. Junco do Seridó-PB, 27 abr. 2011, 4f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de. Junco do Seridó-PB, 28 out. 2011, 11f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

SILVA, Alexsandro Galdino da. Junco do Seridó-PB, 26 mar. 2011, 3f. Digitado. Entrevista concedida ao autor da pesquisa.

Acervos consultados:

SECRETARIA DE SAÚDE DE JUNCO DO SERIDÓ. Ano de 2011. Perfil Epidemiológico de Saúde do Trabalhador.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE JUNCO DO SERIDÓ. Ano de 2011. Dados escolares.

SERVIÇO REGISTRAL E NOTARIAL “JOSÉ DA CUNHA”. Junco do Seridó. Relação de Óbitos: 1961-2011. Pesquisa feita entre fev. e out. 2011.

Fontes Visuais:

ALMEIDA, Iaponan Cardins de Sousa. **Pedra de caulim**. 2007. 1 fotografia colorida.

ARAÚJO, Amândio Cunha. **Praça Cel. José Ferreira**. 1969. 1 fotografia p&b.

AUGUSTO, Aldo. **Banqueta**. 2008. 1 fotografia colorida.

CUNHA, Inairan C. **Bairro Santo Antonio: Vista parcial – Auto do “Cruzeiro”**. 2011. 1 fotografia colorida.

_____. **Início da Rua Severino Coelho**. 2012. 1 fotografia colorida.

_____. **Final da Rua Severino Coelho**. 2011. 1 fotografia colorida.

_____. **Banquetões**. 2011. 1 fotografia colorida.

_____. **Caulim sendo extraído de um banquetão**. 2011. 1 fotografia colorida.

Prefeitura Municipal de Junco do Seridó-PB. **Vista área de Junco do Seridó**. 1972. 1 fotografia p&b.

Sítios consultados:

<<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em 31 ago. 2011.

<<http://www.ferias.tur.br/fotogr/73641/juncoaoamanhecer-fotopaulo-cezar/juncodoserido>>. Acesso em 23 jul. 2011.

<http://www.paraiba1.com.br/Noticia/51516_mineradora-registra-segunda-morte-de-garimpeiro-em-uma-semana.html>. Acesso em 02 de dez. 2010.

<<http://www.paralerepensar.com.br/cassimiro.htm>>. Acesso em 30 jul. 2011.

<www.cliquemusic.uol.com.br/discos/ver/paulo-diniz/estradas-2>. Acesso em 21 jul. 2011.

<www.dsc.ufcg.edu.br/~nigini/maps/Paraiba_Traveled_Medium.jpg>. Acesso em 21 jul. 2011.

<www.paraiba1.com.br/Noticia/52474_mineradores-morrem-soterrados-no-serido--sao-4-mortes-em-um-mes.html>. Acesso em 02 de dez. 2010.

<www.receita.fazenda.gov.br>. Acesso em 25 fev. 2012.